XAVIER MARQUES
(Da Academia Brasileira)

O SARGENTO PEDRO

(PREMIADO PELA ACADEMIA BRASILEIRA)

(Tradições da Independencia)

2.ª EDIÇÃO

1921
LIVRARIA CATILINA
DE *ROMUALDO DOS SANTOS*
LIVREIRO EDITOR
Rua das Princezas, N.º 6
BAHIA

O SARGENTO PEDRO

(Tradições da Independencia)

DO MESMO AUCTOR.

VERSOS

Insulares, (esgotado).

ROMANCES E NOVELLAS

Janna e Joel, em 3.ª edição da Livraria Catilina — Bahia.

Holocausto, editor H. Garnier — Rio.

Pindorama, nova edição da Livraria Classica de Lisbôa.

Maria Rosa e O Arpoador, (esgotado).

A Bôa Madrasta, editora Livraria Castilho — Rio.

O Feiticeiro, (no prelo).

A Cidade Encantada, editora Livraria Catilina — Bahia.

ESTUDOS

Vida de Castro Alves, (esgotado).

A Arte de Escrever, editora Livraria Alves & C.ª — Rio.

XAVIER MARQUES

O SARGENTO PEDRO

(OBRA PREMIADA PELA ACADEMIA BRASILEIRA)

2.ª EDIÇÃO

1921
LIVRARIA CATILINA
DE ROMUALDO DOS SANTOS
LIVREIRO EDITOR
RUA DAS PRINCEZAS, N. 6
BAHIA

I

SOBRE AS ONDAS

A madrugada, muito fria e ventosa, parecia ainda noite alta, noite sem estrellas, sem uma scintillação, uma faisca sequer desses fogos pallidos das alvoradas.

A bahia de Todos os Santos marulhava negra, atroadora, debaixo de uma cerração côr de ferro, com borbolhões de vagas grossas como golfadas de oleo.

Ao redor, as faixas de terra das ilhas e costas, fechadas em cortinas de vapor, tornavam mais denegrida a orla do horizonte. O vento, continuo e possante, soprava dentre léste e sul e arrancava taes échos ao mar, fazia-o mugir com uma voz tão longa e cavernosa que punha a imaginação em delirio e causaria horror a quem quer que não tivesse o habito de ouvil-o.

A embarcação que por esse crepusculo de inverno velejava para a costa ia, apesar de fragil, sem perigo, vento á pôpa, com tres ho-

mens resolutos e fortes, surprehendidos pelo rebojo em plena bahia. Por maior que fosse a illusão de ermo e soledade no meio do golfo escuro, elles sabiam que outras embarcações e outros marinheiros andavam por alli e além a lutar com o nevoeiro, cortando esse mesmo mar estuante e cerrado. E' que naquelles fins de junho, ás mesmas horas algidas do alvorecer, as lanchas balieiras sahiam dos portos da ilha, emquanto a ella voltavam os pescadores do alto, aquelles que, mais temerarios, não se arreceavam de aguaceiro ou ventania, e cortiam noitadas por cima das aguas bulhentas com o mesmo sangue-frio com que lançavam as linhas, em manhãs de bonança.

Os tres homens, imperturbaveis, sem temor de sinistro, deixavam correr a canôa, esperando a claridade matinal, que vinha, emfim, se annunciando por uns veios de jaspe no compacto negror de cima.

Um delles, todavia, se achava menos calmo que os outros. Não sendo pescador de profissão, tinha por isso mais pressa em franquear esse espaço cheio de estertores, murado de sombras que resumavam geada. Seus olhos, mal acostumados á privação de luz, arregalavam-se

para as trevas a doer; por vezes, galgando a canôa um cachão dagua, elle sentia passar-lhe pelos dedos collados á borda como que a lingua mellosa e voraz de um molosso. Cerrava as palpebras e em silencio, como os outros, ia escutando o mugir das ondas que se batiam ao longe de encontro a baixios, recifes e praias, produzindo aquella tremenda resonancia.

Pouco a pouco a escuridão se fez penumbra e esta se foi esgarçando a mais e a mais. Um como luar violaceo transcoou-se diffusamente na cerração. A essa luz macilenta os pescadores empallidecidos entreolharam-se como se viessem do fundo de uma solapa. O mais velho estava á pôpa, encorujado e mudo, numa antiga japona de baeta, com um arrocho de cordel por baixo da barba a segurar-lhe á cabeça o chapéo de pindoba alcatroado. No rosto de côr azeitonada, gordo e rebarbativo, fixava-se-lhe uma expressão dubia de somno, indifferença ou regelo; as palpebras grossas cahiam-lhe frequentemente em cochilos, e os labios remexiam-se num incessante ruminar.

Perto delle, sentado na pá de um remo, sobre o monte de rêdes, o seu moço de pescaria, coberto com um deploravel baetão vermelho, esfre-

gava as mãos calosas, levava-as á cara de tez mulata e apertava os queixos, soprando e assobiando para aquecer.

Quando este se voltou para o banco mais avante, junto ao mastro da véla, deu com o rosto do terceiro, e neste rosto de tom fulvo um olhar duro e hostil que parecia desafial-o. Com os dentes cerrados e uns estremecimentos nervosos ao longo da face larga, onde apenas se pintava um buço, Pedro dava com effeito ares ameaçadores e de vez em quando signaes de impaciencia. Seu busto recto e solido vestia-se tão sómente de uma camisa de flanella alvacenta e muito justa, que lhe desenhava a arca do peito; no logar da gola uma cava funda deixava emergir um pescoço taurino e a cabeça redonda com o cabello a voar, em caracóes.

— Quereria tambem zombar do rigor do tempo?

Fazendo a si mesmo esta pergunta, o moço de pescaria baixou os olhos. Dir-se-ia humilhado á vista do altivo camarada. E quiz dissimular o seu velho resentimento com alguma chalaça a proposito dos chuveiros nocturnos que os haviam encharcado a todos. Não achou palavras. O sorriso que tentara não passou de uma careta.

E mudou logo de posição, a lembrar-se de cousas passadas, havia mezes.

Era o maior caso da sua vida solteira e sem norte. Como esquecel-o? . . .

Certa manhã caminhava a esmo pelo baixio de noroéste, acolá, na «Ponta das Baleias». Era de vasante a maré e o sol despontava. Uma rapariga em trajos de banho descia a passos de garça para a praia. Elle viu-a mergulhar as pernas, timida e ardilosa, com espasmos de frio, e ir pouco a pouco se escondendo n'agua, até perder o medo e lançar-se de bruços naquelle seio prateado e liquido que já resplandecia aos clarões matutinos. Seguiu. Mais adeante parou e volveu os olhos atraz. Ella continuava aos abraços, abraços violentos com o mar; e o mar, fresco e tumido, lhe sorria como um velho enganador. Ainda uma vez marchou e tornou a voltar-se para ver. A moça avançava agora, destemida; avançou e metteu-se n'agua até a garganta.—Oh! temeridade! Quando elle quiz avisal-a já ella agitava os braços e gritava. Estava no perau, atolada, agarrada pelos pés. Certo disso apressou-se, correu, lançou-se a nado e foi cingil-a fortemente pelos hombros, no momento em que o perau, sugando-a mais um

palmo, lhe fazia beber a grandes sorvos. Alcançou a praia; mas a banhista, quasi sem sentidos, deixou-se cahir molle na areia. Carregou-a até a porta de casa, bem satisfeito com essa inesperada fortuna de salva-vidas. Viram-no passar, e acudiram com louvores ao seu acto. A moça era filha de uma ilhôa com um João Portuguez. Os paes lhe agradeceram a boa acção, e ella mais tarde, tornando a si, sorriu-lhe. Chamavam-lhe Mercês . . . E foi tudo.

Ah! mas porque havia de ser elle e não outro que a salvasse? . . . D'alli por deante era a linda boca a lhe mostrar o lindo sorriso, e elle a pensar que tivera nas mãos, que tocara e sentira a polpa fina daquelle corpo branco e torneado . . . Foi um supplicio longo, supplicio de duvidas, de desejos, de escrupulos. Emfim, uma força céga da alma pôde mais que os seus escrupulos, e dia houve em que suppoz ter nas malhas da rêde a sua mais rica pescaria.—«Engano, Sambeiro!» Engano, sim, porque logo a ambição cresceu no peito de outro homem, que lh'a roubou deslealmente . . . Esse homem, esse ambicioso chamava-se Pedro Carpinteiro e estava alli sentado, bem perto delle, no banco da véla . . .

Desfechando um murro na borda da canôa,

como para desentorpecer a mão, Zacharias Sambeiro tornou a olhar o ladrão da sua *pescaria*. Tinha-lhe medo? Não, mil vezes não. Mas Pedro, carpinteiro de profissão, tinha amigos, tinha casa e fartura; elle, Sambeiro, era sósinho no mundo e morava num quarto de aluguel do *Convento*, aquelle casarão de cem moradores, assim chamado porque abrigava, lá na Ponta das Baleias, os que só tinham de seu o sol e a lua. Pedro vestia-se de boa ganga, e assim ia ás missas, com pesos castelhanos a tinir nas algibeiras; elle, Zacharias, vestia umas calças velhas com remendos e os bolsos furados. Pedro, para encurtar razões, era filho desse velho André que vinha alli á pôpa da canôa, pescador de estima, que entrava até na sala do senhor cirurgião e conversava com o vigario e o governador da ilha.

—Mas foi uma senhora traição, disse comsigo, vendo a canôa pender quasi alagada.—Traição foi, e se este mar lhe faz outra... não era bem feita?

Nesse momento o olhar do velho, muito sisudo e severo, cravou-se-lhe no rosto; e elle tornou a falar, sempre comsigo:

—Cala-te, Sambeiro, que a gente tambem paga pelos maus pensamentos...

II

OS BRIGUES

Viam-se as terras da ilha, cuja verdura accumulada a oéste, sobre os outeiros, se recortava no horizonte, desenhando fórmas caprichosas e vagas, meias luas e dentes que furavam a cerração. A claridade não era bastante para que se descortinasse todo o ambito da bahia, mas essa fraca luz permittiu aos moços surprehender ao largo, atravez de uma chuvinha esfarelada e geral que começava a cahir, alguns pannos empinados e alvos, mais alvos que a bruma do espaço.

Notando que essas embarcações vinham da Ponta, ambos gritaram ao mesmo tempo:

—As balieiras!

O velho que já as tinha visto, contentou-se com olhar de esguelha, dizendo:

—As balieiras? 'Stá bom . . .

Por baixo do seu chapéo breado elle revia a ilha, um tanto mysteriosa, nessa hora, como que

sossobrada num pelago de cinzas. Deteve-se a olhar um ponto culminante chamado o Balaustre. Dahi até as aguas do canal, do lado do occidente, passando por cima do Outeiro, da Eminencia e da povoação que lhe ficava proxima, distendia-se o espectro de um arco-iris desbotado, esmaecido, como aquelles que appareciam ao clarão lunar em certas noites de outono.

—Desagúa lá em terra, avisou o carpinteiro.

—E' de alagar... Com effeito.

Mas o velho André, sem dizer palavra, tornou a procurar os pannos das suppostas balieiras; depois fechou os olhos e ficou a pensar, com uma doce melancolia no intimo da alma.

A chuva molhava os cerros e campinas da ilha. Essa chuva criadora fazia reverdecer os pomares, que se tufavam nas encostas e quebradas das collinas, e quando as aguas cessassem, despontando Setembro, seria de ver a força, o viço, a alegria das arvores.—Ah! pelo bom tempo, como era lindo aquillo... As mangueiras floresciam e o aroma das suas flores era tão forte que vinha até ás ondas, quando o terral soprava, annunciar aos pescadores a boa fructa que não tardaria a abarrotar suas mesas,

para temperar o fogo das moquécas ardentes e a maresia do pescado fresco. Então é que era saber um pucaro d'agua fria das vertentes do Outeiro, aquella agua de prata viva que Deus mandava se bebesse . . .

As narinas do pescador palpitavam, farejando no seu mar aromatico a longinqua fragrancia das mangueiras floridas.

Inestimaveis cousas, deliciosas tentações do paladar de André, a cujos olhos semi-cerrados crescia sempre a ilha natal com os encantos de um thesouro mal occulto á cobiça do mundo. Oh! quanto mimo sem preço acolá... Os coqueiros, sem numero, mal aguentavam o peso dos cachos... Já lá se viam os coqueiros gigantes. O mangue era um viveiro de mariscos, de ostras, de sernambys, de aratús e caranguеijos... Nas praias a melancia estirava como sarçaes pelas sombras das amoreiras, das bananeiras, dos limoaes e cajueiros. Nos areaes do interior eram as mangabas de um exquisito gosto doce-amargo; nas quintas e roças, quasi á beira d'agua, parreiras de uvas carnudas, romãs de bagos enormes, sapotas doces como favos de mel. E matto dentro, pelas hervagens de alecrim cheiroso, a creação

gorda multiplicando; e nas cambôas o peixe encurralado, aos cardumes...

Cioso das riquezas da pequena terra, o velho pescador sentia-se agora meio agoniado com a suspeita, quasi certeza, de que andavam estranhos a espiar o seu thesouro.

Quando elle se lembrava de uns estrangeiros que lá estiveram, havia annos, procurando minas de ouro, carvão e diamante, aquellas riquezas ganhavam proporções fabulosas e todas as idéas se lhe confundiam na cabeça. Os estrangeiros partiram, foram-se embora, mas de que serviu, se num tempo de amotinação, de combates na cidade, os lusitanos não sahiam da Ponta das Baleias?...Lá chegavam elles, enchiam as casas dos patricios, banqueteavam-se, bebiam, saudavam-se com cantorias, *hips* e guitarradas; depois disso retiravam-se, para dias depois voltar ás mesmas folias.—Que queria dizer?... A cidade já era delles, o povo de lá fugia a pés de cavallo, debaixo de ferro e fogo... O Madeira era um senhor de baraço e cutello... E agora aquellas embarcações rondando de madrugada, com mau tempo, os portos da ilha... Que queria dizer? Que ia succeder?

Os dous moços perceberam em breve que elle

falava, e Zacharias Sambeiro, que lhe ficava mais perto, prestou attenção.

—Lembras-te de uns que andaram lá caçando minas?...Diziam elles... que eu por mim não sei o que elles caçavam.

—Lá onde?

—Ora...na ilha, na baixa do Balaustre, aqui e acolá.

—Ah! sim, senhor. E então, acharam alguma cousa?

—Quem soube nunca! Segredo, segredo...

Zacharias calou-se, convencido de que o velho ou treslia ou sonhava. Por sua vez Pedro perguntou o que era.

Com um gesto violento, André rodou com a cabeça para o norte e para o sul; sua face picada de marcas de bexigas apparecia livida por effeito da friagem; os olhos fitaram-se esgazeados no moço de pescaria, a quem de novo interrogou, em voz alta e firme:

—Tu viste bem que eram as balieiras?...

—Aquelles pannos que passaram, no lusco-fusco?

—Sim, homem de Deus.

—Tantas como seis, contei eu.

—Então eram *balieiras!*... Tambem viste...

eia, Pedro! gritou elle para o filho, com impaciencia.

— As balieiras?... sim, senhor.

Sambeiro não se pôde conter; accrescentou, escarnecendo:

— Então vosmecê estava cochilando, que não viu.

— Cochilando ... cochilando. Sae-te dahi. Ainda é preciso que eu te diga?

Riu-se com sequidão, sem gosto, e pausadamente, para ler no rosto dos moços o effeito das suas palavras, ajuntou:

— E se fossem os *briguês!* ... Os brigues do Madeira ... hein? ...

— Ah!

Os moços cahiram em si. O gesto e o tom do experimentado pescador trahiram toda a inquietação que se occultava atraz da sua conjectura.

— Os brigues! repetiram.

Essa historia de barcos de guerra, já murmurada na ilha entre arrepios de pavor, envolvia com effeito formidaveis ameaças. Eram taes os perigos e transtornos por ella suggeridos, que os habitantes da Ponta das Baleias, em sua maioria, nem pensar nisso

desejavam. A possibilidade da vinda de taes barcos era repellida quasi como um absurdo. Não assim pelo velho André que, emfim, falava, e de maneira tão grave que fazia scismar.

Pedro pensou logo em seu estaleiro cheio de paus e taboado, de quilhas e cavernas sempre em cima dos picadeiros; pensou na paz daquelle sitio, onde o proprio trabalho divertia com os ruidos asperos das serras e dos machados a desdobrar e lavrar madeira, e — visão supremamente assustadora — pensou naquella que o esperava, que o chamava de longe com tanto insoffrimento na linda boca vermelha e nos olhos grandes, castanhos, como o seu frondoso cabello . . . Pensou em Mercês.

Zacharias tinha quasi as mesmas razões para desejar o pasmatorio da vida naquellas praias onde nascera. Se alguma cousa devia mudar, que fosse a sua má fortuna. Assim como assim, valia a pena viver: atropellos, confusão, guerra, morte, isso só lhe serviria quando não pudesse mais ter a esperança de readquirir a perola que elle pescara no perau . . .

Entretanto, Pedro se erguera do banco. Inteiriçado, alto, sondava o horizonte, emquanto Zacharias Sambeiro, já esquecido de todas as idéas tragicas de vingança, entregue á sua indole versatil, recahia sentado na pá do remo a chacotear dos brigues.

— Pois se têm de vir, meu velho, que venham logo. A maré é bôa e a gente aqui é um cardume de peixe tolo. Cáe tudo na tarrafa . . . tudo.

Disse e riu-se para o velho, que o reprehendeu nestes termos:

— Tu nunca falas sério. Tu não tens mulher, nem filhos, nem casa. Teu corpo só . . . é por isso.

— É mesmo, respondeu o moço, com cynismo. Eu sou como o urubú: eu tenho aza, p'ra que quero casa?

André não lhe deu mais resposta. Vendo o filho de pé a perscrutar a bahia, perguntou:

— Pilhaste alguma cousa?

— Nada. Já lá vão embaixo de terra, dá outra banda.

— Uhm! Vae vendo . . . Em beira de terra não se pesca baleia.

A observação era justa.

Sambeiro calou-se.

As costas e os montes da ilha clarearam.

III

A PARABOLA DO PESCADOR

Em pleno dia entraram na enseada.

O sol encoberto pela bruma diffundia uma claridade baça.

Para o concavo da praia de Amoreiras o sopro de léste ainda rolava maretas e maretas, que se iam esmagar com rumores roucos sobre os areaes brancos e os lagedos esverdinhados. Alli se frocavam espumando, franjando de arminho o pé das collinas afuniladas, de feitio e côr que lembravam os sinos de bronze verde na torre do Sacramento.

O vaidoso Balaustre levantava o cabeço ruivo, quasi limpo de relva; a Eminencia seus tufos de cajueiros e pitangueiras sombrias. Pelas quebradas e baixas tocàvam-se os massiços e rotundas do mangueiral e as ramadas curvas das plantas aquaticas.

A Ponta das Baleias, fina como uma lingua, coberta pela baba do mar, alongava se num

fundo de nuvens roxas onde mergulhavam os cimos da «igreja nova», da sua grande igreja toda branca, as palmas dos coqueiros a oscillar e os tectos das casas afumados e abatidos. Bem no extremo um rochedo que vinha emergindo á flor das aguas era a fortaleza de S. Lourenço.

Na «corôa dos Cavallos», extenso banco de areia que lhe fica a nordeste, as vagas batiam e rebatiam; por cima delle pairava uma nevoa de leite e aljofares que ás vezes subia mais no horizonte, velando os muros tintos da fortaleza.

André ruminava ainda a hypothese dos brigues lusitanos, cujos bordejos até aquelle dia se limitaram ás angras do Reconcavo, onde acampavam os emigrados da cidade. Quanto mais banzava menos duvidava. Duvidar porque? Tão poucas vezes na sua longa vida cahira em enganos . . . E' que sempre desconfiara, sempre . . . Que elle não costumava receber moeda sem lhe mirar o avesso.

Tanta certeza emfim attribuia ao caso, que já se punha a cogitar da defesa. Que defesa era possivel? Que valiam os habitantes da Ponta? Um «cardume de peixe tolo», era

assim que Sambeiro os tratava. Mas esse pobre rapaz não tinha cabeça, estava claro que não. Ora parecia valente, ora mofino; ao mesmo tempo sério e sem vergonha . . . Devia responder-lhe; e como visse as ondas marinheiras a rebentar no baixio, chamou-lhe a attenção, e em tom de advertencia e incitamento, de modo que Pedro tambem o ouvisse:

— Olha acolá, menino, na corôa, uma cousa que vês todos os dias . . . Aquella escumarada!

— Em todo o baixio é isto, meu velho.

— Já se vê, quando o vento é forte. Quem diz o contrario? Mas fica sabendo: o mar faz mais onda em cima da *corôa*, mas é porque lá topa contratempo . . . Entendes? Agora deixa vir quem quizer contra o *tôlo do peixe*.

O moço de pescaria abriu grandes olhos pasmados, levou a pensar, finalmente confessou com esgar de riso:

— Se eu disser que não atino . . .

— Bem eu digo que não tens cabeça, volveu André, de mau modo.

Em seguida bradou para o filho:

— Afrouxa o cairo! Safa a espadéla!

E mais baixo, falando a si mesmo:

— Então não eram os brigues? . . . Vamos

p'ra terra; lá se ha de saber de que morte morremos.

Pedro, executada a manobra, demorou a vista no ponto que o pae acabara de indicar. Correndo e cercando o baixio, as vagas arremettiam volumosas, cahiam espraiando muito, e a espuma esfarelada nos ares parecia fumegar como o cachão das cachoeiras.

Tambem já vira, e muito, aquillo. Pelas noites de lua embaciada, nesse tempo chuvoso e ventoso, quantas vezes não deixara os olhos esquecidos na transparencia daquelles liquidos turbilhões! E a idéa que lhe acudia, o que julgava entrever á luz verde e pallida do céo, nem elle sabia definir . . . Era alguma cousa semelhante a uma batalha de monstros, de cavallos informes, crinalvos, furiosos . . . Surgiam do largo esses urcos marinhos e galopando investiam, sacudindo as comas brancas, que ás vezes se derramavam no baixio como uma chuva de diamantes. Apenas este empinava, saltava aquelle, trepava-lhe á garupa, fazia-o rojar ao seu peso; e atraz desse, outro, mais outro, innumeraveis, infinitos, aggredindo-se e embaraçando as grenhas antes de rolar estatelados no banco de areia.

As illusões que davam essas maretas! . . . Ouviam-se mesmo de longe uns como estalos de ossos que se quebram, cria-se ouvir um arquejar de bestas a galope, sentia-se-lhes o halito nas lufadas que de lá chegavam, acres e quentes, com um calor de verdadeiro combate. Por fim sumia-se o baixio, todo alagado; mas o fervedouro não cessava nos ares nem se aplacava a luta senão quando o vento cahia. E elle que isso presenceava, da soleira de casa ou das orlas humidas da praia, ficava extasiado, e seus labios não sabiam mais que repetir a sentença dos velhos pescadores: — « a alma do mar é o vento ».

Pedro comprehendia agora em todo o seu alcance o pensamento do pae André. D'antes não ligava outro sentido áquellas maretas irritadas, exasperadas contra o obstaculo do baixio. Agora comprehendia tudo. E imaginava, comparava: tambem elle o que seria, que seriam outros como elle se um tufão de guerra soprasse e em desafio lhes apparecesse alli qualquer estorvo de barco inimigo? Seriam ondas, tão certo! . . . ondas como aquellas, selvagens, loucas, crescendo e recrescendo com bramido medonho de féras, até despedaçar e arrazar o brigue ousado que se atrevesse . . .

Pedro levantou-se ainda uma vez do banco e com o peito a arfar, a cabeça alta e o olhar vibrante, percorreu todo o espaço do golfo que se podia ver da enseada. Nem o ponto branco de uma véla . . . Sobre os mangues da costa voavam galeirões mesquinhos como insectos, o mar estremecia, os montes pareciam pequenos; só elle avultava, soberbo, senhor de forças indomaveis, capaz de prodigios inauditos.

De repente passou-lhe pelos cabellos uma dura refrega que empolou a véla da canôa.

—Olha, gritou o velho da pôpa.

Elle olhou e tornou a ver as maretas girando, correndo, em alas curvas e longas, até pularem na *corôa*, mas pularem tão alto, exhalando um fumo tão espesso de vapores brancos, que nelle desappareceram momentaneamente as muralhas da fortaleza, como se derrocadas fossem naquelle impeto da agua convulsionada.

IV

REBATE DE GUERRA

Quando a canôa fundeou no porto já outras muitas estavam de pannos ferrados.

Um grupo de homens falava na praia.

Talvez falassem do caso.

André conteve-se apenas emquanto os dous moços, enfiando um remo por baixo da rêde enrolada, e suspendendo-a nos hombros, seguiram para a estacada que protegia uma casinhola pendurada em alicerces altos. O mesmo faziam diversos outros pares de homens, conduzindo seus apparelhos de pesca para as casas e os cercados. Essas cercas feitas de paus e ossos alvos de baleia eram obras de defesa indispensaveis, porque durante as marés vivas, nesse flanco da terra exposto ao nascente e conhecido por *Banda da Praia,* as aguas cresciam até ao nivel das soleiras, indo alagar os aposentos.

Ao voltar da estacada, os moços viram André já no meio do grupo a indagar para aqui, para alli:

—Vocês viram alguma cousa no mar? Não viram?

Respondeu-lhe um creoulo esgalgado e friorento, a bater os queixos:

—O que a gente viu foi a morte nos olhos... Uh! uh!... Na Ponta da Margarida, com escuro, o aguaceiro cahiu-nos de sopetão pela prôa. Uh! uh! que salseiro! A gente, nem tacto nas mãos p'ra desatar o cairo.

O caso era vulgar; não interessava a André. Aos camaradas que se acercavam delle, uns bravamente expostos á intemperie, o peito nú, luzente de fios liquidos, outros curvados sob os grandes chapéos embebidos, com os pesados gibões ás costas ou o camisú de baeta por cima das calças, a todos fazia a mesma indagação:

—Não viram? Não viram nada?...

Essa insistencia e o modo mysterioso por que se repetia a pergunta iam excitando as cabeças ainda balançadas pela vertigem das ondas.

—Mas o que ha, *seu* André?

—Seria alguma manga d'agua?!

Nem elle quiz ver quem lhe dirigia a pergunta.

Descia o becco, entre a sua casa e a do visinho calafate, um mulato baixo, gordo e grisalho, com

uma argolinha na orelha e os braços rijamente cruzados sobre o baetão azul que lhe forrava o peito. André foi-se a elle meio corcovado e, derreando para traz a cabeça, com o olhar acceso, perguntou-lhe á queima-roupa:

— Sôr Calixto, vá me dizendo, quantas balieiras sahiram esta madrugada?

— Nem uma, rosnou de prompto o balieiro.

Elle virou-se com vivacidade, os olhos ainda mais esbugalhados, para o filho e o moço de pescaria:

— Então? . . .

A resposta de Calixto excedia a sua propria espectativa; pelo que insistiu, com espanto, para certificar-se:

— Nem uma, sequer ao menos!

Os pescadores rodearam-no, todos sisudos, já agora com ancia de obter a chave do mysterio. Quando o velho se viu apertado na turba, centro da curiosidade de tantos camaradas, começou, num tom que parecia exprobrar-lhes uma falta grave:

— O que ha? Eu já digo. E' muita cousa... Lembram-se do banzé que andou na cidade, tiros de peça, sangue correndo, gente fugindo, não faz quatro mezes? Pois não cuidem

de si, não, que hão de ver. Ah! eu nunca me enganei . . . Querem saber o que eu vi com estes olhos? Foi isto . . .

Suas phrases eram cortadas, seus olhos chispavam. A exaltação obrigava-o ás vezes a parar, engasgado com as palavras.

Que eram as barcas lusitanas, contou, aquelles brigues de guerra que navegavam cruzando pelas enseadas do Reconcavo a impedir o transporte de mantimentos para as villas de Cachoeira, S. Francisco e Santo Amaro. Não sabiam porventura que o povo da cidade, os brasileiros, fugiam para alli? que a cidade estava em sitio, entregue aos lusitanos, aos soldados do commandante Madeira? Pois sim, agora (e baixou a voz) que lhe dissessem o que vinham fazer aquelles marujos amigos de João Portuguez, de vez em quando na Ponta, em casa dos patricios, em comes e bebes, com tocatas e urrahs . . .

—Já eu desconfiei, disse Calixto, pondo o dedo indicador na barba.

—Cuidavam que aquella amotinação da cidade deixava em paz a gente que vive no seu trabalho, em seu canto? Ai! não, por meus peccados . . . Que vos fizemos, Mãe Santissima?

As barcas rondaram este porto, hoje de madrugada... Que dia é hoje? Quem quizer que escreva; hão de saber mais tarde se André mentiu, se o velho André se enganou. Daqui sahiram ellas com prôa p'ra léste. Foi ou não, Pedro? E tu Sambeiro... Ah! p'ra ti eu estava cochilando...

O pescador interrompeu-se para tomar folego; mas logo os camaradas levantaram as vozes, protestando innocencia, como se já estivessem perante o juiz que os devia julgar.

—Se aqui ninguem se metteu nesses negocios...

—Como é! Ha de pagar o justo pelo peccador?

—Esperem... atalhou um delles, dando uma palmada na testa e apontando para o mar.—Naquella altura avistei eu, antes de cahir o aguaceiro... ó Grauna, o que viste acolá? Uma nuvem branca, tu disseste. Qual nuvem!... Foi vela de navio, agora atinei.

Outros lembravam, por sua vez, certas manchas que fluctuaram no canal durante a noite.

—Que rumo tomaram?

Pedro Carpinteiro indicou a direcção, e um troço correu para a vasa.

Emquanto os rapazes, menos conscientes do perigo, faziam tiro do peixe, lançando-o das canôas á praia, elles acenavam desordenadamente espiando os longes da bahia, sempre coberta de nevoas.

O velho André, sentado numa pedra, a mão no queixo, olhava os galeirões e gaivotas que voavam placidamente por cima da *corôa*.

Os homens nada descobriram. Voltaram, misturaram-se com as mulheres que acudiam, falando alto, como gente acostumada a entender-se no meio do estridor das ondas e das tempestades. E ninguem fazia caso do peixe que rolava na areia.

O borborinho chamou mais gente ao porto. Chegaram meninos, nús, com os beiços brancos, a brincar na vasa, pelando-se em caravellas, escorregando em aguas-vivas. As casinhas entreabriam as portas. Surgiam cabeças curiosas; vultos encapotados sahiam, furando as cercas brancas de ossos de baleia, attrahidos todos pelo sussurro. Pelo lado do *Convento* appareceu uma creoula, velhusca e magra, com uma mulata gorda e colossal, que Sambeiro chamou:

—Maria Felippa! . . .

A creoula veiu ao encontro de André, mas

encontrando o rapaz, que batia os queixos, gesticulou com angustia, deante delle:

—Que novidade é, Graúna?

—Guerra, tia Manoela.

—Outra vez!... Mas aqui? Deus nos acuda!

Todos os homens subiam, commentando, trocando gestos e palavras, esquecidos da pescaria e de si proprios.

Por suggestão do velho André sentiam-se em perigo, sobresaltados, mortificados. Já ninguem podia estar tranquillo.

E em poucos momentos era a terra, de praia a praia, sabedora do estranho caso. Diziam uns: «Foi Pedro Carpinteiro que viu as barcas do Madeira bordejando aqui perto».

Adeante exaggeravam-se as côres: «Um pescador viu brigues de guerra desembarcando marujos na costa da ilha».

V

O ENXAME ASSANHADO

A umas dez braças da casa de André, e antes do alambique que alli havia, no mesmo cordão, uma pequena vivenda, de porta e janella, se conservava fechada. Era a unica; todas as mais já estavam abertas.

Defronte dessa casa, onde morava João Portuguez, se agglomeraram os pescadores, continuando a falar, sem saber que remedio dar ás suas inquietações. As mulheres, que ainda surgiam, vinham espantadas, com o estribilho nos labios:

—Que novidade é?!

E inteiradas do facto, alli se ficavam apoquentando com previsões terrificas, zangadas por esse desconcerto subito na sua vida monotona.

Os calafates que sahiam para a querena com as caixas de ferramentas e rolos de estopa metteram-se na turba, ao mesmo tempo que os carpinteiros e ferreiros. Um destes, de nome

Sergio, branco, de uma pallidez biliosa, o avental encarvoado á cintura, perguntou em grita, com os punhos cerrados, alludindo ao commandante Madeira:

— Que quer aquelle maldito lusitano, não me dirão?

Alguns dos companheiros mais calmos e prudentes foram seguindo para a praia occidental, onde tinham suas tendas.

Nesse interim ouviu-se trincar uma chave, e a porta de João Portuguez abriu-se a meio. O homem, vermelho, barbudo, com um vinco forte na testa, assomou á soleira calçado de soccos, coberto de um chapéo de feltro de abas largas e de um jaquetão de briche côr de avelã, cuja gola suspendia. O seu habitual sobrolho nunca o fizera tão aborrecido. Olhou ao redor com olhos velhacos, sem os firmar em ninguem, tornou a baixar a cabeça e sem perguntar o que havia sahiu, medindo lentos e pesados passos com destino ao seu emprego.

Esta circumstancia accusou-o. Viram muitos nessa indifferença do portuguez um indicio vehemente de trama em que elle seria cumplice. Alguem suggeriu:

— Se elle não é espião do Madeira . . .

— Será?

— Sou capaz de jurar, disse outra voz.

Os grupos firmaram-se, acompanhando-o com as vistas. O silencio geral denunciava-o.

Depois como o portuguez se approximasse para dobrar o becco, todos recuaram num movimento de antipathia, a que o homem pareceu não dar maior importancia do que ao proprio ajuntamento. Isso indignou os mais exaltados.

O emprego de João Portuguez era no alambique do sargento-mór da milicia, Antonio de Souza Lima, tambem lusitano. Occorreu então a Pedro um expediente; e a sua voz ergueu-se, dominando o borborinho.

— Nós o que devemos é ir já dar conta de tudo ao sargento-mór.

— Ao sargento-mór ou ao nosso governador?...

— Ao sargento-mór, responderam muitos.

O governador da ilha habitava numa fazenda ao Bom Despacho, a duas leguas da povoação. Seria mais facil recorrer ao seu ajudante de ordens, o capitão Barros Galvão, que morava em sua roça de Amoreiras, ou ao tenente José Pedro, commandante da fortaleza. Filhos da terra, estes haviam de ser a favor dos patricios. Mas

o alvitre de Pedro vingara. O chefe da milicia habitava alli perto desde muito; tinha suas quintas, seus alambiques e barcos, e apesar de portuguez vivera sempre em harmonia com o povo.

—Vamos p'ra lá.

Calixto separou-se, e desabusado, sem mais freio na linguá, declarou:

—Hão de ser uns por outros: cré com cré... Eu é que lá não vou.

E repuxava os bigodes grisalhos, espreitando o vulto do portuguez, cujos sóccos ainda soavam—troc, troc—nas pedras do becco. Irritava-o a sobranceria desdenhosa daquelle rosto pelludo. De novo invectivava-o pelas costas, quando notou que o alambiqueiro, longe de apressar-se, como que demorava os passos e, cousa mais grave, cruzava os punhos na trazeira do jaquetão.

A esse tempo surgia um aprendiz calafate com o escopeiro debaixo do braço. Calixto dá para elle um bote, arrebata-lhe o pedaço de pau breado e, arvorando-o, corre no encalço de João Portuguez.

Um grito de mulher prorompe, incitante, terrivel.

— Dá-lhe!... Dá-lhe!...

Era Maria Felippa.

A seu lado Marcolina, rapariga branca, de vida solta, exclamou atemorisada:

— Vejam só... vejam a perdição!...

Já o lusitano voltava o rosto, andando ás recuadas, em guarda. Ouviram-no gritar, levando a mão á cinta:

—Não me deixará? Não me deixará?

Iam bater-se, mas Pedro não lhes deu tempo. Atirando-se ao aggressor, tomou-lhe o escopeiro.

O pae André vendo esta scena afastou-se, cabeceando.

—Não ha mais socego, não ha mais socego nesta Ponta. O diabo andà á solta aqui. Mas eu fiz a minha obrigação... não tenho culpa... Tia Manoela, que é que eu trazia na mão?

Não sabia mais onde puzera seu peixe. Manoela, sua fiel caseira, mostrou-lh'o dentro de uma cuia, junto a umas pedras.

E seguiram ambos muito desassocegados.

Pedro desappareceu e tornou, calçado, vestido com umas calças de ganga amarella e um capote preto. O balieiro ainda vociferava num grupo, fazendo menção de arpoar, emquanto a mãe do

ferreiro Sergio, em busca do filho, passava sus pirando, com as mãos na cabeça:

—Os peccados da gente... ,

O rumor do povo, a noticia espalhada por toda a povoação de S. Lourenço não trazia á Banda da Praia nenhum dos homens bons que poderiam tranquillisar os espiritos. Já se desconfiava que todos elles houvessem emigrado, sabendo do que estava para succeder. A ninguem occorria que essa manhã de bruma e geada afugentava daquelle sitio os homens bons. Como quer que fosse, dispunham-se os pescadores a ir denunciar do caso ao commandante da milicia.

Foi no acto de partirem que á porta de João Portuguez appareceu, ainda estremunhada, com os cabellos embaraçados, uma rapariga de talhe mediano, rosto redondo e claro, abotoada num jaleco vermelho. Ella tambem olhou, como o pae, franzindo as sobrancelhas; com as mãos alvas prendia impacientemente os fios de cabello que o vento lhe desalinhava; a saia preta espichada punha-lhe em relevo o torneio das coxas e das ancas. Descobrindo o carpinteiro, fez-lhe signal, chamando-o.

—Que foi isto? perguntou.

Pedro encarou-a com pesar e dominando a sua agitação de espirito, disse:

— Não se assuste, Mercês. São as embarcações de guerra que estiveram perto daqui esta madrugada. Ahi está o que eu fui ver no mar... Mas ninguem sabe o que ha; ha de ser o que Deus quizer. Eu só sinto uma cousa... Seu pae...

— Meu pae?... Ah! como que ouvi gritos, barulho... Foi com elle? fizeram-lhe alguma cousa? Bem ouvi... pareceu-me...

Vendo-a sobresaltada, afflicta, a lançar para um lado e outro os olhos perturbados, Pedro odiou de morte os homens e os brigues que davam logar a tudo isso.

— Não houve nada, Mercês; eu lhe peço que socegue. Seu pae está no alambique. Foi uma desconfiança de Calixto. Sim, como elle é portuguez . . .

— Ah! desconfiaram . . . que culpa elle tem? Olhe não lhe façam mal, Pedro!

— Estou aqui, descanse.

— E aonde vae essa gente toda?

— Vamos dar parte ao sargento-mór. E' bom prevenir, p'ra que depois . . .

— Que é dessas barcas?

Pedro acenou para o mar.

— Andam longe, mas o povo tem medo que ellas voltem e façam aqui o que a tropa do Madeira já fez na cidade . . . Seu pae não sabe de nada?

— Elle não conversa . . . Mas que tem meu pae com isso? Oh! já faz cuidado . . .

Descobrindo o carpinteiro a conversar com Mercês, Zacharias Sambeiro gritou:

— Por quem se espera?

A multidão começou o mover-se. O carpinteiro correu a juntar-se aos camaradas. A porta da vivenda tornou a fechar-se.

Encostado á cerca de sua casa, acuado num silencio entre feroz e triste, o velho André via distanciar-se o rancho que ia arengar ao sargento-mór. Dir-se-ia um bicharoco renitente á boca da caverna donde o queriam expulsar. Elle, porém, estava bem decidido a não sahir, custasse o que custasse.

Ahi ficou até desapparecer na esquina do becco o ultimo pescador. Recolheu-se então, a balouçar a corcova e a falar sósinho. Os seus cuidados andavam no ar, zumbindo-lhe em redor da cabeça e do chapéo breado como abelhas de um cortiço a que houvessem atacado fogo.

VI

OS «DOZE PARES DE FRANÇA»

O anno de 1822 não surgiu bonançoso para os habitantes da povoação de S. Lourenço e Ponta das Baleias. A' povoação, no extremo noroéste da ilha de Itaparica, depois séde da villa, depois da cidade, chegavam diariamente, com boatos ainda mais assustadores, noticias da convulsão geral a que forneciam pretexto os dous brigadeiros desavindos por causa do governo das armas: Madeira de Mello, portuguez, e Manoel Pedro, brasileiro.

Esses dous homens serviam de eixo ás facções em que se dividiam os povos da Bahia, colonos e naturaes, já separados por velhos ciumes, intrigas e pasquinadas atrozes, que agora explodiam sanguinariamente. Os portuguezes, entretidos pela tenacidade e desmedido orgulho de Madeira, queriam a todo o transe a obediencia da provincia ás côrtes e ao ministerio de Lisboa; os brasileiros, resistindo,

olhavam esperançados para o Rio de Janeiro, para o principe d. Pedro, e repudiavam o governo da metropole, seus agentes e asseclas, a que denominavam o — partido recolonisador.

Entre uns e outros fluctuava na capital uma junta provisoria, mais sentimental que energica, pretendendo governar a provincia com proclamações e officios, mas na realidade subordinada aos caprichos do general portuguez.

Em fevereiro desse anno de 1822 as paixões acirraram-se e o motim rebentou.

A Legião Lusitana e a Legião de Caçadores bateram-se nas ruas da cidade. O forte de S. Pedro cahiu em poder da primeira; as bandeiras do regimento brasileiro foram passeadas em triumpho. Os soldados de Madeira, embriagados do exito, sahiram com reforço de marujos a arrombar e saquear casas. O convento da Lapa foi assaltado, o capellão atirado por terra a couce d'armas, a abbadessa Joanna Angelica assassinada a bayoneta. As freiras ursulinas fugiram, abandonando a sua clausura das Mercês. Esta primeira profanação açulou os appetites sacrilegos. E o rufar dos tambores, o tropel da cavallaria, o estrondo dos armões rolando parques de artilharia dos quarteis para

as praças, acompanhavam dia e noite os gritos horrorosos da anarchia.

A emigração augmentou.

Todos os dias partia gente da capital, evadindo-se, contra as severas ordens do governador das armas, para as mattas, para os engenhos e as ilhas convisinhas. Madeira, ajudado das supplicas da junta governativa, proclamava aos povos, promettendo garantias. em que ninguem acreditava. Exasperado com a deserção crescente dos soldados, poz na rua um bando com rataplan de caixas, a annunciar indulto a todos os desertores que se apresentassem nos quarteis dentro de um mez. O mesmo perdão era assegurado aos paizanos que restituissem as armas da nação em que houvessem pegado para combater.

O pregão solemne e apparatoso acabou de aterrar as familias, e as fugas, em massa, continuaram.

A' Ponta das Baleias chegavam echos de tiroteios, e pelos barcos do trafego lotes de emigrados. Saltavam procurando hospedagem nas casas dos abastados; vendo, porém, que os donos destas se retiravam para o interior da ilha ou para a Outra Banda, bem pouco

se demoravam: nas primeiras embarcações de frete proseguiam viagem á busca de mais seguro abrigo.

Por um desses grupos de emigrados soube-se na ilha, em fins de fevereiro, que duzentos mortos e feridos tinham ficado nas calçadas da cidade, depois dos combates. Foi portador da noticia um official miliciano que esteve hospedado com o boticario Baptista Massa, em cuja botica se reunia um conciliabulo politico, tramando contra o partido recolonisador.

Depois disso começaram a olhar-se enviezadamente, a espreitar-se, a cochichar, insulares e portuguezes que viviam de officios e mercearia na povoação. E as lanchas da Ponta fizeram mais viagens. Familias inteiras mudavam-se, iam para Nazareth, para Jaguaripe; algumas recorriam á hospitalidade de um marechal reformado, o marechal Accioli, senhor da fazenda Boa Vista, na contra-costa da ilha. Para Cachoeira seguiam os exaltados, os que queriam politicar e militar. Aquella villa era o ninho da reacção anti-lusitana.

Ficavam na ilha os pescadores, os maritimos, ferreiros e carpinteiros, que formavam o grosso

da população, estabelecidos ao longo das praias com os seus barcos e canôas, seus estaleiros, suas pequenas tendas de forjar e palombar, de fiar e tecer rêdes. Ficavam não só por necessidade, mas por apego á lingua de terra onde protestavam deixar os ossos, pela razão de terem alli nascido.

Isolados, cercados de mar, nunca perturbados desde remotas gerações naquella pacata existencia, elles julgavam-se investidos de uma irrevogavel soberania sobre o pedaço de sólo que lhes parecia filho de sua conquista. Estavam mais presos a elle, por isso que se achavam separados do resto da terra. O seu sentimento era de o haverem creado, de o terem feito com o seu trabalho e esforço, da sua propria substancia, como os polypeiros criam no fundo do oceano os bancos de coral.

Uma daquellas tardes, era domingo, Pedro Carpinteiro relia entre amigos, como era costume, na praia fresca do *Convento*, passagens da predilecta *Historia de Carlos Magno*. Bordejava a meio canal uma lancha com retirantes, e um dos ouvintes ponderou:

— De vagar, de vagar lá vão todos se escamando.

Ao que respondeu, dando com os hombros, o possante João de Deus, mestiço arroxeado, de longas barbas, que fazia de rei mouro nas ruidosas *cheganças* da Ponta:

— Deixal-os. Comtanto que fiquem os *doze pares de França* . . . .

A leitura proseguiu sem mais interrupção, porque todos alli respeitavam convictamente essa companhia dos *doze pares*, deante da qual tremiam fugindo os forasteiros incautos que ousavam perturbar as noites da Ponta ou desfeitear algum ilhéo. Se eram embarcadiços, recolhiam-se forçadamente a bordo; se eram passageiros, tomavam nova passagem antes de tempo. «Com os doze pares de França não se brinca». A imitação, recebida a principio como parodia risivel, tornara-se afinal uma tradição. Cada qual desempenhava com gravidade o seu papel de policia das praias. Os mais arrogantes tinham, como Calixto, uma orelha furada, com uma argolinha, que era o emblema da valentia roldanesca.

Nem todos, porém, eram resignados e decididos como João de Deus, Pedro, Sergio, Calixto, André Avelino e mais cavalleiros a Roldão. Muitos ainda se interrogavam se um dia seriam

obrigados a deixar as alvas praias onde haviam creado raizes mais solidas que os seus coqueiros e onde se consideravam definitivos até na morte.

Por uma tradição do seculo XVII, repetida pelas pessoas instruidas do logar, constava que os hollandezes haviam no anno de 1646 occupado e devastado a ilha e a Ponta, onde construiram um baluarte no mesmo sitio em que agora se erigia a fortaleza de S. Lourenço, o padroeiro da terra. Da estada desses estrangeiros e do seu genio bellicoso ainda restavam vestigios taes como um reducto no cimo da collina Eminencia e peças de artilharia quasi soterradas em varios pontos a cavalleiro das praias. Dizia a tradição, e confirmavam as chronicas, que alli pereceram num infeliz ataque mais de seiscentos soldados portuguezes, idos da cidade por ordem do capitão-general para retomar a ilha aos hollandezes. Mas resistindo estes, o rei de Portugal aprestara uma frota com o fim de bater a armada dos terriveis conquistadores, que, disto scientes, trataram de abandonar a posição, velejando barra fóra. Voltaram então os primitivos habitantes da povoação, e nunca mais se atreveu ninguem a

incommodal-os, talvez porque, segundo a crença dos netos, assistisse á terra uma protecção mais forte que as proprias muralhas de S. Lourenço.

Como quer que fosse, nenhum comprehendia a existencia fóra d'alli. Pois então que fariam dos seus barcos e batelões, das canôas e rêdes? Como abandonar a casa e o trem, a forja e o estaleiro, o alambique e as quintas, e o *contracto* das baleias, e o nicho da Padroeira, e o cemiterio com as cinzas dos seus mortos? E agora que elles se reviam com orgulho no monumento da sua fé, a «igreja nova» do Sacramento, plantada pelo bom padre Siqueira Torres, construida com as pedras que carregaram nos hombros durante mais de trinta annos! Como levar os dias longe daquelle golfo amado, por onde se espraiavam os olhos com volupia á claridade maravilhosa das auroras e dos pôres de sol, quando as proprias nuvens pareciam bandeiras no céo e o rumor das ondas uma musica de orchestra?...

Outros imaginavam, tocados no coração: — Iriam para o campo? para as brenhas? para as lamas do Reconcavo crear morrinha e bichos de pé, á beira de algum rio turvo de agua doce? E que esperavam na terra firme, elles que não sabiam plantar senão pescar; que tinham por en-

xada o remo e por semente a isca?... Veriam lá seus pobres meninos entanguidos, dando saltos de agonia, como os peixinhos que costumavam arrastar com um pedaço de corda para os releves da *corôa*; veriam as mulheres, cahidas de saudade, com o corpo roido de lazeira e a boca cheia de queixumes em vez de risadas e cantigas . . . Nenhum consolo na vida. Só tristezas, doença, fome, miseria . . .

Tal era o sentir geral desses ilhéos ao tempo em que os primeiros tumultos da cidade, repercutindo nas suas praias, determinaram a retirada de algumas familias.

Mas passaram-se mezes e nenhum acontecimento lhes tocou de perto na rotina da vida. As tendas e os estaleiros funccionavam como dantes. Chegou a estação dos balieiros, e as lanchas entraram a cruzar pela bahia, sem opposição dos brigues, e no *Contracto* se desmanchou e desossou e se coseu mais de um madrijo e de um cacharrél. Sobre isso, uma boa noticia da capital: o general Madeira recebera ordem terminante do Principe Regente, ordem de partir com toda a armada para o Reino. Coincidia quasi com isso a tomada de uma barca portugueza em Cachoeira, após renhido com-

bate. Seria o golpe de misericordia nas pretenções lusitanas. Continuavam na Ponta as leituras reconfortantes de *Carlos Magno.*

Tudo se passava nos ultimos dias de Junho. Os soldados brasileiros, por outro lado, desertando dos corpos de linha na cidade, espalhavam-se pelos arraiaes e villas a ameaçar os partidarios de Madeira; destes, uns se occultavam, outros fugiam, alguns se passavam para o partido brasileiro.

Foi, pois, com decepção e espanto que os pescadores de Itaparica, mais ou menos inteirados de taes factos, receberam a denuncia do velho André.

Tranquillisaram-se um pouco, ouvindo as palavras do sargento-mór da milicia. Antonio de Souza Lima não se mostrou surprehendido com a narração que lhe fizera o carpinteiro; não via o caso com a desconfiança dos pescadores, nem attribuia ás barcas a intenção de um assalto á Ponta. Se, entretanto, isto se désse, garantiu, estaria ao lado do povo, contra o general Madeira.

Era um homem de meia edade, antes baixo que alto, de busto vertical e rijo, cabellos á escovinha, olhos pequenos e energicos. O rosto

vivamente corado estampava a severidade do caracter; não tinha um fio de barba, nem bigode, que usava raspar. Antonio Lima disse cousas menos intelligiveis para os queixosos; falou-lhes em dissidencia, recolonisação, systema brasileiro, constituição e côrtes. E estava convencido de que o general deixaria a Bahia. Nem todos o entenderam; nenhum, porém, ficara duvidando que o alambiqueiro fosse um leal defensor da ilha em quaesquer conjuncturas.— E era um portuguez! Isso acabou de confirmar a razão do clamor e da opposição á supposta tentativa dos brigues.

— Podem ir, disse o sargento-mór, despedindo-os. Cada qual a seu officio. Vão descançados, eu aqui estou.

Houve vivas ao sargento-mór. E o resto do dia passou mais calmo do que todos suppunham. Zacharias Sambeiro apregoava, de volta do alambique:

— Ainda accendemos a fogueira de São Pedro.

As mulheres dormiram sem maus sonhos, e os moços cachinaram a valer, á custa dos emigrados e de André.

S. Pedro foi festejado com estrepito de sambas e tocatas de viola, ao clarão immenso de fo-

gueiras que, desde a praia do Convento até as Quintas, incendiavam as aguas rasas em toda a extensão do baixio. Nessa noite Sambeiro dansou e sapateou prodigiosamente, rufando o seu pandeiro de pelle de gato com soalhas de lata, todo cahido para Marcolina, á vista de Pedro Carpinteiro, que já fôra amante della.

Não se haviam, porém, extinguido todos os brazeiros; apenas alvorecia, quando chegou da cidade um retirante, soltando vozes de alarma.

Os brigues não partiriam mais da Bahia. O governador das armas, desobedecendo ás ordens de D. Pedro, longe de render-se á fome, que já se fazia sentir até nos quarteis, estava disposto a perseguir os barcos de mantimento em todos os canaes, rios, portos e enseadas.

Madeira vociferava agora contra os habitantes da ilha, que emigravam, dizia elle, para ir reforçar a anarchia com os sediciosos do Reconcavo.

Madeira ameaçava céos e terra. Sobre a Ponta das Baleias iam chover os raios da sua colera militar.

Essas más novas tanto humilharam quanto irritaram os «doze pares de França», modelos vivos de todos os jovens pescadores da Ponta. Na sua altiva convicção de donos da terra, de alma simples, coração forte e imaginação romanesca, elles sentiam nos pulsos força e pericia para esgrimir a durandal de Roldão.

VII

SERÕES PISCATORIOS

Em casa de André, como de costume, quando elle não pescava, se reuniam, á noite, os visinhos, camaradas de pescaria, velhotes, rapazes e mulheres. Cercavam-no agora com maior interesse, nunca fartos de lhe ouvir a historia dos brigues.

Sempre que o velho a referia, figurando aquellas vélas altas e brancas a correr por entre as brumas da madrugada, olhavam-no as mulheres tão de perto nas pupillas lustrosas, como se quizessem nellas surprehender a imagem dos navios-fantasmas. Essas mulheres entregavam-se então ás maiores loucuras da fantasia.

Tres noites eram passadas depois da festa de S. Pedro, e ellas não cessavam de repetir, quando se deitavam, sentindo os estremeções do mar quasi ás portas de casa: «Ainda dormiremos amanhã nesta Ponta?» Dormiam mal; supersticiosas, encaravam com pavor as trevas ribeirinhas; e apenas amanhecia, o seu primeiro cuidado era correr

aos postigos, a ver se descobriam no horizonte algum panno semelhante á visão do pescador.

Aquella noite o ultimo a chegar foi o zelador do nicho da Piedade. Chamava-se Venancio das Dores. Tinha tal horror ás barcas de guerra, que não podia crer na sua vinda.

Quando elle entrou, o velho André, de pernas trançadas em cima do seu estrado, falava de cousas estupendas, horripilantes: de um cataclysmo que devêra ter abalado aquella terra em epocas immemoriaes.

Venancio assentou-se num tamborete. Uns fedelhos, vestidos de ponches, brincavam inconscientemente sobre uma pilha de bôlos de rêde, ao canto do aposento. Pedro passeava de um lado para outro.

A candeia de azeite, pendurada entre a porta e a janella, em frente de um registo de Nossa Senhora, aguçava a chamma rubra, que ás vezes se encolhia, dansava e recrescia, lançando mais fumo ás telhas vãs do tecto.

Fóra, o rugir da maré e as pancadas balofas do vento nas ondas do baixio.

O pescador proseguiu:

— Esta ilha não foi sempre o que se vê hoje em dia; ella formava uma terra só com as

terras da Outra-Banda. Ora pois... Nem havia este canal de oéste, nem essas ilhotas e corôas... não. Daqui podia-se viajar á pé enxuto até esses confins do sertão, p'ra toda a parte, como quem mora acolá, na Encarnação ou na Saubara...

—Está dito!...fez a mãe de Sergio, com ambas as mãos no queixo.

O ferreiro perguntou:

—E este canal, sôr André?

—Este canal?... Se eu minto, é pela boca dos outros: quem o fez foi o fogo! Um fogo, um terremoto!.... Dizem que depois disso houve um alagamento...

—Sim, interveiu Calixto, inculcando saber: ou o mar súbiu, ou a terra se afundou.

—Diga, *seu* André, pediram as mulheres, com emoção.

—Foi isto. Olhem que o senhor cirurgião o diz e tem sua razão p'ra dizel-o. Vejam aquelle canal do Funil, caminho de Jaguaripe... é tão estreito que um homem de pulso, assim como meu filho, é capaz de atirar com um bôlo daquelles de praia a praia. Vejam-me aquelles ilhotes tão pegados com a costa, que até se podia entulhar o esteiro e fazer passagem p'ra uma banda e p'ra outra... Só isto?

O pescador continuou, apontando indicios e consequencias outras da supposta revolução subterranea: os pennachos de fumo que de longe em longe oscillavam na crista do Balaustre; os lumes fugazes que phosphoreavam, certas noites, pela encosta do monte; os carvões achados aqui e alli sob as enxadas dos roceiros. E mais ainda, as conchas e areias tão brancas do Areal, umas cincoenta braças pela costa dentro, á raiz dos outeiros, como se de facto em longinquas éras uma grande serra de mar houvesse banhado aquella campina interior e alli batesse longo tempo e por fim se retirasse para deixar crescer sómente cardos, o ayrú e a sambaiba que vegetam nas marinhas.

—Uma feita, pelo verão...este rapaz era menino e estava aprendendo o officio no estaleiro... eu vim do mar pingando de somno e cahi aqui mesmo, neste estrado. Vosmecê deve se lembrar, tia Manoela...Por volta das onze horas acordo com os solavancos que o menino me dava. «O que é...deixa-me». Mas elle não estava por nada. Fez-me levantar, e lá sahi por esta estacada, ainda esfregando os olhos. Corria muita gente na praia, apontando p'ra a costa de S. João. «Que foi que viram?»—Olhe lá, me respondiam. A soa-

lheira cegava os olhos. A maré estava baixa; desci mais, desci até a beira d'agua e olhei p'ra o lado do Balaustre... Que havia eu de ver?... O outeiro botando fumaça como a chaminé do Contracto!...

Tia Manoela confirmou. Venancio fez outro tanto, accrescentando que lá na cumiada do Balaustre houvera em tempos tambem remotos um cemiterio de tupinambás.

—Sim, houve, confirmou André. O gentio tupinambá foi o primeiro dono desta ilha.

Um murmurio commovido enchia o aposento. Restabelecido o silencio, ouviu-se o mar esbravejando perto e o vento a assobiar nas telhas e frestas. A imagem do outeiro persistia grave, esbatida no fundo de todos os olhos, com luzes de biatatá a illuminar uma ronda de espectros selvagens, emquanto as mumias dos pajés celebravam os mysterios da sua feitiçaria.

Disse por fim a irmã de Manoela, uma cabra fula que trazia os ouvidos tapados com algodão:

—Nossa Padroeira sempre se compadeceu de seu povo. Tenham fé nella como eu tenho, e deixem estar...

—Nossa Padroeira ..acudiu o zelador, dando á voz um tom duvidoso, de incriminação e ironia.

Nossa Padroeira...quem foi que já se lembrou este mez de ir se encommendar a Ella?!... Não fosse eu que lhe accendo a lampada toda noite, ficava até ás escuras! E' por causa da chuva, dizem. Ah! é sempre assim. Começando a safra da baleia, ninguem cuida senão de si, do azeite que ha de apurar e do dinheiro que ha de ganhar. Na hora da afflicção, agora sim: «Valei-nos, Piedade de Maria Santissima!...»

Animado pelo effeito do que dissera, o zelador ergueu o seu perfil secco dentro do rodaque de brim, e espichando as melenas cinzentas que lhe formavam pastas sobre as temporas, alliviou-se do assombro que lhe causavam os brigues, dizendo:

—Se me querem ouvir eu digo o que penso... Com a Nossa Mãe devemos sempre nos pegar... mas olhem que eu tenho matutado no caso e ainda agora pergunto a mim mesmo: que vieram cá fazer aquellas barcas? Ellas se largaram de proposito para aqui, ou arribaram ao porto debaixo do mau tempo?

André varou-o com um olhar de suspeita. Mas Venancio proseguiu, resoluto:

—Não; sabem que mais? eu digo, e acredite quem quizer: os homens o que têm é fome, estão

rapando fome na cidade, e o remedio que ha é mandar as barcas atravessar a farinha e o gado que vem nas lanchas do sul para o Reconcavo. Sahiram de noite, apanharam rebojo e pensaram lá comsigo: «póde ser que alli topemos com algum farinheiro arribado». Vieram, nada encontraram, de madrugada seguiram seu rumo... P'ra mim foi isto.

Disse e sentou-se.

André ficou amuado com essas palavras, que desacreditavam sua denuncia. Aliás todos eram do seu parecer, e como elle menearam a cabeça, descrendo do que dissera o zelador.

—Pois sim, vel-o-emos... Olhe, sôr Venancio, eu vi com estes... (levou os dedos á cara). Agora pergunte pelo resto ao senhor boticario, a Taneco, ao senhor cirurgião e a toda essa gente que tem mudado de terra... Peguemo-nos com a Senhora da Piedade...

Mas a surpresa do velho André foi maior, quando Pedro, interrompendo-o, disse:

—Póde ser, meu pae André...

—Póde ser o que?!...

—E' outra cousa... Eu digo que nenhum homem desta Ponta das Baleias deve se esconder ou fugir e deixar que a maruja do general

tome conta disto sem mais nem menos. Retirem-se as mulheres com seus meninos pequenos, retirem-se os velhos que já não têm sangue nas veias... Vá. Mas fiquem os que podem pelejar...

Sergio e Calixto assentiram com ardor.

—Continúa, rosnou o velho, com a cabeça pendida.

—Se não, p'ra que foi que os antigos fizeram acolá no pontal um forte? p'ra que foi que elles arrumaram lá tanta peça e tanta bala? Alguma serventia aquillo tem. Não é p'ra quem está de fóra chegar, aboletar-se, pegar no morrão e dizer aos donos da terra: «Vocês ou desoccupam o sitio ou fica tudo espichado no chão». Não. Foi p'ra quem está dentro sahir á frente do intruso e gritar á boca cheia: «Alto lá! ou arreda ou morre!»

Exaltaram-se os moços, e André, radiante, com um calafrio de orgulho ajuntou, em voz tremula:

—Por certo, meu filho...

—Ora bem, continuou Pedro. Assim é que eu sei falar. O parecer dos outros não sei, este é o meu.

—E o meu.

—O de nós todos.

—Nem tu podias pensar d'outro feitio, disse o velho André, contente e envaidecido.

Pedro mudou de tom.

—Agora pergunto eu: quem sabe se o general não desconfia desta nossa opinião?... Quem sabe?... Os marujos nos espiam, já viram que não estamos aqui tão desamparados. Madeira sabe de tudo, porque houve quem o avisasse...

—João Portuguez, declarou Calixto.

—Já houve quem lhe dissesse: «Senhor, acolá quem não tem espingarda têm arpão, tem machado, compasso, trincha, marreta, foice... mas elles tambem têm armas de guerra. E se sabem disto, meu pae André, póde ser... sim, póde ser que se arrependam... Vir cá então p'ra fazer o que?

—Fazer o que? repetiram os outros, como echos.

—Nem para buscar o que comer. Aqui não se faz farinha, agua não falta lá pela cidade, o gado está longe. Na Ponta não ha mantimento senão o que se apanha no mar e o que vem de fóra...

—E' verdade, não ha... disseram alguns, machinalmente.

—Os barcos que agora vêm do sul carregados, esses passam de largo, costeando pela Outra Banda, até ganharem a barra do Paraguassú.

Os nossos, mal chegam, descarregam. E no dia em que a tropa ou a maruja lusitana saltasse aqui, havia embarcação que fosse traficar? Com êste inverno, peor...

O inverno!... Esta palavra evocava tribulações de estomago e de espirito. Dava a pensar nos dias de tormenta, quando as canôas ficavam todas no porto, os barcos não viajavam, a farinha escasseava a ponto de não se encontrar uma decima por preço algum, e os vagalhões, sob o fragor dos ares, espancando as cercas, os baixios e pedregulhos, taes ameaças rugiam á lingua de terra que as mulheres, tremendo, lançavam instinctivamente as vistas para os outeiros verdes á distancia de um quarto de milha.

O filho tinha apenas acabado de falar, André já replicava, abanando com a cabeça:

— Não, não... nem sei em que te fias tanto. Não vamos a cuidar, porque temos coragem, que os outros são uns paturebas. Eu nunca fiz guerra. Nesta edade!... ainda não sei o que é guerra!

Era de facto o mais velho da roda: e certo orgulho transparecia-lhe no rosto sem pêlos, quando elle alludia á sua velhice.

— Mas já sei do que é capaz o homem que se mette nisso. Elle parece que perde o siso...

Olha, tu não sahias de machado e compasso contra mosquete e bala? Tu disseste... Pois elles tambem brigavam, nem que esta praia estivesse toda coberta de fortalezas. Que a guerra tira o juizo, tira. Eu era homem feito, com meus quarenta annos... foi em vida de tua mãe... quando lá nas terras das Minas descobriu-se um conluio contra o governo do vice-rei. Cuidam que era o povo de mão commum com a tropa? Ah! ah! era meia duzia delles. O mais destemido, o cabeça de motim, foi acabar na forca. Passado tempo, vi saltar na cidade, eu trabalhava pelo officio na ribeira das naus... vi em pessoa el-rei D. João, e o povo dizia todo por uma boca: «Vem escorraçado da guerra». Quem sabe aqui o que é guerra! É aquelle que outro dia veiu do norte, por esses pégos de mar, em dous paus de jangada, p'ra amotinar a gente da Bahia?... A guerra é feia, mas ninguem pensa no perigo nem na morte quando se mette nella. Então porquê é que os brigues não vêm? Cada um que se avenha. Quem tiver coragem faça pé quedo, aponte o chuço, o arpão, a lança e bote p'ra fóra seja quem for que queira beber o nosso sangue. Isto sim. Mas não vêm... porque não vêm?...

Ninguem mais se animou a objectar.

Pedro continuou a dar passadas. E o vento a silvar sobre o ruge-ruge da praia. Parecia que um destino terrivel acabava de escrever nas paredes do aposento a inevitavel calamidade. «Porque fala assim o velho André?» perguntavam as mulheres a si mesmas, sem poder fugir á fascinação sinistra do pescador.

Só o balieiro levantou-se. Tetrico, estirando os punhos, a argolinha a reluzir-lhe na orelha, ia falar, quando foi interrompido por pancadas repetidas e apressadas á porta da rua..

VIII

A FILHA DO INIMIGO

Pedro dera volta á chave e esperava momento propicio para girar a taramela, porque o vento soprava teso. Apesar da cautela, mal entreabriu a porta, um turbilhão de ar invadiu a casa e apagou a candeia. Emquanto tia Manoela feria lume, André perguntou, intrigado:

—Quem é?

—Dá licença? Boas noites a todos... Perdôem se venho incommodar...

A voz era de mulher, voz fresca e cantante, mas um tanto oppressa.

A chamma da candeia relumbrou e o dono da casa, com a mão sobre os olhos, repetiu a pergunta. O visinho soprou-lhe ao ouvido:

—E' a filha de João Portuguez...

Ella disse ao mesmo tempo:

—Sou eu, Mercês.

—Ah! entre, minha senhorazinha, não faça cerimonia. Alguma novidade?

E André dizia de si para si: «Aqui ha uns amo-

res...Alvo de todos os olhares, Mercês adeantou-se com desembaraço e, tirando a mantilha escura, descobriu sua espessa trouxa de cabellos. Pallida e offegante, continuou, sem reparar em quem estava:

—Sou eu...vim aqui á pressa, porque estou sósinha com minha mãe...Ella teve uma dôr e ainda lá está se torcendo em cima da cama. Não sei mais o que faça...E meu pae até agora, com uma noite destas...elle que se agazalha cedo e não tem costume de sahir á noite! Ouviram dizer alguma cousa? Fala-se tanto por ahi... Isto faz cuidado.

Tinha-se voltado para o carpinteiro, que admirando-lhe a ingenua franqueza, não perdia uma só palpitação dos seus labios. Depois fazendo reparo nos circumstantes, deixou escapar um gesto de contrariedade ao descobrir entre elles o balieiro Calixto. O dono da casa, percebendo isso, acudiu:

—Então não veiu até agora...

—E' verdade, ainda não. E logo hoje que minha mãe está com essa dôr que não sei com que lhe ha de passar...

—Ha de ser do frio, disse a irmã de Manoela, mostrando o algodão nos ouvidos. A mesma

cousa eu tive traz-ante-hontem. Ainda estou de resguardo.

—Então, proseguiu Mercês, como a dôr não cede, eu me lembrei de tia Manoela, e vim até correndo, porque ahi fóra está escuro que faz medo.

—Vou já, Sinházinha, respondeu promptamente a creoula, pondo-se de pé.

A ensalmeira Manoela, preferida por muita gente ao cirurgião, já conhecia o mal da pobre Santa, mulher de João Portuguez. Aquillo lhe apparecera desde o parto e ficou para sempre, dando o que fazer de tempos em tempos á prestativa creoula. Esta encaminhou-se para o interior da casa e poz-se a mexer em suas hervas seccas. Emquanto não voltava, Sergio e Calixto, sentados á cabeceira do estrado, grunhiam de vez em quando: «Uhm». Venancio e outros, notando-lhes o ar desconfiado, cruzaram os braços e abaixando a cabeça guardaram a mesma taciturnidade. Depois de consultal-os com a vista grossa, a mulher de um calafate pousou o queixo na palma da mão e ficou a contemplar a moça.

Vendo a attitude séria de Mercês, Pedro procurou tranquillisal-a e indirectamente explicar aos outros a ausencia do portuguez suspeito.

—Póde ser que elle tivesse mais trabalho no alambique.

—Tanto tempo assim?...

—Ou fizesse viagem...

—Não disse nada em casa. Isto faz cuidado.

—Faz mesmo, disse uma das mulheres, com intenção.

—O peor é a doença, atalhou André. Mas não ha de ser nada; é o frio, esta geada... Aqui estou eu com ella tambem nas pernas, Ha uma semana que não pesco... Sente-se. Iázinha... Ande logo, tia Manoela!

Mercês continuava a esperar de pé, falando ora para o velho, ora para o carpinteiro. Durante as pausas seu semblante, de uma seriedade altiva, punha distancia entre ella e os demais. Se falava, porém, desmentia esse orgulho de branca que alguns lhe attribuiam; porque, afinal, era boa e tratavel como Santa.

Esta conhecia-a Pedro, agora magra em osso, as faces côr de cêra velha, com uns olhos grandes que foram bellos no tempo em que saltara na Ponta das Baleias o portuguez desengajado da marinha, sobraçando uma guitarra sonora com que tirava o somno ás raparigas da terra. Pedro

era então menino; sem embargo lembrava-se de o ter visto e ouvido, quantas vezes! o corpo tombado a geito de bordo, os olhos melancolicos meio abertos para o vago e a voz mellosa, grossa e rolante a cantar:

« Sobe, sobe, meu gageiro,
« Meu gageirinho real...»

De repente André cortou a attenção que prestava á moça, e com alguma impaciencia e zelo pela doente, gritou:

—Louvado seja Deus... Avie-se, tia Manoela!

—Era esta folha... disse a creoula, entrando, meio confusa, a desculpar-se com o seu rabujento companheiro de vida.

E procurava ainda alguma cousa.

—Onde está meu panno? Ah! 'stá acolá. Vamos, Sinházinha.

Mercês deu de novo as boas noites e André ordenou:

—Vae com ellas, Pedro.

O carpinteiro palpou no bolso do capote o seu compasso, apanhou o chapéo e entreabriu a porta. Nos degráos de pedras soltas pegou

no braço de Mercês que tacteava a escuridão; guiou-a e sahiu com ella pela estacada, acompanhando os passos ligeiros de tia Manoela.

Mercês tornou a queixar-se, preoccupada com a ausencia do pae. Até aquella hora da noite... e que noite! E ella obrigada a sahir de casa para incommodar os visinhos, apanhando sustos no meio da rua, sósinha...

— De que se assustou? Viu alguma cousa? procurou saber o carpinteiro, sem lhe soltar o braço.

— Um vulto, bem defronte de casa... Quando sahi pareceu-me que elle andou, e ouvi um psiu! Mas eu corri, corri tanto que o coração queria me saltar pela boca...

—Então andam embuçados pela Banda da Praia! Quem será?

Elle já o tinha adivinhado. Calou-se, entretanto, com escrupulos, para não parecer dar muita importancia ao pantomineiro. Acariciando a carne fria do braço de Mercês, reanimava-a, dava-lhe mais coragem do que ella na realidade precisava. Fosse, porém, que o seu espirito cedesse ás inquietações da hora ou porque junto da energia do carpinteiro se sentisse pequena, ella deixou-se animar, ao passo que a

fala se lhe tornava de uma doçura de creança, contrastando com os seus modos senhoris de quedar-se e escutar.

A poucos passos de casa, Pedro quiz saber onde estivera o vulto.

— Foi alli, naquelle comoro de areia... Parece que não está mais ninguem.

— Não vejo nada... Seu pae já terá chegado? Veja a doente, eu espero aqui fóra.

A curandeira empurrou a porta; atraz della entrou a filha do portuguez. Pedro encostou-se á parede e ouvindo os gemidos tremulos de Santinha, golpeava a olhadelas a obscuridade da praia, onde as ondas turbulentas brigavam com as lufadas.

— Vultos, visagens... murmurou, ao cabo de algum tempo. E ella não saberá?...

Depois de alguma demora descerrou-se a porta e appareceu Mercês mais tranquilla, annunciando:

— Alliviou. Agora é ver quando chega... Ah! como isso me desassocega, essa historia de brigues, de guerra... Não já quizeram dar em meu pae?... Como se elle tivesse alguma culpa. Não consinta, Pedro, não consinta...

— Sim, sim, disse elle, abstracto.

— Em que está pensando?

— No vulto.

— Foi-se embora.

— Mas volta. Desde quando o vê alli, Mercês? Não é esta a primeira vez... Diga quem é elle. Não diz?

— Não sei, Pedro.

— Ou não quer me dizer?...

Pelo tom em que Pedro proferiu taes palavras ella reconheceu-se colhida em suspeitas mortificantes. Por que meio dissuadil-o agora, sem ser má para o salvádor de sua vida?

Coagida pela attitude fria e ciumenta do carpinteiro, Mercês, cada vez mais agoniada, acabou por fechar os olhos e confessar tudo.

— Pedro, é elle mesmo.... Esse homem me persegue, me espia, não me deixa um só instante ... é a minha sombra. Salvou-me um dia de morrer afogada; carregou-me até aqui, eu lhe agradeci, meu pae e minha mãe fizeram o mesmo. Passâdos dias, vi-o dansando em casa da sra. Germana; achei graça e ri-me. Não sei o que elle pensou, que dahi por deante passava sempre por esta porta e me falava. Até que uma vez respondi: «Senhor fulano, eu sei que lhe devo um grande favor...» Não me deixou acabar,

pediu-me pelo amor de Deus que nem disso me lembrasse. Foi-se embora; mas voltou, e volta sempre... E' alli, naquelle comoro.

—Eu sabia de tudo.

—Para que me fez falar? Oh! meu Deus!... Não vá succeder...

Perturbada, Mercês cobriu o rosto. Parecia humilhada, envergonhada, triste.

— Não succede nada. Eu queria ter a certeza, e acabou-se.

Para confirmar o dito, Pedro mostrou-se calmo e tão superior ás circumstancias, que ella creu justificada a confissão como um acto necessario á felicidade de ambos. Devia agora sentir-se tranquilla e esperar a chegada do pae.

—Oh! como elle tarda!...

Voltava-se á direita, á esquerda, escutava para dentro, ouvindo a fala da enferma e da curandeira. Involuntariamente evocou a hora angustiosa em que se afundia no perau, bebendo agua salgada... Um transtorno de gestos, uma agitação se apoderava outra vez della; e a tal ponto foi isso que o carpinteiro, segurando-lhe as mãos, perguntou:

—Que tem, Mercês?

—Esta demora...

Num dos seus movimentos elle puxou-a pelos braços, quiz mirar-lhe os olhos, mas era tudo trévas. A cabeça de Mercês encostou-se-lhe ao hombro. Sua boca tocava os macios cabellos enrolados, mas, quanto desconforto! nesse contacto já não havia aquelle estremecimento que tantas vezes, desenrolando os longos e sedosos negalhos, fazia que escorressem como ondas por entre as dunas brancas da praia. Era um abandono sem paixão, sem gosto de peccado; o frio da indifferença se interpunha. O carpinteiro sentia que abraçava uma estatua de pedra.

— Vá... disse Mercês, soltando-se-lhe dos braços e recuando para entrar.

A voz de Santinha respondia no quarto á de tia Manoela, que se poz a bocejar com ruido. A porta cerrou-se.

Pedro, isolado, começou a andar pela escuridão, mas descontente, com um disabor que lhe envinagrava as entranhas até á alma. Repetia a miude:

— Sambeiro.. Sambeiro...Filho de cão!

A sua colera desabrochou quando elle viu o monticulo de areia onde estivera o embuçado. — Ah! se o pilhasse alli... Não respondia pelas consequencias.

Proseguiu, falando e raivando.

De subito parou, adivinhando a sombra de um homem naquelle sitio; tirou do bolso do capote o compasso, abriu-o e mascando os dentes, caminhou resolutamente para o comoro.

IX

MOUROS NA COSTA

Pedro andava acabrunhado por todas essas occorrencias que lhe geravam incertezas no espirito.

Faltava-lhe a paz do coração, não obstante confiar em Mercês; via em perigo a paz da terra, ameaçada pelas canhoneiras lusitanas.

Nos serões que se faziam com pessoas de menos, porque os homens de pescaria se entregavam aos seus labores, falava pouco.

Com a filha do portuguez trocava palavras todos os dias, ao sahir para o estaleiro. De noite passava pela sua porta e via o alambiqueiro debruçado á janella com os olhos no mar, como que a recordar seus tempos de marinheiro. Cortejava-o e seguia, pensando no papel que estaria representando esse personagem, de quem os pescadores, e especialmente o balieiro e Sergio, continuavam a suspeitar.

Numa sexta-feira, ao escurecer, encontrou o

lusitano sob a rotula da janella, na mesma attitude extatica de cameleão ao vento. Desta vez teve a confirmação de que o antigo marujo divagava pela sua mocidade. Elle lá estava contemplando as aguas sombrias do golfo, a trautear:

«Vê se vês terras de Hespanha,
«Areias de Portugal...

Dando mais alguns passos, Pedro sentou-se a uma pedra que, por coincidencia, era o sitio d'onde certa manhã vira Sambeiro chegar da praia conduzindo a moça salva do perau. Como foi que viera a enamorar-se dessa moça, a quem dantes olhava com respeito, como simples visinha? Até então era para Marcolina, filha do velho Basilio, todo o seu amor, toda a sua gula de amante que se satisfazia no miseravel quarto do Convento, pago por elle a cinco tostões mensaes. Dias depois aborrecia-a, largava-a sem o menor sentimento. Quem sabe.. Se Mercês não tivesse corrido aquelle risco, nunca, talvez, a tivesse desejado. Mas Sambeiro tentou-a e dizia-se correspondido. Então vendo que Zacharias, tão ruim, a pretendia, elle com melhor razão poderia pretendel-a.

Sentindo geada, levantou-se, quando encontrou Sergio que vinha do serão e lhe fez esta estranha pergunta:

— Você é amigo de João Portuguez?

— Nem nunca o fui.

— Fique sabendo que Zacharias anda dizendo...

— Que diz elle?

— O contrario: que você tem conversas particulares com o homem.

— Sambeiro é um cachorro.

— Eu logo vi... Deixe-o ladrar. Até amanhã.

Pedro seguiu mais acabrunhado, com impetos de ir procurar o mulato e bater-lhe. Mas havia quem fosse capaz de acreditar em tão vil intrigante? Elle, Pedro Carpinteiro, trahindo a seus patricios...

Quando entrou em casa, os visinhos se tinham retirado e o ultimo delles, Venancio das Dôres, despedia-se de André, recommendando:

— Então, até amanhã, na Piedade.

— Sim. Eu lá vou, embora me arrastando.

Uma vez só com o filho, André chamou-lhe a attenção:

— Falam cousas de ti... Aleives, mentiras... mas é bom que o saibas p'ra te prevenires. Tu nunca tiveste segredo com João Portuguez?...

—Ora essa!

—Só Sambeiro é que sabe disto.

—Não é mais meu moço de pescaria, senão ...Mas hei de topar com elle para descoser-lhe as orelhas.

No outro dia, pelas nove da noite, mais de cincoenta pessoas, pescadores e devotas, se achavam reunidas, de joelhos, na esplanada, em volta do nicho da Piedade. Pedro lá estava tambem, a fronte inclinada, os olhos erguidos para o alto da columna onde bruxoleava uma lampada clareando a imagem da Padroeira com o Filho estendido no regaço.

A sineta pendurada á boca do Contracto, que ficava ao lado, deu signal. Todos se puzeram a rezar.

«Agora, labios meus,
«Dizei e annunciae...

Rezavam alto, e as vozes se confundiam com a ronqueira do mar, que ora espraiava com um barulho torrencial, ora estourava, batendo nas querenas das balieiras, nos penedos da praia e nas muralhas da fortaleza. O céo obumbrado suspendia novas aguas. Só por cima do nicho, num rasgão das trevas, se via fulgir uma pinha

de estrellas, tremelicando ao vento frio que rabeava em lufas pelas alturas.

Nem frio nem chuva apressavam o officio de penitencia, lento e reconciliador, em que os labios iam dizendo e annunciando

«Os grandes louvores
«A' Virgem Mãe de Deus...

Durante uma longa hora exoraram a piedade da Virgem, tão rica de misericordia, como dizia Venancio, não obstante ter a casa mais pobre, que era o nicho de alvenaria. Engolfado nessa fonte de consolação, o carpinteiro experimentava uma doce e voluptuosa dormencia na alma, esquecido dos proprios inimigos. No fim, cahidos por terra, homens e mulheres pediram tres vezes, demoradamente, numa toada grave e sensacional:

—Senhor Deus, misericordia...

Findo o que dispersaram-se, reconfortados, leves de consciencia, com a fé mais apurada e viva.

Depois de recolhido, lembrou-se Pedro de que sendo sabbado, todos os pescadores, inclusive Sambeiro, estavam em terra. Um estimulo do demonio o forçou a sahir, deixando o pae a

resonar no estrado. Encapotado, o chapéo grande de pindoba descido até as orelhas, marchou a passo discreto pela frente do casario, parando á embocadura de cada beco. A casa de Merçês estava fechada, ás escuras e em silencio. Deserto tambem estava o porto e o monticulo de areia.

—Vá sempre uma vista d'olhos, disse e approximou-se do comoro, donde apenas viu pular um cão a sacudir o focinho.

Como as aguas baixassem, foi perlongando a praia até o Convento.

A's abas da fortaleza deteve-se, ainda volveu o olhar para o casarão onde morava Sambeiro, pensou nos brigues e na conversa de um serão passado, sobre a guerra. Havia noticias do interior e da capital. Previa-se que todas aquellas levas de emigrados e desertores, depois de se adestrarem no Reconcavo, dirigidas por um general intrepido, cahiriam sobre a cidade, expulsando Madeira.

—Mas qual será esse homem? E se os lusitanos vierem á Ponta antes disso?...

Entregue a esses pensamentos achou-se de novo defronte do nicho, sem encontrar viv'alma.

Espiou a tanoaria de um portuguez, o Silva,

ao lado do Contracto; esbarrou numa pilastra que era o relogio do sol e, passando pelo portão da Cordoaria, metteu-se numa viella escurissima e foi sahir em frente á botica de Baptista Massa, o chefe dos conciliabulos politicos da terra.

Ahi sustou a marcha, esperando reconhecer um vulto de homem que parecia mover-se á porta da botica.

Desconfiado ao notar que o vulto se esgueirava muito curvado, quasi rastejante, para o beco proximo, entrou a perseguil-o. Imaginou qualquer perjurio de mulher impedida.—Quem seria o padecente? Resolveu certificar-se, e deslisou para o oitão da botica. Quem quer que fosse fugia a bom fugir.

Não lhe valeu, comtudo, a ligeireza: por mais que se disfarçasse, o estalar dos soccos nos calcanhares denunciava-o: «é João Portuguez».

Pedro fez alto e reflectiu.—Nenhuma duvida mais era possivel. Havia mouros na costa. O homem, imprudente, tinha parte com os inimigos da terra e dos brasileiros. «E tu, que fazes?» interrogou-se, salteado de escrupulos e duvidas. Era a segunda vez que o poupava. Se Sambeiro e outros soubessem!...

— «Vae», açabou por dizer, agradece á tua filha; mas não sei em que isto dará!... Vamos dormir».

Tornava á Banda da Praia, descoberta a um vento humido que lhe agulhava os ouvidos. Apenas dobrada a esquina, vislumbrou a sombra em çima do comoro. — Será elle ou o outro?...

Uma luz amortecida riscava as gretas da porta e janella do lusitano: Essa luz apagou-se. Logo era o outro... Ainda hesitou. Depois falou para si:

— E' um maluco... é um maluco.. Não sei o que elle espera. Que ella venha lhe abrir a porta?... Deixal-o... Mas a fama da moça honesta?...

Fazendo esta consideração, decidiu-se, marchou até o comoro de areia, parou e perguntou:

— Quem está alli?

O vulto, rasteiro como um sapo, resmungou:

— E' gente.

— Ah! é você.. Cuidei que era um cachorro. Bem me disseram que andava embuçado nesta praia. Ora vamos, isto são horas de se estar de cocoras, espiando as casas alheias?

— Estou espiando os brigues, e mais alguma cousa... disse Sambeiro, mofando.

—Os brigues e que mais?

Pedro, já irritado, comprehendendo a allusão, intimou-o a repetir. Zacharias Sambeiro accrescentou:

—Meus olhos estão abertos... Vi dous homens chegarem agora, um atraz do outro; donde vieram, o que estavam fazendo, não sei....

—Salta dahi, safado, mentiroso, que eu te arranco essa lingua!... Se ainda te atreves a repetir, seja onde fôr, esta calumnia...

O carpinteiro, com a voz estrangulada de raiva, mostrou-lhe as pontas do compasso tão perto do rosto que Sambeiro machinalmente se poz em pé. Houve uma pausa, durante a qual ambos se ficaram sobreolhando, ameaçadores, hirtos, na escuridão. Cedeu por fim Sambeiro, afastando-se, a rosnar:

—Já disse, é isto...

—Safa-te, tornou o carpinteiro, sempre com o compasso aberto.

—Vou porque tinha de ir...

—Vae por uma vez... E fala que eu saiba... fala, filho d'um cão!

—E' porque tenho de ir, repetiu o pescador, ganhando maior distancia.

A noite, mais fechada, separava-os e occulta-

va-os, sem que deixassem ambos de ouvir os doestos que trocavam, mais violentos á proporção que elles se iam distanciando.

O carpinteiro permaneceu no comoro até que a voz do outro se extinguiu.

Começava a chover.

X

NA PRAIA DOS ESTALEIROS

Na capella do padroeiro S. Lourenço tinha acabado a missa, quando Pedro sahiu de casa para a officina. Ia com o sentimento de bem estar e confiança de um amante desaffrontado.

Em caminho, entre cercas de quintaes que cheiravam a mangericão e rosmaninho, encontrou Santinha e a filha que vinham da «igreja velha». Houve parada e conversa. A mulher do portuguez, magrissima, com a mantilha preta e o vestido preto, parecia cada vez mais aquella figura de cêra antiga, semi-morta, ao lado da ilhôa moça, de faces aboleadas e côres quentes de saude e paixões ainda em flor.

Mercês falou de uma nova capa do Senhor Bom Jesus dos Martyrios, de azul ferrete, bordada a ouro pelas freiras da Bahia.

—E' uma lindeza, gabou.

—Mais linda do que esse vestido? perguntou-lhe o carpinteiro, mirando-a desde a barra da saia

branca até o decote do peito, sobre o qual se cruzavam as pontas de um lenço de setim alvo bordado a fios de prata.

Julgou-se então indignamente vestido, com a blusa de panno crú e os sapatos grossos, encorreados, da officina.

Adoraram-se alli, emquanto conversavam: ella sob a fascinação de dous olhos que ardiam com fogo calmo no rosto bronzeado do carpinteiro; elle tambem sob o encanto daquella boca em que via se abrir uma flor de romanzeira, dos olhos maliciosos, castanhos, côr do cabello, que era cercado por uma capellinha de pennas e lentejoulas.

Trocaram ainda segredos, murmurios carinhosos e muxôxos. Depois riram-se muito; e Mercês, sentindo o contentamento de Pedro, pensou que não havia mais sombras debaixo do céo, no coração e na alma de ninguem. Santinha aturava-os com paciencia e certa bioquice. Mas um calafate que vinha da Banda da Praia com os aprendizes fez que se despedissem.

Os dous dias de sol e vento fresco tinham seccado as praias.

Cerca de onze horas o filho de André se achava na obra com os officiaes e aprendizes

em grande afan. Uma balieira em cavernas recebia as ultimas cavilhas, que elle proprio batia, cada vez que o trado cessava de girar-lhe nas mãos.

Trabalhava com valentia e tão satisfeito que causava admiração aos aprendizes. Entre estes havia no estaleiro um rapazinho esguio mas esforçado, de cabellos ruivos e cabeça de certo feitio que os companheiros chamavam de naveta; muito corado, os olhos minusculos e furadores, como duas pontas de aço, José Marôtinho, assim alcunhado, era o mais esperto auxiliar do carpinteiro, que ás vezes o empregava em mandados á casa de Santinha.

Não foi difficil a Marôtinho descobrir a causa do bom humor do mestre.

— Elle esteve com a moça... dizia, rindo da propria malicia, emquanto ajudava a outro official que entretinha por baixo de uma taboa um fogo estrepitante de cavacos.

Dous homens armados de enxós alisavam peças miudas. Um moço de pescaria conversava com outro carpinteiro que, despindo a camisa, atacou a machadadas um toro de madeira. Este respondia de instante a instante, sem retirar o pé de cima do pau em que descarregava o ma-

chado; os musculos dos braços pulavam-lhe a cada golpe, um ronco lhe sahia do peito cabelludo e o suor escorria em bagas para o ventre.

Já a essa hora toda a praia occidental vibrava. Os macetes dos calafates matraqueavam nas obras vivas das lanchas; nas tendas dos ferreiros batia o malho nas bigornas, e as serras, triturando as grossas couçoeiras, cobriam a areia de pó amarello. Em breve chegaram mais palestradores, desoccupados, cada qual se acommodando sobre taboas empilhadas, cavernas, sarrafos e cavallos de pau, por entre fateixas enferrujadas e ferramentas de carpinteria atiradas pelo chão lastrado de cavacos e serragem. Entraram no palheiro de Pedro um velho e um moço; o primeiro encarquilhado, envolto numa japona de pescador, arengava:

—O homem dizem que já foi queixar-se ao Lima.. Temos rascada. Elles são patricios e de mais a mais a briga é com o empregado do sargento-mór.

—Lima não está na terra, informou o moço.

—Tambem já escapuliu?

—Quem! O senhor está muito enganado. Escapuliu, sim, mas para a villa de Cachoeira. Segredo, por ora...

O que assim falava era um tenente do regimento da ilha, conhecido pela alcunha de Taneco. Moreno e empertigado, tinha os olhos negros e um bigode recto que lhe dividia o rosto como um traço de pixe; vestia á paisana, calças de brim branco e uma jaleca de ganga amarella. O ancião declarou-se convencido.

—Ah! está bom... E outra cousa: é que o Lima bem podia acommodar esses barulhos. Não é patricio do general?... Cá a meu ver, podia. Mas já seguiu p'ra Cachoeira.. E lá foi o portuguez á cidade com toda a certeza. O que dirá, que enrola fará!... Jurou vingar-se de quem lhe foi ao pêlo e de todos os *cabras* da Ponta. Pois não é que até a marôta, mulher do tanoeiro, já nos prometteu dar de palmatoria?..

Pedro acabou de girar o trado e voltou-se para os dous, saudando-os.

—Bons dias, tenente... Velho Basilio, que novidades são essas?

—Tudo velho. O que ha é só isto... Diga-me, você que é moço e não tem sangue de barata... se um homem chegasse aqui e lhe dissesse nas barbas: "Cabra, se falas mal de Madeira m'has de pagar a calabrote e palmatoria...„ que lhe

faria você? E' só o que eu quero que me diga.

Pedro respondeu com sobrecenho.

— Eu?... arrumava-lhe na cabeça, assim como estou batendo nesta cavilha.

E vibrou o martello com tal violencia, que a espiga de ferro desappareceu toda no madeiro.

— Muito bem, volveu Basilio; assim é que se responde. O pé-de-chumbo ainda não viu nada e já se queixa... Pedro, numa hora destas você mette uma cavilha na cabeça de João Portuguez.

O carpinteiro pasmou de ouvir. Perturbado, buscou ler no semblante dos dous. Teriam vindo expressamente?... Saberiam acaso do seu ultimo encontro á porta da botica? ..Tel-o-iam tambem como protector ou amigo do pae de Mercês?

Como era preciso responder, obtemperou:

— Mas João Portuguez não me disse nem é capaz de me dizer aquillo.

Teve desejo de accrescentar: "E você, velho Basilio, sempre foi um tecedor de intrigas".

— Ora... replicou o rêdeiro Basilio; assim como disse a Zacharias Sambeiro, que fez ouvidos de mercador, diz a qualquer Ingrato, que nem contemplação teve com o rapaz que lhe salvou a filha de morrer afogada. E agora é

que elle vae ficar atrevido. Se porventura foi á cidade e lá lhe dão ouvidos... quem póde mais com elle?

— Sabe se partiu?

— Se não está cá o Lima, é com certeza.

Pedro desconfiava sempre e raciocinava. « Este velho é o pae de Marcolina: eu desprezei Marcolina... Cuidado com elle ». Todavia ainda perguntou:

— Quem deu no portuguez?

— Foi o pescador Lourenço.

Neste ponto appareceu um creoulete, appellidado Voador, annunciando que as barcas de guerra andavam perto da costa do Manguinho e que uma escuna cruzara de madrugada por noroéste. Novos calafates haviam chegado e com os instrumentos de querena caliiam de golpes nas pranchas das embarcações tombadas. Ao mesmo tempo começou a soar a marreta na forja de Sergio, e mais adeante, em outras tendas, ao fundo da igreja nova do Sacramento, respondia igual tan-tan de ferros malhados por entre jactos de faiscas rubras que vinham se apagar cá fóra.

O tenente Taneco falou para todos no estaleiro:

—Levamos aqui só a pensar nas bravatas do lusitano. Deixal-o ..Olhem para alli. São barcos que vêm de Jaguaripe com mantimentos para os nossos, que estão se reunindo na villa de Cachoeira. O que nos falta é embarcação artilhada para acompanhal-os.....Mas Lima já seguiu...

—Se elle é nosso...

Pedro confirmou:

—A mim o disse no alambique.

—Então? E nós, continuou o tenente, a quebrar a cabeça com os brigues e as escunas... Que venham! Não ha um regimento na ilha? Pelo que me toca, estou no meu posto e daqui não me arredo... comtanto que haja soldados p'ra pegar nas granadeiras. Nasci para morrer um dia, portanto...

Com esses modos marciaes, a boca cheia de raios de guerra, Taneco transfigurara-se. Os officiaes suspenderam os machados e os moços de pescaria olharam-no com respeito. Pedro, porém, não se enthusiasmou tanto que perdesse de vista a realidade da situação.

—Sou do seu parecer, tenente. Mas que é da polvora e a bala?... que arma nos dão para brigarmos? As nossas ferramentas?...

O miliciano zombou:

—Meu amigo, ha cousas que estão em segredo ...Lima desta vez não foi para Cachoeira vender aguardente, não...

—Bem: a que foi, então?

—Nem tudo se póde dizer. O que se passou da botica para a junta da villa pouco sabemos. Olhe, o nosso fim agora é acclamar o Principe Regente. Isto se faz, dê no que der; porque o nosso systema não é o de Lisboa, é o do Rio de Janeiro. Depois, que venham as barcas de Madeira arrazar esta ilha, de ponta a ponta. Eu tambem tenho mulher e filhos, mas sou do regimento, e em tempo de guerra a familia do militar é o seu regimento.

—O tenente sempre disse isso, acudiu Basilio, apoiando-o.

—Dizer o contrario seria vergonha para um official de milicia. Nada! Neste tempo cada homem só tem um carrego—é a espada, o fuzil ou a granadeira, e á voz do commandante não tem que olhar para quem está na sua frente. Chovam bombas e raios, morra quem morrer...

—Isso é...disse Pedro, voltando com força o trado.

A gesticulação vehemente do miliciano attrahiu

curiosos ao estaleiro. As suas palavras acompanhadas pelos repiques dos macetes, martellos e malhos produziam nos circumstantes uma singular sensação de luta, que se exacerbava com a quentura do meio-dia a beira-mar, com o cheiro do carvão estralejante das forjas e o fogacho do breu derretido em que os calafates mergulhavam á pressa os escopeiros.

No estaleiro falavam todos, ao mesmo tempo, das occorrencias na cidade, das vexações impostas ao povo, dos soffrimentos cortidos pelos emigrados nas mattas e arraiaes do interior. Reaccendia-se em alguns a indignação. Profeériam-se esconjuros e pragas. O odio a Madeira reflectia sobre todos os seus patricios que não tinham ostensivamente adoptado o «systema brasileiro».

Passava de largo um vendeiro lusitano, chamado José d'Olivaes.

—Aquelle é outro! gritou um pescador, mostrando-lhe os punhos.

—Deixem vir o tal *madeira pôdre*, acudiu um carpinteiro, alisando o ferro do machado, que eu hei de lhe mostrar como se racha um pau.

—Elles nos chamam *cabras*, disse tambem o

creoulo Voador, mas ainda não provaram a força de um cabra. Venham p'ra cá...

O tenente voltou-se teso e ironico para o creoulo.

— E tu, quem és, para...

— Eu? nada, respondeu elle com pacholice e a gingar; sou tão sómente uma onda...

— Era preciso que fosses um mar encapellado.

Alguns romperam a rir, mas outros applaudiram, e Pedro mais que todos, lembrando-se de que a resposta do moço era o echo de um pensamento seu, suggerido pela parabola de André.

Voador acabou satisfeito com esse successo, que estava longe de esperar. A' custa dos lusitanos riam todos, mas no seu rir escarninho e amargo havia a tristeza inconsciente das velhas relações que se rompiam.

Mercieiros lusitanos, pescadores e carpinteiros formavam até então como uma grande familia. Tantos habitos, tantos sentimentos, tantas cousas já lhes eram communs, desde as palavras em que se entendiam até os canticos que entoavam á Virgem Mãe!...De um dia para outro viam-se estranhos e distanciados: separava-os a desconfiança, a suspeita, o medo, a intriga.

— Que pena, disse mesmo um delles, acabada a galhofa: esta guerra veiu plantar a sizania em muitas casas... Dizem que a Santinha já briga com o João Portuguez.

Taneco approvou os sentimentos nativistas de Santinha. Em seguida despediu-se dos camaradas do estaleiro. Mas apenas chegou á sombra da igreja, viu encaminhar-se para elle um homem de barretina alta e jaqueta azul com os angulos de sargento no braço.

XI

« MALDITA SEJA A GUERRA »

O sargento Martins vinha de ordem do sargento-mór Souza Lima. Chegara naquelle momento da villa de Cachoeira, tendo feito grande rodeio por terra, desde a foz do Paraguassú até a Ponta da Margarida.

— Está quem nos póde dar novas, disse, approximando-se com intromettimento, o velho Basilio.

— Que manda o commandante? perguntou o tenente ao mensageiro.

— Recados e estes papeis.

Taneco recebeu a correspondencia, abriu-a e poz-se a ler para si. Sahiu logo da sua tenda o ferreiro Sergio com o avental sujo de carvão a bater contra as coxas. Appareceu Calixto, que horas antes saltara da balieira.

João de Deus chegou, ameaçando José d'Olivaes, com quem topara em caminho. Alguem, vendo-os reunidos, murmurou por graça: « Cui-

dado, marotos, que aqui estão os pares de França».
Todos se acotovellavam já no estaleiro, ao redor do enviado, emquanto este falava:

— Anda agora cruzando na boca do rio uma escuna que não deixa entrar nem sahir embarcação. Aquelles barcos acolá vão conduzindo mantimentos para o povo e a tropa que está se formando no Reconcavo; mas eu duvido que possam entrar no rio. E se os mestres não tomarem sentido cahem até no poder da escuna. Elles na cidade estão sem grão de farinha p'ra comer...

— A falta de guarda-costas... lastimou o tenente.

— Arranjem os petrechos, disse Calixto, que a balieira está alli...

O tenente Taneco acabava de ler um papel; impoz silencio, e com solennidade:

— A prova do que eu disse aqui, ainda agora ...E' este papel. Sabem que papel é este? E' uma proclamação da Junta da Defesa! Tres villas, tres, já acclamaram o Principe Regente...

— De certo, affirmou Pedro, só elle é quem nos ha de governar.

— Esta é a nossa vontade; abaixo de Deus, elle.

— E a nossa vez não está longe, homens. Eis aqui, este papel; convida-se o povo para acclamar o principe D. Pedro...

— Porque não se ha de acclamar?

— Acclama-se! garantiu Sergio, com energia.

— Veremos, continuou Taneco, veremos.. Este outro papel é a copia do que a camara da villa despachou para o Rio de Janeiro ao nosso imperial regente.

Poz-se a ler, salteado: « Perto está o feliz momento de ser Vossa Alteza Real proclamado em todos os pontos do solo bahiano...assim pudessem nossas forças inferiores esmagar as do lusitano...Vossa Alteza Real é nosso defensor perpetuo...Nós somos opprimidos e soffremos crueis hostilidades...»

Um pescador suspirou.

— Tudo tem seu termo, considerou Pedro.

Outros já cochichavam, achando muito serio o caso. O velho Basilio mastigava:

— Acclamar... acclamar...Como se faz isso, tenente? E concluiu: Tudo isso me cheira a fogo.

Taneco apressou-se, enrolando e desenrolando papeis, que o vento lhe arrebatava.

Saçudindo emfim um punhado de avulsos, exclamou:

— Coragem! Estamos a 9 de julho. A hora vem chegando...Quem sabe ler aqui? Tomem lá isso e vão passando. Cuidado, que não caiam nas mãos dos inimigos. E vamos nós, sargento. Amanhã...amanhã......Ha muito, muito que fazer.

Sahiu. As proclamações foram espalhadas e eram lidas nos estaleiros e tendas, entre explicações e commentarios. Mal acabavam de ouvir, os officiaes e aprendizes corriam ao trabalho com pressa de acabar; e a praia tornava a resoar, toda vibrante dos golpes dos macetes, do silvar das serras e do metallico tan-tan dos ferreiros.

Estavam nisso, quando começaram a descer, de uma travessa para o porto, diversas pessoas qualificadas do logar. A' frente do grupo caminhava um homem moreno e baixo, sem barba, vestido de sobrecasaco de cabeção, coberto por um antigo chapéo braguez. Era o cirurgião. A poucos passos vinha o padre João, já velhote e côr de cêra, muito sumido na batina russa. Seguiam-se tres senhoras trajando alvas bretanhas e escumilhas, os cabellos repartidos de orelha a orelha com seus pentes «trepa-moleques» sobre a poupa. Acompanhava-as o mestre

Baptista, da escola régia, um pardo alto, tambem coberto por um largo braguez e um sobrecasaco de saragoça.

Conversando com uma senhora edosa e afagando uma creança, appareceu um velho casquilho, de sapatos com fivelas douradas e chapéo de pêlo, o sr. Leonardo, que guardava o thesouro da irmandade do Santissimo. Por ultimo o capitão de milicias Barros Galvão, branco, de alta estatura, largo de hombros e porte correcto. Galvão, a esse tempo ajudante de ordens do governador da ilha, trajava uma farda azul, sobre a qual brilhava a prata dos galões e dragonas.

Em toda a extensão da praia já se sabia o que aquillo significava. Era a familia do cirurgião que se mudava. Mudava-se temporariamente para um sitio da Outra Banda. Mas essa mudança, na mesma tarde em que se tomara resolução tal ou qual inquietadora, despertava estranhos sentimentos. Ia assim a terra perdendo a flôr dos seus habitantes Quem viria para o seu logar? Felizmente o cirurgião ficava.

A familia embarcou e seguiu viagem.

Tambem iam findando as labutações do dia. Só uma ou outra macetada se ouvia á beira-mar. Das tendas começava-se a varrer o cisco; jorras, balas

de estopa, serraduras, eram lançadas á praia, que as ondas não tardariam lavar. Caras mascarradas de preto ou vermelhas de fogo e sol appareciam em maior numero; os aprendizes conduziam caixas e ferramentas; pelos estaleiros andavam mulheres e meninos apanhando cavacos para lume; as canôas de pesca sahiam.

Fileiras de rapazes dirigiam-se para a Banda da Praia e para o Convento, uns morosos, moidos de tanto repicar nas taboas dos barcos, outros espertos, bulhentos, sem muito respeito aos mestres que os acompanhavam sisudos. Depois, como os mais demorados vissem os da frente correr, deitaram tambem a correr; e estes ultimos, attrahindo a attenção dos mestres e officiaes, acabaram por arrastal-os nas suas pégadas. Que era? Que havia? Em pouco, toda a gente corria na mesma direcção, para o pontal e o Contracto, crendo que lá se passava cousa muito séria. E os que primeiro chegavam áquelles pontos, proximo á fortaleza, não se tinham quietos nem tiravam as vistas do mar.

—E' a escuna! gritavam uns, tomados de pasmo.

—Bem disse o sargento Martins!...

—Isto acaba mal — concluiam outros, pensando em si.

—Os brigues? interrogavam mulheres que acudiam, com as feições alarmadas e o coração aos saltos.

—Lá vae na volta, atraz de um barco!...

O espectaculo retinha os homens impressionados, frementes, nos mesmos pontos de observação.

Do sol restava sómente a claridade. O céo no zenith estava limpo e anilado; por cima dos cerros da Outra Banda as nuvens formavam rebuços de tons laranjos e purpurinos. O mar cobria-se ao longe de rosas desmaiadas. E sobre esse maravilhoso fundo cambiante o povo apinhado via desdobrar-se o painel que o commovia a rasgar o peito: a escuna lusitana dava caça terrivel aos barcos farinheiros, que demandavam a fóz do Paraguassú; os barcos fugiam, virando de bordo, com rumo para a Ponta da Margarida.

Essa primeira revelação de hostilidade, que a gente da ilha testemunhava, abalou-a muito mais que todas as narrações ouvidas até então. Alli era a propria guerra a dizer: «Aqui estou, e vêde como sou feroz». Debalde alguns maritimos consideravam que aquella costa, do Dourado á Encarnação, era toda ella uma linha de

baixios de areia, com estreitos canaes, o maior entre a Margarida e a ilha do Medo; que os lusitanos, não conhecendo bem aquellas aguas, podiam ser facilmente illudidos pelos barcos e atirar até a escuna sobre uma *corôa.* O maior numero era vencido pelo horror do perigo.

Os barcos davam todo o panno ao vento, e tal era a febre dos praianos cá de terra, que elles chegavam a gritar a esmo, ensinando manobras aos fugitivos, como se estes pudessem ouvil-os.

Então, do seio da turba, rompeu uma voz de ancião, alta, soluçante e condemnadora:

—Maldita seja a guerra!...

O brado do velho repercutiu em todos os corações, como a voz do sentimento grande e humano que em todos espontaneamente nascia.

Até se extinguir o crepusculo permaneceu o povo nas praias, donde só se retirou quando as sombras, cobrindo o canal, lhe interceptaram completamente a visão. Mas todos se recolheram com aquella scena perturbadora dentro dos olhos, pensando no que iria succeder aos barcos indefesos e no que mais succederia após aquelle acto de solenne rompimento.

Pedro foi encontrar em casa o pae André a

maldizer do seu entrevamento.—Que estava sem pernas, prohibido de pescar, de vigiar os bordos do inimigo, e assim poderiam estes vir á ilha, tomal-a, arrazal-a, que o velho André nem para pegar num remo teria forças!

—Ai! pares de França do meu tempo... Já não sou quem dantes era!

E o velho gritava com tia Manoela a proposito de tudo.

A' noite o carpinteiro sahiu e encostou-se á janella de João Portuguez.

Santinha cosicava na sala. Mercês, debruçada sob a rotula, disse-lhe o que sabia da ausencia do pae.—Que fôra á cidade, a negocio, e visto demorar lá ordenara que a familia fosse para a rocinha do patricio Antonio Lamego, á baixa do Balaustre, onde permaneceria até a sua volta. Deviam ter seguido nessa mesma tarde; iriam, porém, no dia seguinte, sem falta.

—A que horas? perguntou o carpinteiro.

—De madrugada.

—Eu acompanho-as.

—Ia pedir-lhe isto mesmo ..

Pedro tornou-se pensativo. Se o coração estava em terra, o espirito errava pelo mar. Entretanto o vento acalmara e promettia a sal-

vação dos barcos. Mas a viagem do portuguez tambem o preoccupava.

—Elle brigou com sua mãe?

—Tiveram uma rusga...

—Ah! exclamou Pedro, sem lhe dizer que soubera disso no estaleiro. Depois, apontando para o mar:

—Sabe o que estivemos olhando alli ao pôr do sol?

—Ouvi dizer, respondeu Mercês, sem mostrar interesse.

—Aquillo é o principio...Quem sabe o que vae haver amanhã ou depois, de um dia para outro?...

E reproduziu mentalmente a phrase do calafate: «Maldita seja a guerra».

—Ora...

Já ella estava cansada e aborrecida de ouvir falar em guerra. Que tinha com aquelles rumores de fóra? Quanto reboliço sem motivo, quanta mentira... Nada mais receava pela sua parte.

—Tambem não tornaram a bolir com elle não é?

—Com seu pae?... Não.

Mercês ficou satisfeita. O que lhe importava

agora era a sua viagem; e que Pedro não só a levasse de madrugada, como fosse muitas vezes ao Balaustre. Sua tranquillidade era tão perfeita, sua alegria tão desempanada, que convidava ao esquecimento de tudo mais. O carpinteiro fez-lhe caricias e poz-se a falar, como ella, das bellezas agrestes do Balaustre ao alvorecer, pela fresca estiada que povoava as moitas e o arvoredo de passarinhos, e enchia de gorgeios o ar das roças, a trescalar alecrim do campo. A agua das fontes lá dormia nas varzeas em derredor; as mangas côr de gemma de ovo e papos de carmim despencavam, mergulhando nas fontes, onde a gente as apanhava antes que os bois viessem beber. E havia ainda agora tantas mangueiras cobertas de florada temporã, tanto gravatá cheiroso, e ingás e araçás...

—E' acordar cedo, avisou Mercês com empenho. Pedro já não cogitava de outra cousa senão desse retiro que a alegrava. Pela segunda vez achar-se-iam quasi a sós, nas estradas ermas e floridas. Em caminho a boa Santinha, fingindo nada ver nem ouvir, tomaria a deanteira, e quando houvessem de passar a lagôa d'Agua Comprida, morada de jacarés, elle pegaria Mercês

numa braçada pela cintura e as curvas das pernas, e assim seguiria, como quem leva uma creança, com o rosto della deitado embaixo dos seus olhos e da sua boca...

A' despedida ainda ella insistiu, como empenhada em pagar-lhe uma divida de afagos:

—De madrugada...bem cedo...

Tornaram a trançar as mãos, a juntar os rostos e a prometter-se.

XII

O ASSALTO

Pedro dormiu bem o seu primeiro somno.

Verificando ser ainda muito cedo para a viagem, tornou á cama, a pensar em Taneco, na projectada acclamação do principe, em Mercês e nas imprudencias do pae della, no destino dos barcos perseguidos pela escuna, outra vez em Mercês, no Balaustre, em Santinha. Com essas imagens engrazadas no espirito, ia adormecendo, quando sentiu a cabeça pular-lhe do travesseiro, impellida por um choque brutal e estrondoso.

Saltou da cama e esperou.

Parecia correr pelos ares, em direcção aos outeiros, uma onda vibrante. Mas antes de extinguir-se o ultimo echo, outro estampido rebentou, tão perto que lhe doeu nos ouvidos

Deixou então o aposento e foi á saleta.

O velho André já estava sentado no estrado em que dormia. Sem dizer palavra, esperaram.

Não decorreram dous minutos; nova detonação, mais forte, fez tremer a terra, abalando o telhado da casa. André estremeceu.

A candeia de azeite morria. Tia Manoela appareceu com as mãos na cabeça, exclamando abafadamente:

—Piedade de Nossa Senhora!...

Pedro, tendo vestido o capote, abriu a janellinha que deitava sobre o cercado e viu no céo a pallidez da alva subitamente inflammada por um relampago vermelho, a que se seguiu outro estampido. Os tiros cahiam no silencio como pedras numa agua estofa. E o pae do carpinteiro entrou a clamar, allucinado:

—O que eu dizia? o que eu dizia?...Ahi está ...O que eu dizia!...

D'ahi por deante foi-se propagando o reboliço a toda a Ponta das Baleias. Das visinhanças vinham clamores de meninos e mulheres, gritos, choro de creanças, fracasso de portas a bater.

E os tiros continuavam a cahir, ora um a um, ora aos dous. Azas de ferro sibilavam no espaço. Os echos ondulavam longinquos.

—Vieram ou não? Ahi'stá...Bem eu dizia... Fugir p'ra onde agora? Eu por mim não saio.

Com que pernas! Não...matem-me, matem-me, matem-me ...façam de mim o que quizer...

O velho tresvariava, e Pedro não sabia a que attendesse. Chegava sempre á janella, o céo reaccendia-se, elle entrava, acautelando-se. Não via brigues no mar. Via gente a correr pela praia; nos intervallos do canhoneio ouvia o berreiro na visinhança, gritaria de mulheres, e o protesto renitente de André:

— Não saio...matem-me aqui...

— Espere, ó pae...Vamos ver em que fica; isto ha de acabar...Tia Manoela, veja a caixa dos ferros e meu facão...Que é aquillo?

Um golpe de vento fresco escancarou a janella. Fóra desfilava um bando de vultos a gritar:

— Guerra!... As barcas!...

Pareciam fugir de um monstro feroz que lhes farejasse os calcanhares.

A um tiro de peça sumiram-se.

Tia Manoela atava e desatava uma trouxa, chamando por Mãe Santissima. Queria sahir em soccorro da irmã e dos sobrinhos, mas recuava, sem coragem. Nisto bateram á porta com desatino. Pedro correu e abriu.

— Quem é? Calixto?...

— Sou eu. Vamos-nos embora. Todos se safam

...A marujada vem saltar; não se ha de dar o peito á bala. Que remedio!...

—Sim...vamos. Achou, tia Manoela?

Calixto desappareceu. O carpinteiro foi direito ao estrado.

—Meu pae André, levante-se.

—Com que pernas? Vão todos, eu fico... Já disse, desta Ponta não saio. Matem-me...

—Pae, não ha tempo... A marujada não tarda. Levante-se ou então eu tambem fico.... Morremos todos juntos. Quer assim?

Passou-lhe o braço pelas costas, agarrou-o com força e suspendeu-o. Manoela acudiu com um chapéo, lançando a japona aos hombros do pescador, que a custo se deixou conduzir.

No entretanto, o carpinteiro avançava difficilmente com o velho André que, protestando sempre, se fazia de chumbo. Assim atordoado, a ouvir o estardalhaço confuso que reinava no centro da povoação, chegou em frente á casa de João Portuguez. Attonito, volveu-se para a creoula que o acompanhava.

—Tia Manoela, acuda áquellas pobres mulheres.

A creoula empurrou a porta de Santinha, entrou e sahiu logo, dizendo:

— Não tem ninguem.

Pedro apertou contra a ilharga o velho e o foi levando suspenso do chão.

Tinham cessado os disparos. Essa pausa, porém, figurou-se mais sinistra quando o povo desconfiou que annunciava o desembarque. Passavam homens galopando. Ainda se ouviam gritos longinquos. Um velho atropellado gemia, cahido num pantano. Um menino agarrou-se á saia de tia Manoela; depois largou-a e partiu. Raparigas hystericas perneavam, esganiçando-se em ataques, pelas congostas e porteiras dos quintaes. Os cães acuavam-se, ganindo medonhamente.

A' entrada do Campo, entre cercas e uma fila de casinhas, Pedro esbarrou ante um espectaculo atormentador. Os tiros recomeçavam, uns profundos, de entontecer, outros menos retumbantes, porém amiudados como descargas de mosquetaria. As moradoras das casinholas evacuaram-nas de vez, e por instantes se enovelaram atropelladamente, agarrando-se umas ás outras. Não sabiam para onde correr: abrigavam-se ás paredes e beiraes, emquanto passava o trovão que explodia no pontal; aventuravam-se ás carreiras e retrocediam sem tino.

Nesse vae-vem surprehendeu-as a voz de um homem que atravessava o Campo, bradando:

— Fogo em terra! . . . Soldados! . . .

Era o que Pedro havia percebido momentos antes, e foi o que decidiu á fuga a multidão de mulheres dementes.

O Campo ficou deserto, como tinham ficado as praias. E não tardou que outra voz clamante e panica annunciasse atraz dos fugitivos:

— Mortos . . . Mortos! . . . Na fortaleza . . .

Os bandos continuavam a fugir com estrupido e desordem de rebanhos esparramados.

Já a manhã vinha corando a bruma alvadia do mar e as nuvens que tambem fugiam por cima dos outeiros.

Pela estrada que leva aos sertões da ilha rolava agora o povo, ao som aggressivo da artilharia. A poeira de barro, em torvelinhos, fazia suffocar e gemer ao velho André, que não cansava de protestar e pedir:

— Matem-me logo . . . matem-me . . .

XIII

FUGA E DISPERSÃO

Os fugitivos derramaram-se pela planicie do Areal, entrando pelas cancellas das roças, cahindo á sombra dos cajueiros e mangueiras, junto a urtigas e cardos, de cujos espinhos não se defendiam.

Em cada encruzilhada, em cada atalho eram lotes errantes, como perdidos num labyrintho.

O sol subia.

Das ruinas de um curral pularam bois, que se dispersaram a pastar os ramos dos arbustos.

Ninguem mais se temia dos bois bravos, dos seus grandes olhos curiosos, nem das suas pontas afinadas.

A todo momento olhavam para o ar, esperando novos trovões.

Entretanto o maior numero ia abandonando a campina, em busca de melhor refugio. Pedro, depois de um breve repouso numa grota, á beira da Eminencia, seguia com o seu fardo e

a diligente Manoela, não sabendo bem onde havia de parar nem o que fazer. O sol nublava-se frequentemente, como se o tempo fosse mudar.

Tendo transposto o Areal e alcançado a extrema da varzea, o carpinteiro avistou evadidos que demandavam os cerros e brenhas. Muitos corriam para a roça do padre João. Creanças e raparigas surgiam ainda nas orlas dos caminhos, embaraçando-se em touças de tiriricas e samambaias que lhes arrancavam pedaços das saias e camisolas.

Pedro foi ter a um sitio denominado as Pedrinhas. Havia alli meia duzia de casas de palha, em cujos terreiros se amontoavam cascas de ostras. Procurou pelo dono de uma, e soube que todas tinham sido abandonadas. Arranchou-se com duas familias de pescadores. Uma mulher, que de cabra se tornara côr de cinza, forcejava por arrancar um estrepe do calcanhar da filha, cujos olhitos muito apertados distillavam lagrimas. O filho da outra via escorrer sangue da coxa, emquanto a velha, com o joelho deslocado gemia apertando as mãos e os queixos.

O pae do carpinteiro tinha-se estendido no chão e pedia anciosamente um côco d'agua. Ao canto da casa jazia um pote vasio. Pedro apo-

derou-se do pote e ia sahir, quando appareceram dous moços de pescaria com José Marôtinho e o ferreiro Sergio. Este lhe disse, offegando:

— Houve sangue, *seu* Pedro. Os soldados mataram as sentinellas.. Vi duas mortas na esplanada da fortaleza.

— Quem eram?

— Não sei, nem podia saber.

— Tomaram a fortaleza?

— Logo e logo.

— Quantas barcas vieram?

— Não pude ver. O que sei é que ha muita gente ferida... E agora?

— Ficou alguem na Ponta?

— Ficaram alguns trancados em casa. E' o que dizem... Uma bala deu com a parede do Convento no chão... O que eu quero é saber o que se faz...Sim, o que vamos fazer.

Por ultima resposta Pedro indicou a porta da palhoça.

— Está alli o pae André... Eu já volto.

Na estrada avistou conhecidos, e reconheceu o zelador Venancio, em mangas de camisa e suspensorios, retardatario, enterrando-se até aos sancos na areia do Areal. Perto dos mangues da contra-costa acertou com uma cacimba em

que bebia um cavallo. Acudiu-lhe então a idéa de ir em exploração até a rocinha de Antonio Lamego. Apressou-se em levar a agua, e tornando á cacimba, montou no cavallo e partiu.

A cabeça ardia-lhe; os pensamentos entrechocavam-se-lhe dentro e lá mesmo morriam como abortos. — Acharia Mercês? Teria ella acertado com a roça? Ficaria na Ponta?

— Deus do céo, quanta desgraça!...

Quando o animal entrou a bater na Agua Comprida, elle pensou nas risonhas tenções da vespera e lastimou a rapidez com que se mudam as cousas. A' sua frente chapinhavam na lagôa homens velhos, mulheres e meninos, sem nenhum temor aos famintos jacarés. Peores que os jacarés e todos os bichos damninhos eram os homens que assim lhes devoravam a felicidade.

Vagueou por longos caminhos, por mattos, roças e apicuns, mas não encontrou Mercês. A casa de Lamego estava tambem abandonada. O portuguez fugira. Pedro desorientou-se; desceu do animal e galgou a passos de gigante o mais alto dos dous mamelões do Balaustre, que perto delle estava, com a intenção de ver o que se passava no povoado.

D'alli avistou a plataforma da fortaleza e

os mastros das barcas occultas por traz das muralhas; olhou as aguas da bahia malhadas de sol e a cidade do Salvador esbatida e vaga numa tela de nuvens alvacentas que simulavam a fumaceira de uma vasta queimada. Desgalgou pelas rugas e vincos profundos do monte, cavalgou e depois de uma febricitante carreira tornou a atravessar a lagôa, a procura de Sergio. Mas no meio d'Agua Comprida sentiu um estremecimento em todo o corpo e arregalou os olhos. Uma mulher com o busto vestido de vermelho, a côr do jaleco de Mercês, dirigia-se ao seu encontro. Andava lentamente, mas o cavallo despedia, de sorte que em poucos minutos se acharam tão proximos que o carpinteiro começou a desconfiar de um engano.

— Não é ella! suspirou.

Não era Mercês; era Marcolina, sua amante desprezada. Marcolina, muito arregaçada, a chorar, olhou-o, e esquecida de todos os aggravos, disse:

— A nossa desgraça!... Não sei de meu pae.

— E p'ra onde vae?

— P'ra onde Deus quizer.

Passaram um pelo outro, e distanciaram-se.

Quando Pedro Carpinteiro ganhou a palhoça não estavam mais ahi os camaradas e pouca

gente restava nas Pedrinhas. Ao entrar, deu com o pae estirado num espatho de coqueiro. O velho repetiu, gemendo, a pergunta de Sergio:

— E agora, que se ha de fazer?

A humilhação era tamanha, tão mortificante e ignominiosa a expulsão de que haviam sido victimas, que nenhuma empresa se figurava ao carpinteiro bastante para os vingar. No seu espirito encarniçado pela dôr, golpeado de allucinações, á vista do velho André que gemia, á lembrança de Mercês desgarrada, como tantas infelizes, pelas brenhas, de sua casa e de sua officina entregues á pilhagem ou ao incendio, só um castigo seria capaz de resgatar todo esse opprobrio: a morte, mas a morte em massa, por uma chuva de raios, um cataclysmo, uma erupção de todas as coleras que se geram no oceano ou no coração da terra...

XIV

AO PARAGUASSÚ !

Uma palavra de ordem reunira todos os homens validos. Lotes de pescadores, calafates, roceiros, ferreiros, maritimos e pretos escravos acudiram animados. Alguns resistiam com brutalidade aos rogos das mulheres que faziam por leval-os comsigo para o sertão da ilha.

Pedro chamou de parte a boa Manoela e pediu-lhe:

—Se encontrar a pobre Santinha e a filha... coitadas, não têm culpa...chame-as para aqui, tia Manoela. Veja se as encontra, procure saber...Não se esqueça disto, e fale com meu pae André para que fiquem todos juntos. Fui eu que pedi.

Depois dirigiu-se ao pae.

—Hoje mesmo vamos entrar na Ponta e de lá seguimos... E' a ordem. Vosmecê fica por aqui; tenho fé que breve estaremos de volta.

—Pois sim, respondeu o velho; Deus te acom-

panhe. Não te importes commigo...P'ra que presto mais? Calixto appareceu? Sergio? Avelino?...

—Estão todos ahi.

—'Stá bom, vae. E' p'ra Cachoeira, não é?

—Sim, senhor.

—Então é a guerra.. é sempre a guerra!... Eu é que não vou, não posso, não posso...que remedio? Ainda se me botassem dentro de um barco... Tu duvidas? Olha, o braço está firme... mas que é das pernas? Vae, vão todos... que hei de fazer? Deixa-me acabar por estes mattos, que agora só sirvo para os urubús.

—Socegue, pae... A sua benção...

—Nossa Senhora te abençôe... Vae, filho...vae e vem buscar teu pae...Não te esqueças de teu pae velho e doente, meu filho...

Lagrimas de desespero e dôr borbulhavam-lhe aos cantos dos olhos.

Pedro apressou-se em sahir.

Ao sol posto a populaça em meio do Areal falava, em grande agitação, preparando-se para entrar no povoado. Ainda havia mulheres que teimavam em arrancar filhos e maridos á companhia dos cabecilhas. Estes gritavam para exaltar os tibios:

—A' Ponta e de lá ao Paraguassú!

Estavam nisso, quando chegou um pescador e contou que, tendo-se escondido dentro de um saveiro, dalli assistira ás correrias dos marujos e soldados lusitanos, podendo só agora escapulir, porque os atacantes se achavam entretidos na fortaleza.

A' vista desse pescador, que era Zacharias Sambeiro, Pedro sentiu-se menos inquieto, e vendo-o disposto a acompanhar o troço, perdoou-lhe todas as culpas. Voltou-se para um rapazinho ruivo que o acompanhava: era o seu aprendiz José Marôtinho.

—Vae-te embora, menino .. Que vens fazer?

Marôtinho rogou, insistiu ... Que queria ir para a villa de Cachoeira, que se achava com coragem até para pegar em armas e brigar.

Depois de ouvil-o, as mulheres separaram-se da turba, como envergonhadas de querer afastar os seus homens.

No momento em que os lotes se moviam para o povoado, notou Pedro que Zacharias Sambeiro se desviava e atrazava a marcha, olhando frequentemente para os mattos. Mais de uma vez o viu parado. O crepusculo já empretecia as arvores e annuviava as clareiras do Areal.

Zacharias partiu subitamente a correr em direcção a um grupo de mulheres.

Pedro, impellido por uma seria suspeita, perseguiu-o. Outros camaradas, isto vendo, correram por sua vez, a gritar pelo carpinteiro. As mulheres embrenharam-se, espavoridas.

—Covarde!... exclamou Pedro, estacando.

—Deixa-o, disseram os outros, não nos faz falta.

Mas só elle sabia de que tremenda perseguição podia ser victima a filha de João Portuguez...

Depois desta scena desagradavel, os populares bradaram de novo:

—Ao Paraguassú!

Marcharam até o sopé da Eminencia, onde esperariam que a noite fechasse completamente, combinando o que haviam de fazer.

O tempo estava mudado, e tanto melhor.

Tornou-se a noite escurissima, com borraceiros e vento cortante.

Ouvia-se a aguagem da maré nas costas proximas. O mar soava como uma fanfarra.

Segundo o conselho de Pedro, deviam todos seguir dispersos, sem fazer bulha, farejando os arredores e espreitando os vultos que por acaso estivessem de sentinella, até penetrarem na povoação.

Assim fizeram. Em pequenos lotes foram surgindo por differentes embocaduras e insinuando-se nas viellas e nos largos.

A povoação de S. Lourenço estava soturna como um cemiterio. Portas que ficaram abertas estouravam de encontro aos batentes; cães friorentos ganiam, uivavam pelos cantos escusos.

Ás vezes parecia aos insulanos que a empresa ia mallograr-se, que havia olhos nas trevas acompanhando-os, que um brado de alarma irrompia no silencio. Precipitavam-se em fuga, mas voltavam, recuperando animo.

Familiarisaram-se com o perigo; desappareceu todo o receio. Houve então uma escalada geral. Cada qual por seu lado, pulando muros, varando cercas, entrando nas casas, tirava o que podia —ferramentas, armas, roupas, dinheiro.

Uma vez na povoação, Pedro foi á Banda da Praia, onde encontrou fechada a casa de João Portuguez. Certo de que o homem tinha vindo nas barcas com os atacantes, correu á sua estacada, apanhou remos e velas e desceu á praia.

A canôa de André nadava no mesmo logar do porto, aos solavancos das ondas que o sopro tormentoso de julho arrojava contra as praias. Por

ahi se esgueiravam outras sombras, como elle, tacteando amarrações de lanchas e saveiros.

Andavam todos com a maior cautela. Apesar da escuridão vislumbraram ao norte da fortaleza as canhoneiras que guardavam a Ponta.

Já as duas praias estavam apinhadas de sombras humanas que pareciam representar uma patomima. As embarcações recebiam gente, içavam-se velas, os remos e as varas trabalhavam. Os que mais depressa se aviaram foram se fazendo ao mar como quem se lança a um abysmo. Morreriam sem um grito, se preciso fosse, para salvar o segredo da conjuração.

As canôas escorregavam e pulavam, leves como boias soltas de cortiça no vae-vem estuoso das aguas.

A de Pedro Carpinteiro partiu á vela, debaixo das rajadas frias que percorriam a bahia num estridor de assombrar os corações mais valentes.

Novas e terriveis provações ainda lhes estavam reservadas. Vingado o ancoradouro dos brigues, a tempestade dobrou, desabando francamente pelo sul. Faltava o vento sul para armar ess'outra guerra injusta contra os pescadores escorraçados da sua Ponta das Baleias.

Em meio do canal, debaixo das trevas, fla-

gellada pelos tufões e pelos esçarcéos, a canôa do carpinteiro virou e alagou-se. Eram seus companheiros de viagem Sergio, Voador, Lourenço e o aprendiz Marôtinho.—Onde andavam os outros para os salvar? Desconfiariam sequer dessa desgraça?

Agarrados á borda da embarcação, soltavam bramidos, pedindo soccorro; mas a agua acudia em convulsões e tapava-lhes a boca, as refregas corriam uivando, o negrume da noite os escondia das outras embarcações, que elles cuidavam já subvertidas no mesmo sossobro.

O frio gelava-os; os braços começavam a esmorecer. Cansaram de gritar pelos homens; bradavam pelo soccorro divino, pela Virgem da Piedade.

A noite parecia-lhes eterna.

Immersos até o pescoço, iam aos tombos, agora sinistramente mudos, numa lucta furiosa com a morte. Ah! essa morte negra, logo aos primeiros passos!... Assim morreriam todos ao mesmo tempo e ficariam sepultados na mesma cova, levando comsigo a felicidade d'aquelles que os esperavam como seus salvadores! O proprio horror da catastrophe multiplicava as forças da tripolação, que resistia brutalmente á injustiça do oceano.

Passaram assim todo o resto da noite.

Pela madrugada, o horizonte ainda sombrio, Pedro percebeu que um dos camaradas largava a borda da canôa. Soltou um grito, os outros gemeram exhaustos, e o corpo do camarada sumiu-se no capello de um vagalhão.

A alvorada, gelida e procellosa, era igual áquella em que o pae André surprehendera as barcas na enseada de Amoreiras. Á mesma luz violacea, os naufragos avistaram emfim uma lancha que os vinha salvar.

Deram então pela falta de Voador.

—Pobre Voador!...

Agora extendidos no fundo da lancha salvadora, completamente nús, sem forças, com os membros feridos e enregelados, gemiam sobre o infortunio commum.

Sergio, tão bravo e até então resignado, murmurou, vencido:

—Tudo é contra nós!

Pedro não soube protestar.

Olhou para o moço aprendiz que jazia sem sentidos, com os labios roxos e as mãos ensanguentadas. Tanta desgraça lhe apertou o coração, machucou-o, triturou-o: e as lagrimas lhe saltaram.

XV

TANECO, O TRAIDOR

O general Madeira tendo comprehendido à conveniencia de occupar aquelle angulo de terra que mais tarde era considerado por outro general a chave do Reconcavo, e irritado pelas ultimas noticias de que alli tambem se pretendia levar a effeito a acclamação do Principe Regente, resolvera apressar o assalto á ilha.

Entrava ao mesmo tempo em seus planos obstar á emigração dos insulares para o Reconcavo, que elle via com desespero «recheado de castas perigosas», de «criminosos de lesa-nação». Aos aprestos na capital respondiam as villas do interior, alistando ordenanças, levantando trincheiras, arrecadando armas e munições, creando caixas militares, instruindo as milicias e ligando os povos entre si por solemnes juramentos de adhesão a D. Pedro.

A mais recente dessas solemnidades effectuara-se na villa de S. Francisco, perante os regimen-

tos de cavallaria e infantaria miliciana, os vereadores e o povo, convocados a toque de sino para a praça publica.

As estradas do interior, que communicavam as villas, eram transitadas por bandos de voluntarios e por muitos desertores que ás vezes faziam perigar a segurança dos proprios brasileiros. O inverno amollecia o barro dos caminhos e as doenças grassavam.

Grupos de emigrados viviam em logarejos miseros, errando de engenho em engenho, entre cannaviaes, ou á margem dos rios, sujos, exhaustos, com os pés comidos pelas tungas. A promessa de uma esquadra que viria do Rio de Janeiro em seu soccorro dava-lhes, só isso, algum alento.

Entretanto Madeira esperava por sua vez navios do Reino com tropas de reforço, e seus bergantins não paravam de cruzar as aguas da bahia, observando as fortificações que as villas rebeldes construiam nas costas e boccas de rios.

Sua irritação chegou ao cumulo. Era preciso fechar em bons diques aquellas *ondas* da Ponta das Baleias que já iam espraiar nas ribas do Paraguassú.

Ordenou pois o ataque.

Ao alvorecer de 10 de julho, o canhão das

barcas soou em frente á fortaleza de São Lourenço. Depois de demorado bombardeio, saltaram marujos e oitenta homens de tropa regular, sob o commando de um capitão que se tornou mais conhecido pela alcunha de *Trinta Diabos*.

A tiros de mosquetaria feriam quanta gente desvairada encontravam. As sentinellas cahiram espingardeadas. Tomada a fortaleza, foi insultado e preso o commandante, as peças encravadas, a palamenta e o carretame estraçoados.

Isto feito, dispersaram-se os assaltantes pelos largos e ruas do povoado, que contava uns quatrocentos fogos. Com vociferação infernal, ameaças, injurias e «mortas» proclamavam-se senhores da terra. A surpresa do assalto não deu tempo de fugir a muitas familias, cujos chefes se achavam compromettidos. Estas choravam, badalejando, a portas fechadas.

Ao cabo de algumas horas de correrias, voltavam os soldados á fortaleza, quando um official da milicia, abrindo a porta de sua casa, a alguns passos d'alli, se dispunha a sahir.

Esse official, moreno, de bigode negro e duro, estava correctamente fardado e com a visivel intenção de fazer valer o seu posto

Na vespera tinha elle distribuido a proclamação da Junta da Defesa. Durante o assalto fizera timbre de dar provas de valentia. Rodeado, porém, por uma centena de lusitanos arrogantes e ruidosos, em cujas caras sanguineas e truculentas crepitavam olhos de brasa, deteve-se e esperou. Os primeiros que o viram trataram-no com sarcasmo e ultrajes.

Um mata-mouros, grandalhão, de barretina atirada á nuca, denunciou:

— O *caibra* é tenente.

Outro escarneceu do labio grosso do tenente.

Um terceiro o intimou a servir-lhe aguardente e peixe frescal.

O grosso d'elles urrava em expansões de alegria e triumpho.

O miliciano ainda não se tinha movido; parecia estuporado, petrificado, quando ouviu nova algazarra ensurdecedora. Atraz dos soldados chegaram marujos a berrar como ebrios e a brandir calabrotes e chuços, com que desafiavam os *caibras* e pescadores ausentes. Tudo então se confundiu deante do miliciano. As jaquetas azues, as polainas, os correames, as pantalonas brancas, os botões dourados, as barretinas, os topes, os pennachos e fuzis fun-

diram-se ante seus olhos allucinados, quasi cegos.

Os marujos em altos brados começaram a exigir aguardente.

A custo, de traz do miliciano surgiu um menino, em camisola, branco de terror, a tremer das mãos e pernas, com uma botelha e um copo.

Os soldados arrebataram-lhe a botelha, foram bebendo e escarrando, com improperios.

— Peste de cachaça! bradou um marujo, e atirando aos ares o copo, apresentou ao tenente uma garrafa de aguardente do Reino.

— Beba-lhe!

O miliciano recusou; todos insistiram e numa gritaria licenciosa obrigaram-no a beber. Depois rinchavelharam á cara estupida do tenente. Nisso approxima-se um official agigantado, de faces escaldadas e bigodeira ruiva, com os hombros cobertos de dragonas.

O alarido cessou.

O official portuguez chega ao pé do miliciano brasileiro e diz-lhe algumas palavras em tom de mando; depois de ouvil-o, o tenente recúa quasi machinalmente e abre a porta. A soldadesca invade a casa, soltando vivas estrondosos ao seu capitão...

Na mesma noite o capitão *Trinta Diabos* regressou á cidade, deixando a praça guarnecida. Os soldados, de etapa augmentada, arrancharam-se uns na fortaleza, outros no Convento, alguns em casa do miliciano Taneco, que dentro em pouco se tornava um câmarada intimo, prestativo e dócil a todos os seus caprichos.

A familia do tenente preparava-lhes a comida; os portuguezes da terra proporcionavam-lhes em cada taverna uma cantina gratuita. As familias da Ponta, as que não lograram fugir, continuavam encerradas, loucas de afflicção e medo.

Reinava a orgia ao lado do terror.

Senhores do povoado, os assaltantes punham vigias em todos os portos e boccas de estradas, emquanto a maruja ia e vinha desimpedidamente das canhoneiras para terra, da cidade para a Ponta, dominando d'ahi todo o Reconcavo e fozes de rios que desagúam na bahia.

As ruas e praias da povoação foram cahindo num abandono miseravel: as coiranas e mamoneiras cresciam atafulhando os becos; ás portas e nos beiraes das casas vasias vicejavam lichens e cogumelos; das fabricas de azeite de baleia, dos alambiques, das tendas não sahia o mais tenue rumor de trabalho. Os sinos do Sacra-

mento, os sonoros cantores de Sanctus e Trindades, pairavam mudos, lá nos esvãos da torre, como se lhes houvessem arrancado os badalos. As noites eram tetricas, animadas sómente de espectros infernaes, de gritos de sentinellas e de echos orgiacos.

Um dia, depois de estrondoso regabofe, propuzeram-se os soldados de Madeira a visitar algumas casas de melhor apparencia.

Quizeram que fosse Taneco o seu guia, e elle não soube resistir. Na primeira dessas casas encontraram ricos moveis de casquinha, cadeiras de couro tauxiadas, serpentinas de prata, de que se apoderaram.

Noutra casa deram com a terra mexida de fresco, embaixo de uma escada. Cavaram, o miliciano ajudando-os e rindo com elles da mesma folia. No fim acharam um faqueiro de prata.

Mulheres cujos esposos e paes andavam foragidos espreitavam pelas rotulas a passagem dos lusitanos e pasmavam de ver em sua companhia o brasileiro tenente da milicia. Cochichavam sobre a traição.

— Taneco! quem havia de dizer!...

De noite sahiam os portuguezes encapotados,

com armas, e faziam subitas apparições nos aposentos dessas mulheres, que humillimas e acovardadas respondiam, tiritando, a longos interrogatorios, sempre receosas de comprometter os homens emigrados ou occultos.

Çerta noite, berrando canções bacchicas, experimentaram as portas da igreja de S. Lourenço. Depois, apanhando nas ruas duas raparigas, entraram com ellas para os cubiculos do Convento.

Respeitavam sómente o cirurgião, que ainda permanecia na Ponta a curar os feridos.

Proseguindo nas tropelias pela povoação e entrando cada vez mais pelos arredores, lembraram-se de fazer uma incursão até os outeiros. Sabendo que o seu patricio Lima era contra elles, indignaram-se e atacaram-lhe a quinta.

Em seguida recolheram-se ao povoado e penetraram na igreja do padroeiro S. Lourenço. Que iriam lá fazer! pensavam as mulheres tremulas de mêdo. Só o cirurgião logrou observal-os. Na sacristia encararam desabusadamente a estatua do Senhor dos Martyrios; procuraram alfaias, abriram arcazes, remexeram tudo e acharam a capa do Senhor, de velludo azul, bordada a ouro. Um soldado teve a

idéa comica de lançal-a aos hombros de Taneco. O miliciano, envolto na capa, a barretina emplumada á cabeça, sahiu pelas ruas com procissão de soldados, que gargalhavam; passeou e entrou por diversas casas, prestando-se a todas as scenas jocosas de santo e arlequim. As mulheres, por traz das rotulas, cobriram os olhos horrorisadas, e mais de uma cahiu sem fala.

Depois de assistir a esse sacrilegio, o cirurgião resolveu abandonar a terra que se lhe figurava sob a imminencia de um castigo do céo. Retirou-se em busca da familia, tendo dito ás moradoras da casa fronteira á igreja:

— Os nossos netos não acreditarão no que vimos...

Passado tempo, avançaram os assaltantes até as varzeas e foram outra vez ás quintas e roças. Encontrando um roceiro que foiçava um carrascal, forçaram-no a trepar em coqueiros e a derrubar cachos de côcos verdes, cuja agua saboreavam, rindo muito do negro, que comparavam a um macaco.

Foram avante, internando-se pelo Areal, que estava deserto e enxuto, porque o tempo tornara a estiar. Dahi, adeantando-se, avistaram

por entre ramas de cajueiros um grupo de casinhas de palha, em cuja visinhança fossavam porcos. Partiram de carreira, a gritar: — Fogo! fogo! —Ao explodir de um tiro os suinos barafustaram pelo carrascal, e elles dirigiram-se para as casinholas.

Sob o beiral de uma dellas apparecera um ancião, fulo, meio giboso, de cara redonda, o cabello crescido e os olhos espantados; um surrão de panno preto lhe envolvia o corpo; o braço, com que se arrimava a um porrete, tremia.

Os soldados não o pouparam.

—Macaco! bradou um d'elles.

—Macaco! repetiram os demais, approximando-se.

Reconhecendo o velho André, o miliciano procurou esquivar-se. Os outros, porém, se tinham reunido, curiosos, ao redor do velho, cada qual lhe dizendo uma chalaça e tentando invadir a casinhola, cuja porta elle defendia com o corpo grosso e bambo em attitude ameaçadora. Para mais se divertir, chamaram pelo tenente. Este, violentando-se um pouco, appareceu; mas deante do olhar exorbitante e terrivel de André, embaraçou-se e voltou a cara. Esforçando-se mais,

tornou a mostrar-se, rindo então até as orelhas, como os lusitanos que o empurravam para a frente.

De subito os labios do antigo pescador se despregaram numa exclamação forte, rouca e dolorosa:

— Tu, Taneco!... E's tu!?... hein?!...

E André soltou um ah! longo e tremido, escancarando a bocca e os olhos tão disformemente como se fôra cahir fulminado. Endireitou-se logo, desafiando:

— Cachorro!.... Vem cá!...vem, anda!.....

E dizendo, tomou André um ar de ameaça ferocissimo, e poz-se a mover com o cacête para caminhar.

Os lusitanos afastaram-se, achando graça á colera do «macaco». O ancião deu alguns passos para o terreiro, continuando a invectivar Taneco.

— Chega-te, cachorro!...Vem p'ra mim... anda, anda! Porque não vens?

Um soldado, para o ver mais zangado, disse com energia:

— Tenente, prenda-o á ordem do capitão.

Ao que o miliciano, acceitando o papel que lhe distribuia o hospede, arriscou-se a affrontar

a ira do pescador, fanfarronando, com sorriso constrangido e alvar:

— Está preso, velho...

— Hein? 'stou preso?... Pois vem me pegar no cós, bandalho! Anda cá, anda... Não queres?

Não esperou. Levantou o cacête e com esforços, corcoveando, esbofado, andou para o tenente. Este saltou para um lado, elle voltou-se; pulou para o outro, elle seguiu-o; recuou, elle avançou. Por fim descarregou a paulada: o pau bateu no chão, André acompanhou-o na quéda e extendeu-se de borco. As gargalhadas vibraram estentoreas, mas Taneco desappareceu.

Nisto, correram os soldados ao fundo da casa e atearam fogo nas palhas. Diversas mulheres que se tinham escondido no interior espirraram para o matto; uma fugiu com uma trouxa a gritar por André. Os moradores das outras casinhas despejaram-nas tão depressa quanto os passarinhos que voavam, abandonando os cajueiros chamuscados.

O velho, tornando a pôr-se em pé, com os labios entumecidos a escorrer sangue, as palpebras e narinas cheias de areia, quedou-se assombrado a ver as chammas altas das palhoças, emquanto os lusitanos se afastavam

rindo ás rinchavelhadas e sempre a gritar como doidos:

-- Macaco! Macaco! ...

A galhofa estrepitosa já se perdia pelos confins do Areal, e André engasgado, com um arrocho na garganta, não podia sequer responder á voz de tia Manoela que o chamava repetida e afflictivamente do fundo dos mattos:

— *Seu* André! *Seu* André! ...

XVI

PESCADORES EM MARCHA

Apesar da estação invernosa que continuava a alagar as terras do interior e a sublevar as aguas da bahia, os habitantes da ilha não deixavam de correr ao Reconcavo, sempre na esperança de regressar em armas e sem demora para a completa desforra.

Nesse intuito se esforçava, juntamente com os outros, o sargento-mór Souza Lima, emprehendendo arriscadas viagens até ás villas do sul, á fortaleza de Tinharé e á propria ilha de Itaparica, de onde voltava com polvora, munições e armas.

Ao mesmo tempo organizava-se em Cachoeira um batalhão, com os pescadores e mais emigrados de Itaparica.

Tudo se fazia sob a direcção do major Salustiano Ferreira, do regimento da ilha.

Numa das suas expedições soubera Lima que por ordem do capitão-mór de Nazareth viriam

d'alli, presos para a capital, diversos brasileiros rebeldes. Sciente disso, correu immediatamente ao Funil, por onde deviam passar os barcos, e com doze praças que o acompanhavam estabeleceu-se na praia do estreito canal. Entre estes poucos voluntarios achava-se Pedro Carpinteiro, a quem esse numero *doze* parecia um prognostico do acaso.

O facto chegou ao conhecimento de Madeira em termos taes que elle suppoz tratar-se de um bloqueio. Em consequencia, na manhã de 29 de julho appareceram no Funil, em vez de barcos de Nazareth, duas canhoneiras portuguezas enviadas da capital.

—Será o primeiro fogo, disse Lima; baptizemo-nos.

—Promptos! responderam todos.

De terra os independentes espreitaram a guarnição numerosa das barcas; mas a maré vasava e o vento soprava do sul. A artilharia de bordo começou a troar. Por ser demais, era inefficaz contra os raros inimigos de terra. Aos echos dos tiros acudiram paisanos da Pirajuhia. Faltavam armas para todos; só os doze homens de Lima respondiam ao fogo.

Depois de duas horas de peleja, o cartuxame

quasi acabado, foram espaçando os tiros de fuzil, ao passo que a maré facilitava ás canhoneiras a passagem do estreito. Nesse entrementes chegou um dos irmãos Massas com provisão de cartuxos. O tiroteio proseguiu tão vivo que as barcas recuavam do seu alcance. Os fuzileiros de terra, animados, com Pedro Carpinteiro á frente, sahiam de traz dos troncos de massaranduba e mettiam-se até n'agua, para disparar as armas, quando as canhoneiras já lhes offereciam as pôpas, retrocedendo para a capital.

Um brado soberbo rompeu-lhes dos peitos ao certificarem-se da victoria. Ao carpinteiro e seus onze camaradas, tanto quanto aos de Pirajuhia, nenhuma força humana, desde esse dia 29 de julho, se afigurava obstante á força dos seus desejos e juramentos.

Lima entrou em Cachoeira levando cem barris de polvora e mais os louros dessa primeira victoria dos independentes. Tanto bastou para que o batalhão pensasse em marchar e tomar a ilha.

—E' cedo, respondia o instructor, continuando a ageitar os passos e gestos da bisonha multidão praiana. O habito dos movimentos livres e largos das manobras maritimas protestava a

cada instante contra a pauta militar a que se submettiam com ancia os pescadores e balieiros.

Só quinze dias depois interrompeu-se a instrucção e começou a marcha. O povo de Cachoeira, apinhado essa manhã nas encostas dos morros e nas ribas do Paraguassú, de onde o sol de agosto vinha expellindo a neblina, acclamava com delirio os voluntarios e seus commandantes.

Eram cem homens com fardamento pobre e armamento variado, e cincoenta caboclos mansos, de arco e flecha. Conduziam duas peças de pequeno calibre. A elles juntaram-se outras cem praças de 2.ª linha, sob o commando do major Salustiano. Cada soldado trazia duas e tres espingardas. Marchavam todos de pés descalços dando vivas ao principe D. Pedro.

O posto de Pedro Carpinteiro era na 2.ª companhia do batalhão commandado por Souza Lima. Como grande numero de camaradas, elle trajava uma jaqueta de algodão crú, na cabeça uma barretina alta com uma chapa amarella e as iniciaes P. R. V. ou M. (Principe Regente. Vencer ou Morrer) unico accessorio que dava alguma uniformidade ao troço.

Acamparam no sitio de S. Roque, á foz do rio.

Era preciso franquear a entrada aos barcos de mantimentos que as escunas não cessavam de perseguir até alli. Mas a permanencia nesse logar bem cedo começou a desgostar aos da ilha.

Pedro teve occasião de entender-se com o ferreiro Sergio.

—Perde-se tempo, disse-lhe, contrariado. Agora que os inimigos foram batidos no Funil, porque não havemos de avançar? Não se pode mais dizer que é por falta de armas...

—Ainda são poucas, respondeu o ferreiro.

—Só eu marcho com trés.

—Não bastam.

—Quantas tinhamos, eu, você e os outros que brigamos no Funil?... Não sei brigar assim, como boi debaixo da canga.

—Na tropa não se dá um passo sem a voz do commandante.

—Então elle que nos deixe seguir p'ra onde bem quizermos... Cada um tome sua embarcação e por onde veiu, volte.

Estavam nessa conversa quando se approximou delles outro voluntario; carrancudo, com os bigodes grisalhos em desordem no carão brunete, Calixto empinou a barretina e disse:

—Vão ver que os diabos dos pés-de-chumbo mataram o nosso tenente.

—Qual?

—Taneco...

Pedro assentou uma palmada na côxa, exclamando:

—São capazes, sim. Disse-me o boticario que na Ponta não ha mais ninguem; os que ficaram só esperavam noticia dos parentes para sahirem... E não era gente de armas e briga. Todo homem são veiu parar cá na villa. Só Taneco não veiu até hoje? Mataram, mataram o nosso tenente!

Foi mais uma razão de queixa e mais um argumento contra a ordem superior que o immobilisava em S. Roque.

Partindo de Cachoeira elle e muitos camaradas já acreditavam marchar para a Ponta das Baleias. Estacionados á margem do rio, quasi ociosos, não se podiam resignar. Pedro continuou a propagar idéas subversivas da disciplina.

No outro dia tornou a expor os seus planos de guerrilha, que Calixto approvou, accrescentando:

—Nem tinhamos o trabalho de carrear

estas peças...Iam muito bem na prôa das lanchas e logo apontadas para fazer fogo...

Sergio, porém, allegava sempre a disciplina e confiava nos superiores.

Pernoitaram ainda em S. Roque.

Apenas amanheceu, o carpinteiro rodeado de camaradas, anciosos como elle de seguir avante e descobrir a bahia, repetiu as queixas e exprobrações da vespera. O sumiço de Taneco, morto ou aprisionado, estimulava-o tanto quanto a ausencia do pae e o descaminho de Mercês.

— Fazer guerra era assim? Ah! elle não entendia nada, nada de guerra, como bem lhe dissera o pae André!

Quando o chamaram para comer no rancho, seguiu, proferindo ironicamente:

— Vamos engordar neste chiqueiro, pois foi p'ra isto que viemos aqui.

Mas pelo meio do dia tudo mudou no acampamento. José Marôtinho appareceu radiante, annunciando ao carpinteiro:

—Vamos marchar.

—E' ordem?

—E' sim, senhor, e hoje mesmo.

—Graças a Deus!

De todos os lados corriam homens ebrios de

alegria, apanhando as mochilas e armas. Calixto procurou o commandante e voltou confirmando:

— Para a Encarnação.

Sabendo que o general Madeira mandara sua esquadra cruzar até o Morro de São Paulo com o fim de impedir a entrada á divisão expedida do Rio de Janeiro, e tendo ponderado que o sitio da Encarnação, por mais proximo do Funil, precisava ser guarnecido, o capitão Lima resolvera deixar a barra do Paraguassú e continuar a marcha por terra.

Esta resolução enthusiasmou os naturaes da ilha. Nada se lhes figurava mais facil do que essa jornada pelas marnotas e pantanos da Outra Banda, por entre mangues, rompendo matto cerrado, em busca de trilhos que as chuvas tinham transformado em regatos.

A expedição partiu, com effeito, no mesmo dia, com sol nublado, afastando-se das margens humidas do Paraguassú. Mas logo aos primeiros passos surgiram obstaculos. Uma neblina espessa e tenaz extendia-se até as mattas baixas d'aquem dos outeiros, pegando cataractas a todos os olhos. A lama era tanta que engolia os expedicionarios até os joelhos; o peso das armas aggravava esse estorvo.

A viatura da artilharia, ainda que pouca, dava trabalho insano e obrigava os voluntarios a longas e fastidiosas demoras. Elles vingavam-se, praguejando e injuriando os inimigos.

Nos apicuns a marcha se fazia menos lenta. Ahi os soldados, escorrendo suor, com as roupas e as caras borrifadas, empastadas de lodo negro, exaltavam-se, acclamando o commandante. Quando sahiam do apicum, appareciam novos tremedaes que se alongavam em curvas infinitas pelas bases dos cerros, contornando o sacco da Conceição.

Os mangues bravos de guaparahiba trançavam-se e formavam muralhas que encobriam o mar; nuvens de mosquitos, arremessando-se a cada momento pelas brechas do mangal, envolviam a tropa, e eram cargas terriveis de ferroadas que obrigavam os soldados a darem-se tapas com as mãos pegajosas de lama.

A' frente do batalhão de insulares Lima seguia, montado num cavallo mal ajaezado; de vez em quando volvia-se para os seus homens, a animal-os com acenos dominadores.

A' retaguarda os caboclos, indifferentes á inclemencia dos caminhos, ameaçavam a cada passo transtornar a ordem do desfilar. Afinal os

commandantes abriram mão da boa ordem e os troços seguiram á vontade.

A artilharia cahia sempre em lameiros, o que determinava novas paradas, novas explosões de pragas, gritos e esforços para safar os pesadissimos trambolhos.

Já longas horas se haviam escoado e os expedicionarios ainda tinham estirões a vencer.

Tendo apenas dobrado o espigão da barra, toparam com as escarpas dos cerros fronteiros á Ponta da Margarida. Foi preciso guindar as duas carretas, que eram tiradas a braço.

O tempo fugia, sem vantagem que compensasse as fadigas.

Começou uma ascenção penosissima, durante a qual o carpinteiro via na sua fileira, esforçado como uma creança briosa, a boca aberta, um hombro descahido sob a espingarda, o seu joven aprendiz José Marôtinho. Pedro adorava-o, como já de outra vez, nos transes do naufragio, e consolava-se de tudo quanto havia soffrido, vendo soffrer tão heroicamente o pobre menino.

No alto do cerro o commandante mandou alguns soldados arrancar as palmas seccas dos ouricoris e dendêzeiros para fazer archotes. Um d'elles foi logo mordido por cobra venenosa.

Passaram-lhe ataduras na perna e chegaram-lhe fogo ao tornozello picado. O voluntario teve de ser transportado pelos caboclos.

O sol se punha sem ter apparecido. Ia chover. Os expedicionarios arquejavam, tinham fome e sêde.

A noite apanhou-os ainda longe da Conceição, na quebrada das penhas, deante de outro monte cuja fralda bebia no mar.

Ouvia-se o esborrachar das vagas e pelo matto de carrascó o latido fugaz das raposas. Rondas de vagalumes scintillavam nas trevas massiças.

Antes de ganhar a encosta do outro outeiro, já a columna marchava debaixo de cordas d'aguaceiro que inutilisavam os fachos.

XVII

NO ACAMPAMENTO

A Encarnação era um sitio arenoso, de aspecto selvatico, cercado de piassavas e matto carrasquenho, com algumas casas de palha e uma igreja que se levantava de frente para o mar.

Na alpendrada da igreja estavam arranchados, havia dous dias, os trezentos homens da expedição. Depois de percorrido o povoado, recolheu-se o commandante com a officialidade ao consistorio do templo. As chuvas tinham estancado. O capitão Lima, que commandava os cem homens da ilha, pensava em reforçar a guarnição do canal, creando presidios no Mutá e na Barra dos Garcez, e fazendo da Encarnação ponto de partida para novas aventuras pelo sul, em busca de armas e munições que ainda não eram sufficientes.

Entretanto, os pescadores, voluntarios e milicianos, começavam outra vez a descontentar-se. Partindo de S. Roque, exultaram por ver di-

minuida a distancia que os separava da Ponta das Baleias; chegados á Encarnação, já lhes não satisfazia este avanço, e ardiam por ir mais longe. O rumor, a principio vago, foi-se accentuando e alargando desde que no horizonte, mais limpo e claro, se tornaram visiveis os montes da ilha fronteira, meio velados de azul.

Surgira entre os expedicionarios uma idéa arrojadissima que apaixonou especialmente os insulares.

O capitão Lima viu-se forçado a reunir os officiaes em conselho. Tratava-se de saber se deviam ou não occupar immediatamente a ilha. O conselho dividiu-se em opiniões bem oppostas. Allegavam uns a falta de artilharia: como poderiam estabelecer-se numa praia exposta ás balas das canhoneiras inimigas? Lembravam outros a difficuldade de lá chegarem os viveres necessarios, impossivel como era a navegação na bahia. Lima ponderou:— com doze homens e um punhado de cartuxos fizera recuar duas barcas com oitenta homens de guarnição. Perceberam-lhe a inclinação para a aventura, e isso deu força á opinião dos insulares.

Seu plano amadurecia rapidamente: era continuar a marcha para o Funil, passar o canal,

ganhar a costa da ilha e ir avançando com o reforço de gente que pudesse arrebanhar no trajecto; em Caixa Pregos e Parapatingas improvisaria presidios; dahi em deante, até o Jaburú, bastariam pequenos destacamentos, visto que essa parte da costa era naturalmente defendida pelos recifes. A partir das Mercês, para o norte, cada povoado seria um ponto de defesa e ataque. E assim, palmo a palmo, todo o longo littoral de léste ficaria fortificado para repellir qualquer tentativa de desembarque.

Emquanto no conselho se debatiam os votos da officialidade, os soldados rondavam a igreja á espera do resultado. Quando viram sahir o commandante, cercaram-no anciosos. Lima, sobrio de palavras, declarou que a marcha ficava adiada.

Foi uma debandada de esperanças e um sussurro geral de decepção.

Passou-se mais um dia em espectativa. As praças limpavam as armas, lavavam as pantalonas e jaquetas enlameadas, e faziam exercicios. Nas horas de folga colhiam jacas e côcos, com que augmentavam as rações de farinha e peixe secco.

A' noite dispersaram-se pelo porto, que era

um extenso banco de areia, só accessivel durante a preamar. A lua minguante clareava e a avó-da-lua guaiava nos mangues. Sergio e dous soldados pescadores foram encontrar Pedro Carpinteiro sentado em uma duna, em companhia do aprendiz Marôtinho, a quem tratava com desvelo de pae.

Andavam todos banzeiros a contemplar as collinas longinquas da ilha. Aos olhos do carpinteiro transitavam incessantemente o velho André, Mercês, Manoela, Santinha. Zacharias Sambeiro era um espectro que lhe apparecia a perseguir Mercês, abusando do seu desamparo. Indignava-o a idéa do fuzilamento de Taneco. O sangue das sentinellas fuziladas purpureava-lhe a vista. Os outros camaradas vinham da mesma maneira, e por motivos semelhantes, preoccupados. Não deixaram, todavia, de surprehender-se, quando viram o carpinteiro levantar-se e com frenetica impaciencia ordenar ao aprendiz:

—Menino, vem cá; vae-me procurar Calixto, já, sem demora.

O rapaz obedeceu.

—Que repente é esse, homem?

—Quer saber, Sergio? disse Pedro, não sei

brigar debaixo de canga...Vamo-nos embora d'aqui.

O ferreiro procurou acalmal-o.

—Não; isto é cousa que não se faz. Na tropa deve haver disciplina e combinação. Nós temos chefes.

Nada; o carpinteiro não comprehendia aquella acção tortuosa dos chefes, a quem attribuia remancho e até pouca habilidade e quasi nulla competencia. Sua vontade era uma setta; se a dispararam, porque pretendiam agora deter-lhe o vôo?

—Cada um para sua banda, Sergio. Vamo-nos embora, insistia.

—Nem se deve nem se póde fazer isso. Desertar?!... Não!

—E quem está desertando? Desertor, eu!... Desertor é quem foge com medo do trabalho e da morte. Mas eu não tenho medo de nada; o que eu quero é brigar, é acabar com isso depressa. E acabo, ha de ver...Só se não encontrar companheiros...Ora espere, alli vem Calixto.

O balieiro conciliava-se melhor com as suas audacias; estava habituado a medir os cetaceos monstruosos e a cravar-lhes o arpão directamente,

ainda que a lancha houvesse de saltar em estilhas pelos ares.

Calixto improvisou logo um plano de assalto nocturno ás barcas. Sahiriam em canôas com fuzis, com foices, machados e facões; tomadas as canhoneiras, destroçada a guarnição, elles inverteriam a scena da madrugada de 10 de julho, e teriam em resultado: brasileiros a bordo arremessando balas, lusitanos em terra a fugir espavoridos para o matto.

Ia Sergio objectar, mas o carpinteiro atalhou de prompto:

— Ferreiro, meu camarada, o ferro se bate emquanto está quente.

Iam chegando outros voluntarios anciosos de saber o seu destino.

A um gesto de Pedro voltaram-se todos de repente para o porto e viram uma canôa tangida a remos, com tão bom pulso que imitava uma andorinha no ar. A' claridade da lua divisavam-se tres homens na canôa.—Pescadores? Não, que lá saltavam elles, apressadamente, e não traziam cousa que indicasse pescaria.

—Quem vem lá! bradaram os de terra.

Era gente de paz. Approximaram-se, e com surpresa foi então reconhecido um insular como

elles. Era o capitão Barros Galvão, ajudante de ordens do governador da ilha. Vinha á procura do capitão Lima, fardado e armado como se pretendesse um posto entre os expedicionarios.

Os voluntarios seguiram-lhe os passos, com anciedade. Ignoravam que missão o trazia; sentiam-se comtudo reanimados, cheios de fé até á superstição, crendo que alguma decisão suprema se ia tomar.

Galvão dirigiu-se para a igreja e entrando no alpendre annunciou-se nestes termos:

— E' mais um emigrado que vem pela causa do povo e do Principe Regente.

—Seja bemvindo, responderam alguns officiaes. Elle dirigiu-se especialmente a Lima.

— Tardei, não é verdade? Mas ao menos posso trazer lhes noticias que alegram. A campanha vae tomar outra feição com a vinda da divisão do Rio de Janeiro, que já se encontrou fóra da barra com a esquadra de Madeira. D. Pedro nos manda um general. Labatut não podendo entrar pela barra, seguiu para o norte e de lá ha de vir por terra; sua proclamação é do dia 20, e já nos chegou...

— Bem. E que ha pela cidade?

— Fome, anarchia, terror...As deserções augmentam e Madeira perde o juizo.

— E o nosso governador?

— O governador da ilha?

Galvão respondeu com um gesto que significava perplexidade. Como ajudante de ordens do governador, não se podendo conformar com a sua attitude indecisa entre os brasileiros e a gente do general Madeira, resolvera abandonal-o. O governador, com effeito, hesitava entre as duas causas ao ponto de ainda fornecer barcadas de forragem para a cidade.

— Abandoneio-o; aqui estou...

Estas declarações deram logar a que alguns officiaes da 2.ª linha murmurassem e proferissem meias palavras, donde concluiu Galvão que a sua pessoa inspirava certa desconfiança. Magoado com a suspeita, exaltou-se, esticou o seu perfil aquilino, e levando repetidas vezes a mão á espada, disse:

— Sei que poderão murmurar da minha demora, porque não corri logo a Cachoeira. Que importa? Se posso tapar a boca dos murmuradores, posso tambem desafial-os a que provem que são mais dedicados e leaes do que eu á causa brasileira!

Estas palavras foram acolhidas com um sussurro sensacional entre os milicianos. A maioria dos officiaes apoiou-as.

— A sua lealdade não é posta em duvida, affirmou o commandante Lima; não devemos é contar com o governador.

— Comtudo, attenuou o ajudante de ordens, não nos será obstaculo. E depois de uma pausa: — Indecisões... hesitações...

— Talvez excesso de prudencia, accrescentou Lima, não sem malicia.

Muitos riram, e Galvão sentindo-se forte na estima da maioria, pairando já sobre as suspeitas derrotadas da 2.ª linha, passou a falar francamente do assumpto que o conselho havia discutido.

— Não seria conveniente a occupação da ilha? Penso que com um pouco de audacia isto se poderá fazer.

Ouvindo-o, atalhou um official:

— Se a Ponta das Baleias não estivesse cheia de tropa e guardada por canhoneiras bem armadas...

— Eu não falo da povoação, falo da ilha; e esta é muito grande. Mas até á Ponta mesmo poderemos chegar... Porque não? Que outro fim tem esta expedição?

— Já em conselho tratamos do assumpto: mas foi preciso demorar qualquer resolução. Temos necessidade de mais polvora e munições, e mesmo de armas.

— Temos armas, capitão; temos artilharia...

— Onde?

— Na fortaleza de S. Lourenço.

— Oh! exclamaram os officiaes da 2.ª linha.

— Ouçamos o commandante da expedição.

Logo que este chegou, expoz Galvão a todos o seu plano de assalto. Fez saber que a fortaleza estava ainda sob o commando de um compatriota, e que nella se achavam muitos petrechos deixados pelo capitão *Trinta Diabos*. Os inimigos só haviam tirado o cartuxame embalado e a polvora a granel.

— Como chegar até lá?

— A' fortaleza? E' simples.

— Mas arriscado.

— Estamos na guerra, senhores. Bem sei que somos poucos e devemos poupar vidas. Mas sem temeridade nada conseguiremos.

Em seguida declarou-se Galvão disposto a entrar no povoado e na fortaleza. Tinha-se communicado com o commandante desta, que era um brasileiro; tinha-lhe marcado uma entre-

vista. Tudo se obteria, talvez sem os riscos que previam, pois os portuguezes limitavam suas correrias ao pontal, e á noite se recolhiam quasi todos a bordo. Fosse como fosse, era indispensavel tirar aquelles petrechos com que se fortificariam as costas da ilha e diversos pontos do interior.

Tal foi o tom persuasivo, a sinceridade e a força suggestiva da exposição, que ninguem mais soube o que objectar. Lima apoiava-a sempre, até porque esses planos coincidiam mais ou menos com os seus.

Ficou tudo combinado para o dia seguinte. Os milicianos e voluntarios creram ter achado o seu Messias.

Raros conseguiram dormir.

XVIII

A ILHA RETOMADA

A 2.ª linha partiu de madrugada, levando a artilharia, com destino a Nazareth, onde repetidos actos de insubordinação ameaçavam a ordem. A sorte da investida ficava aos proprios soldados da ilha.

O capitão Lima seguiu pouco depois com o batalhão de insulares pela costa da Pirajuhia, afim de atravessar o Funil e, ganhando a contra-costa, passar o commando e correr, com um piquete montado, ao encontro de Galvão, no ponto e ao signal convencionados.

A' noite, apparelhada uma canôa, embarcou-se Galvão com Pedro Carpinteiro e Marôtinho, mais algumas praças á paisana e escravos remadores. Os negros começaram a gemer, tocando os remos e ajudando as velas, mal abanadas por um vento frouxo.

Quatro horas gastaram na travessia.

A lua já tombava sobre os cerros da Outra

Banda, quando a canôa de guerra enfiou a prôa no matupá de uma praia lamosa, aos fundos de um frondoso pomar de mangueiras. Estavam em Itaparica, a menos de milha do pontal, mas do mar tinham visto os brigues negros pousados, de vigia ao forte.

Pedro odiou-os mortalmente.—Se pudesse fazer da canôa um brulote e impellil-a contra o costado daquelles carceres fluctuantes!... Se pudesse transformar aquelle ancoradouro em um mar de fogo!.... Artificios, engenhos destructivos, machinas de morte, quanta cousa fantasiou nesse momento o seu cerebro de guerrilheiro instinctivo!

O inverno tinha encharcado tambem as campinas e as varzeas da ilha. Gias e sapos carpiam, coaxavam nas lagôas, junto ás casas de roça deshabitadas, em ruina. Os caminhos, eriçados de relva, listrados de resteas de um luar esverdinhado, estavam tão desertos que os proprios animaes parecia terem emigrado. Aqui e alli as chuvas haviam cavado a estrada. Sébes de bambús agitavam-se num sussurro fino e longo ao sopro aquoso da noite.

Tenteando as veredas abertas para a povoação, avançou a guerrilha até descobrir as pri-

meiras casas da Ponta, entre o mar e o outeiro de onde vertia a fonte publica.

Ahi se fez alto, esperando que a lua se recolhesse.

— Temos mais meia hora de espera, disse o chefe; antes de meia-noite os outros não chegam. Com escuro descemos ao Campo, e viramos pelos atalhos para a costa.

Voltando-se para o carpinteiro, accrescentou:

— E' preciso que vá um homem ao portão da fortaleza, que verifique se o postigo está aberto, e de lá siga para a praia de S. Pedro. Ahi nos encontrará.

Recolhida a lua, o carpinteiro trocou a barretina por um chapéo de palha, desabou-o e partiu, depois de saciar a sêde na fonte da Bica.

Os outros atalharam para a praia de S. Pedro, conforme a determinação do chefe.

. . . .

Decorriam as horas e Lima não chegava.

Galvão, insoffrido, passeava até a beira-mar, espiando os longes da costa. Na praia, completa solidão: as ondas quebrando no cascalho; as estrellas, raras e miudas, como olhos piscos entre bulcões. O arvoredo rugia, açoitado por um vento pluvioso que começara a uivar. E os

soldados, impacientes, como o chefe, davam pernadas, avançando até um rio salobro que os outros deviam atravessar.

Em certo momento echoou longinquo, para o extremo sul da enseada, um mugido longo e tumido. Era o signal. Um dos captivos soprou igualmente num buzio de pescaria, respondendo aos que vinham.

Lima e seu piquete chegavam esbaforidos, molhados, montados, aos dous e tres, em burros e bois de carga. Foram logo distribuidas vedetas para os pontos de desembarque. E o assalto começou.

Em frente de um quarteirão de casas, perto da fortaleza, um dos homens do capitão Lima recommendou cautela aos camaradas, perguntando:

— Não é por aqui que mora um official chamado Taneco?

— Morava, respondeu o carpinteiro.

— Então cuidado. . .

— Porque? Não mataram Taneco?

Barros Galvão tinha avançado até o portão da fortaleza. O homem que se juntara ao Lima, na sua passagem pela costa, era um caieiro que morava no Manguinho, onde soubera da traição

do brasileiro Taneco. Contou rapidamente o que sabia. Taneco (terminou) assaltara, com uma tropilha de soldados e marujos lusitanos, a propria igreja do padroeiro S. Lourenço.

Todos estremeceram de horror e odio. Diversos sentiram impetos de atacar a casa do traidor e matal-o. Mas Galvão apresentou-se, gesticulando nervosamente e ordenando que sem perda de tempo fossem procurar uma escada ou uma vara, pois o postigo, ao contrario do que elle esperava e do que dissera o carpinteiro, estava fechado. Separaram-se alguns em direcção aos estaleiros.

— Tempo perdido! murmurava o capitão, sentindo o inconveniente de qualquer delonga.

Mas não esperou muito. Em breve tornou Marôtinho atracado com um bambú, que foi encostado á muralha da fortaleza. Os voluntarios viram então o arrojado cabecilha que até alli os levara safar o talim com a espada, descalçar-se, marinhar pelo bambú, pular no terraço e, dentro em pouco, assomar a uma setteira e fazer-lhes signal que entrassem pelo portão.

Emquanto isto se passava na fortaleza, os captivos desencalhavam canôas na praia, e o capitão Lima, com um troço de gente, andava

pelas casas onde sabia haver espingardas e outras armas.

Esta busca foi interrompida por inesperado encontro. Dez soldados lusitanos, que saltavam de um lanchão, esbarraram, ao dobrar uma esquina, com os voluntarios. Cercados estes, houve brado de alarma. Lima, porém, sem perder o sangue-frio, falou-lhes com imperio, indagando o que faziam em terra áquella hora.

Reprehendeu-os e intimou-os a recolherem-se, sob ameaça de prisão. Fez-lhes ver que vinha, por ordem do governador, para manter o socego, e com tal energia repetiu a intimação, que os lusitanos, atemorisados, já se dispunham á retirada. Nesse interim apparecem os homens de Galvão que sahiam da fortaleza, carregados de armamento. Os de bordo entreolham-se, desconfiados, e deitam a fugir atabalhoadamente. Embarcando-se no lanchão, remam a todo o pulso e ganham as barcas.

D'ahi a pouco rompia a calada do pontal o atroar dos canhões.

O portão da fortaleza trancou-se; a guerrilha fugiu. Por alguns momentos pesou sobre o povoado um silencio suspeito, em que ainda soavam os ultimos echos da canhonada.

Os voluntarios reuniram-se novamente na praia de S. Pedro. Começou a chover, as trevas eram compactas, o mar fazia uma lamentação desesperada. Os assaltantes nem cuidavam de abrigar-se. Enguliam, com susto e raiva, a affronta da repulsa. E faltavam dous homens do bando. Parecia tudo frustrado. O chefe passeava sob a chuva, observando as aguas da flotilha.

Afinal chegaram os dous retardatarios, annunciando que nenhuma patrulha viera mais a terra depois dos tiros. Os do troço, que eram vinte e cinco, esperavam a voz de retirar, desesperançados. Entretanto Galvão tornou á beira-mar, investigou, calculou e voltou com o proposito de insistir na empresa. Os aguaceiros passaram.

— Coragem! Sigamos, ordenou o cabeça.

Entraram de novo pelas Quintas a repetir o assalto. Chegaram á fortaleza. Mas o bambú já não estava na muralha. Era preciso outro meio de escalada. Arranjaram um mastro, por onde o cabecilha galgou de novo a plataforma da fortaleza.

O portão reabriu-se. Houve uma precipitada invasão nos depositos. Tudo sé executava rapidamente.

O successo resgatou a affronta e os perigos. Feixes de armas, balas, pastas de chumbo, restos de cartuxame e polvora vinham para a esplanada e dahi seguiam para as canôas, arvoradas em transportes de guerra. Appareceram rêdes e pannos de embarcações, porque era plano do chefe não mais deixar a costa. Com as vélas fariam barracas; serviriam as rêdes para cobrir os fôjos, em cujos abysmos cheios de estrepes cahiriam os inimigos...

As canôas partiram carregadas, zombando dos brigues, mais uma vez illudidos em sua vigilancia.

Feito isto, abalaram os voluntarios para a costa, com exaltação, imaginando as surpresas, os laços que iam armar contra o inimigo. — Nunca mais força humana conseguiria desalojal-os da costa, em cujas praias iam levantar as primeiras tendas de combate... Nunca mais! Com aquelles troncos cavados formariam terrivel frota aprezadora e desafiariam os marujos que andavam profanando os barcos do ilhéo em serviço de conserva atraz das canhoneiras. Em cada monte de cascalho e trincheira de pedra viriam rolar sangrentos, mal feridos, se até alli se atrevessem, os violadores do torrão sagrado! Se preciso fosse, derrubariam a selva innumera

dos seus coqueiros para plantar uma formidavel estacada; e se porventura a transpuzessem os inimigos, então, em logar de troncos e espiques mortos, elles topariam columnas vivas, inabalaveis, como aquelles recifes e aquellas muralhas seculares de S. Lourenço... Nunca mais!

Tão farfantes e ensoberbecidos pelo exito, não tinham ouvidos para uma cainçalha que se enfurecera, ladrando e perseguindo-os. Afinal um da retaguarda, batendo o pé, arremessou a espingarda. Um cão, ferido pela coronha, fugiu, ganindo, arengando, como um delator, pelas ruas tenebrosas. No acto, porém, de abaixar-se, tacteando a espingarda, o miliciano poz a mão num objecto que o fez tremer de assombro: era uma cruz

Correndo, juntou-se aos demais; a todos mostrava a cruz apanhada no cisqueiro, sob a pata dos cães!

E todos, palpando-a, arrepiados de horror, lembraram-se de Taneco e do assalto á igreja velha. Seria a cruz dos altares? a cruz do divino Redemptor?!

Então não houve conter-lhes o odio: os «morras» foram echoando pelas costas adormecidas,

que o mar ainda amotinava com o fragor das suas maretas.

—Morra o traidor!...

—Morra Madeira!

XIX

UMA DILIGENCIA

Descommunal era o afan de Pedro Carpinteiro, agora acampado em Amoreiras com cem homens do batalhão, cujo effectivo augmentara durante a marcha pela costa meridional da ilha.

Tinha-se apenas dado começo ás obras de defesa, que se extenderiam até ás praias de Santo Antonio dos Vallasques. Dahi para cima a costa era naturalmente protegida pelos recifes. Os destacamentos foram distribuidos de meia em meia legua, uma força partira para guarnecer o monte da Boa Vista, na contra-costa.

Agrupados assim nas praias nataes, vendo os petrechos de guerra, excitados pela ousadia dos chefes, os voluntarios entregavam-se avidamente ao trabalho, uns carreando areia e cascalho, outros cortando madeira no matto e cavando fossos.

Altivos como conquistadores, repetiam entre si:

— Tomamos ou não a terra? Não somos tatambas...

A praia de Amoreiras, a mais franca ás hostilidades dos brigues, fôra a escolhida por Barros Galvão. Estava em terrenos seus, com uma casa grande de telha que destinou a quartel e enfermaria, e algumas palhoças onde se arrancharam os soldados. Dahi dominava cinco pontos de defesa situados num só chanfro do littoral.

Tendo percorrido os demais pontos, lançou as vistas para a cadeia de cerros que se prolonga desde o sitio da Gamelleira até além do Balaustre. A cavallo na vasa do mar, que baixava até grande distancia da praia, elle mostrou ao miliciano que o acompanhava todo aquelle espinhaço alteroso e verde da tèrra. Seu sonho era guarnecel-o de forte artilharia. O miliciano viu-o logo bater com o punho no arção da sella e dizer, contrariado:

— Temos uma unica peça!...

Tratava-se de desencraval-a para ser montada no reducto de Amoreiras.

Era sol posto. O capitão seguiu para a casa do quartel, onde lhe appareceu o carpinteiro, pedindo folga para uma diligencia particular.

Teve-a, mas só partiu horas depois.

Armado de um facão de rasto, Pedro seguia

sósinho, pela noite escampa e clara, internando-se nas campinas centraes da ilha.

Meia legua por veredas tortuosas abertas no matto o separava do sitio a que se destinava. Sua ancia de chegar fazia-o ás vezes correr e atalhar pelos brejos e plantações de mandioca. As leiras, diluidas em lama, davam idéa dos prejuizos e desolação dos pequenos lavradores. Assim como a industria da cal e do azeite de baleia nas praias, a lavoura nas roças tinha sido abandonada. Uma ou outra palhoça aqui, acolá, surgia no meio das capoeiras, desaprumada, com a taipa a cahir e o terreiro coberto de capim. Espalhava-se pelos mattos um fedor de criação morta.

A' medida que avançava, Pedro Carpinteiro sentia rebates no coração. Antevia a casa de palha habitada pelo velho pae e Manoela, e perguntava: «Teriam encontrado Mercês e a pobre Santinha?» Talvez unidos todos, como era natural, em tempo de tamanha calamidade, lá viveriam da melhor maneira, esperando o dia do feliz regresso á Ponta...A não ser que Mercês houvesse por fim procurado a quinta de Antonio Lamego, que por sua vez, passado o panico, teria voltado ás suas plantações...

De repente vacillou, com os pés feridos em espinhos, a cabeça transtornada, imaginando desgraças, o pae doente ou morto, Mercês perseguida por Sambeiro, ou todos perdidos, exhaustos, esfaimados, a errar pelas brenhas, muito longe dalli...

Quando ganhou o Areal, a claridade da lua tornou-se mais alva e nas folhas das arvores scintillava como gottas de prata. Parecia chover espuma do mar. Parou á escuta. O silencio da planicie deserta fazia o mais frisante contraste com o tumulto da manhã de julho, quando o povo dementado, fugindo das balas, rojava por aquellas areias.

Noutro tempo, naquellas estradas crystallinas, em dezembro, que doce folguedo era madrugar para *ir ás folhas*, ver romper o dia aos gritos alegres de raparigas e rapazes, todos carregados de feixes de ramos orvalhados, com que iam tecer os presepes do Menino Deus! ..Noutro tempo, em noites assim luminosas, ouvia-se rufar de pandeiros e repinicar de violas; os roceiros passavam descantando para as roças, e o gado, nos curraes, berrava á lua como os loucos aluados.—Que fim deram ao gado, que nem um mugido soava em todo o campo?...

Na mudez do sitio o pio das aves aninhadas crescia e a estridulação dos insectos formava um conjuncto de gritos que feriam o sussurro placido das ramagens.

Quasi com surpresa, Pedro reconheceu a encruzilhada onde estremecia a copa cheirosa de uma almecegueira. Os cajueiros ainda não tinham flores, mas o cheiro de terebintho da almecega e o aroma ethereo das jaqueiras fundiam-se no ar e penetravam-lhe a cabeça.

Escutou ainda mais. Nunca sentira melancolia igual. Havia encanto e magua nessa paragem, ao mesmo tempo tristonha e consoladora. A imagem de Mercês passava insistente, furtivamente, pela orla rendada de sombra que as mangueiras tramavam nas extremas do campo.

As visões multiplicavam-se, amiudavam-se encontros, reconhecimentos, effusões. E no meio de tanto bem imaginario, poz-se a cantar um sacy invisivel,—canto breve, espaçado, afflictivo, em tres gritos agudos que eram tres ais de dor, e articulavam tão nitidamente: — « Peito ferido! » — como se, não um passaro, mas uma creatura humana andasse a soffrer e a gemer sósinha por aquella solidão.

Desprendendo-se desse encantamento, o carpinteiro marchava agora em direcção ás Pedrinhas, sem muito afan, compondo comsigo mesmo os destinos da querida gente que ia abraçar. Pensava: se deixaria alli mesmo o velho ou o levaria para a praia; se Mercês, caso lá estivesse, com Santinha, devia seguil-o áquella mesma hora ou em outro dia. Descobriria uma palhoça mais visinha de Amoreiras, longe do alcance das balas, e lá ficariam todos juntos, participando das suas rações de farinha, de peixe e mariscos. Tia Manoela faria lenha e elle proprio lhes levaria metade do seu rancho ou mandaria por Marôtinho, quando o trabalho não lh'o permittisse.

Estava na visinhança das Pedrinhas: os dendêzeiros se afinavam no horizonte e os cajueiros, em baixo, se espalhavam pela areia em massiços vastos, com a folhagem amadurecida pelo luar.

Parou um momento.

Atravez da sombra de outra almecegueira percebeu apparencias de um homem, de roupa alvadia, encostado a um tronco, os braços cahidos, como que extenuado de fadiga. Os joelhos apontavam para o peito, a cabeça esvahida numa

penumbra abanava de instante a instante... «E só, talvez desamparado...» disse o carpinteiro, andando lentamente.

O sacy gritava de espaço em espaço, na proximidade dos dendêzeiros.

Vencido pela curiosidade e a compaixão, Pedro approximou-se do solitario e chamou: — «Eh! lá!...» Sua voz tremulou no escampo com um timbre que elle mesmo desconheceu. Quem quer que fosse não respondeu. Talvez soffria. Uma caça arisca saltou do matto, fugindo rente aos pés do mudo. Este não se moveu. Só a cabeça vacillava mollemente.

— E' exquisito!

Pedro não retrocedeu; mas á proporção que avançava, as formas do homem se alteravam. Já não era um homem; parecia uma mulher, cujas roupas se extendiam num regaço amplo e fluctuante.

Quando o carpinteiro chegou perto não viu homem nem mulher; viu apenas um ramusculo que o vento agitava, e o luar muito branco escorrendo pelo tronco resinoso de um cajueiro.

Proseguiu, com arrepios na pelle, salteado de presentimentos, e tornou a parar, instantes de-

pois, reconhecendo desta vez os monticulos de conchas de ostras. Era exactamente o sitio.

—Mas as casas?!... murmurou perplexo, crendo ter errado o caminho.

Olhou, em redor de si, o mangueiral do Padre João, os altos dendêzeiros em grosso feixe vivo, os cajueiros em massa á volta da campina, o trilho que conduzia á lagôa, a propria lagôa dormindo, muito além, comprida e luzente como a folha de uma espada, e outra vez o mangueiral copudo e as conchas de ostras. Era alli, de certo.

—E as casas?...

As casas vieram a baixo.

Foi verificar de perto as ruinas, pensando com amargor: «Então não está mais aqui ninguem...» No chão não descobriu nem um pau, nem uma vara, nem uma palma. Só o barro escuro, queimado, como os vestigios de uma cova de carvão. O luar batia nas ruinas negras das palhoças, os cajueiros mostravam as ramas desfolhadas e resequidas; a exhalação da terra humida mesclava-se de um cheiro de borralho.

Pedro afastou-se á pressa, allucinado por aquellas labarêdas extinctas que a sua mente

confusa reaccendia, illuminando crimes, perseguições, atrocidades, horrores. Tinham queimado tambem as suas esperanças. Restava-lhe ainda uma. Deitou a correr para a Agua Comprida, em busca da roça de Lamego.

O sacy gritava, sempre mais longe: «Peito ferido!»

Na roça do portuguez só encontrou um negro velho, que não sabia do senhor, nem de pessoa alguma que lhe houvesse pedido agazalho.

O portuguez não voltara; a casa estava fechada. A gente das barcas andava batendo o Areal, matando a criação e tocando fogo nas casas.

—Elles?!

—Nhor sim.

—Estiveram nas Pedrinhas? A gente que morava lá?... fugiu? foi presa? morreu?...

Nada mais sabia o escravo, mas que morresse alguem não tinha disso desconfiança. Da várzea longinqua vinham uns brados esganiçados que acabaram por impressionar o carpinteiro. O negro informou.—Era uma mulher que buscava o filho, havia muitas semanas. De tanto procurar em vão, enlouquecera, e agora passava as

noites em claro, ao relento e á chuva, no meio da varzea, falando e clamando.

Pedro partiu, desorientado, amargurado, estacando muitas vezes deante de sombras que lhe pareciam palhoças. Tomou afinal o rumo da costa. A noite ia alta. Pela calada repercutiam sómente o grito do sacy: « Peito ferido! » e o bradar da louca, acompanhando-o, cercando-o, nos campos e veredas por onde avançava.—Em vão tudo, tudo, tanto os brados della como os passos delle!

XX

Á LUZ DAS CONSTELLAÇÕES

Na manhã seguinte, no meio de uma turma, estando a cavar a terra para abrir fossos, foi Pedro procurado por João de Deus, que lhe apresentou um vaqueiro, dizendo:

—Este camarada conhece o sertão da ilha. Se quizer, elle vae á cata de sua gente.

Pedro assegurou-se da habilidade do vaqueiro, deu-lhe todos os signaes e nomes, fez-lhe promessas de dinheiro e voltou pressuroso ao trabalho.

Previam-se luctas encarniçadas e desiguaes. Começavam a apparecer doentes de sezões, consequencias das chuvas, das privações e fadigas durante a marcha pelos sapaes da Outra Banda. Mulheres da Ponta chegavam, tratavam dos sezonaticos, e por alli demoravam tanto quanto lhes permittia o terror das balas. Tambem as roupas escasseavam, o fardamento de algodão crú estragava-se depressa; em vez de barretinas,

appareciam os chapéos grosseiros de pindoba dos pescadores. Já alguns homens trabalhavam em camisa e outros semi-nús. Comtudo, mostravam-se animados, obedecendo ás instrucções do capitão e dos officiaes que dirigiam as obras; marchavam, contra marchavam de Amoreiras para o sul, levando ordens aos varios destacamentos; faziam sentinella, á noite, attentos contra a approximação dos lusitanos, que se receiava viessem pela praia e as estradas do norte para surprehender o abarracamento.

Pedro redobrou de esforços. Pedia, disputava para si as mais duras tarefas, e poupava o aprendiz José Marôtinho, que não se separava delle.

Parecia-lhe ás vezes que toda aquella campanha só tinha um fim: repôr em seus lares a infeliz Mercês e o pae André. Lembrava-se de velhas historias de guerreiros que se batiam por suas damas, de paladinos vestidos de ferro a pelejar contra mouros pela vida e liberdade de um christão.

Procurava os camaradas mais intimos: Lourenço, João de Deus, Graúna, Sergio, Calixto, Francisco das Chagas, e traçava com elles mil planos de combate, assaltos nocturnos, em canôas, ao fundeadouro das barcas, escaramuças

na povoação, tocaias, aprisionamento de lànchas. Acreditava-se com a argucia e o engenho de um cabo de guerra.

Depois entrava em duvidas angustiosas.

—Somos ainda tão poucos! E as maleitas enfraquecendo a gente....

Dentre os camaradas os mais intelligentes e ousados partiam para outros pontos, a mandado. Ficava elle com o aprendiz e o creoulo Graúna em uma casa de palha, cujos moradores se haviam retirado com receio de tiros.

Nas raras horas de folga reuniam-se sob as ramas das amoreiras alguns amadores do samba, e lá se consolavam, sapateando e descantando aos trillos de uma viola, uma preciosa viola que apparecera na rancharia. Pedro não dançava, não achava nisso prazer; o seu unico prazer era sonhar com a entrada na povoação. Debalde sapateavam deante d'elle; não saltava á roda, quedava-se a escutar a viola. De vez em quando seu coração vibrava como um pandeiro.

A' noite, quando não tinha serviço, extendia-se á porta da palhoça.

Essas noites, sempre rumorosas, cheias do rumor das ondas e do coqueiral, cortado do grito espaçado de — alerta, sentinella! — eram

noites longas, de longo e triste e somnolento scismar.

Nas escuras aguas da bahia, onde elle via as imagens das estrellas em convulsão, dansando, estirando os raios frementes, procurava em vão o fanal do seu destino. Pensava nas vagas irritadas a roncar contra o obstaculo da *corôa*, vagas a que o pae André comparara o povo de pescadores. Mas o certo é que o obstaculo não se movia nem se removia... Os lusitanos de Madeira ficariam então a zombar perpetuamente dos escarcéos dos insulares? E estes andariam para o resto da vida nesse nomadismo humilhante de fugitivos, dispersos os paes dos filhos, os esposos das esposas, os amigos dos amigos?

Em uma dessas scismas veiu achal-o João de Deus.

—Está dormindo? perguntou-lhe.

—Não; estou banzando...

—O vaqueiro seguiu...

—Seguiu. Quando voltará é que não sei, nem que noticia me trará. Mas não é nisso que estou pensando; é na guerra...

—Deus é grande. Olhemos para o céo e roguemos á Senhora da Piedade.

Nisso chegou Francisco das Chagas, um pardo,

pescador, satisfeito porque havia sabido do paradeiro de uma filha sua chamada Floripes.

—Em que cuidam? perguntou, deitando-se no chão.

—Na guerra, disse Pedro. Se esta terra já passou algum dia por tamanha desgraça e affronta...

O pescador, antigo, curioso e conversado pelos mais instruidos da povoação, respondeu:

—Homem, já passa de cento e setenta annos que uma armada de Hollanda fez aqui mais desgraças do que Abderraman nas Hespanhas. O ferrabraz do Segismundo, commandante da esquadra, vendo que não podia tomar a cidade, fez prôa para cá, desembarcou com quatro mil homens, escorraçou o povo da ilha, atacou as fazendas e os engenhos, saqueou e destruiu tudo. P'ra se sustentar melhor, levantou um forte no pontal da povoação...

—Mas não ficou em socego. E foram os lusitanos que os tangeram para fóra, disse João de Deus.

—Ah! naquelle tempo os pés-de-chumbo estavam como senhores disto. E eram mais valentes. O governador capitão-general pediu logo a el-rei uma grande armada; mas não deu tempo de

chegar o soccorro. Foi o seu mal. Despachou para aqui o mestre de campo Rebellinho com embarcações de remo e mais de mil homens. Vieram de noite até acolá, ao Manguinho; d'alli seguiram em rumo para o forte, e fogo, fogo! Ahi é que foi a derrota. O Segismundo estava mais seguro. Os lusitanos em confusão matavam os patricios pensando que estavam atirando no inimigo. Lá cahiu morto o Rebellinho, e toca a debandar e a fugir o resto da gente. Metade della ficou nestas praias como o mestre de campo...

—Diz meu pae André, accrescentou Pedro, que morreram seiscentos soldados portuguezes.

—Foi isto.

—E que Segismundo não demorou muito tempo, porque a armada lusitana chegou e botou-o p'ra fóra. Pudessemos nós agora fazer o mesmo com os pés-de-chumbo...

—Havemos de cercal-os como saúnas na boca do rio. Mas é preciso tempo, e com a ajuda de Deus e da Padroeira...

—Olhemos para o céo... repetiu João de Deus.

No céo vinham rutilando as estrellas do Cruzeiro como pendentes de um collar de perolas.

Oraram, cada um no mais intimo d'alma. Depois passeando o olhar pelo firmamento viram, já com outros olhos, quasi no extremo norte da via-lactea, a constellação de Orion, que parecia um carro triumphal, um grande carro de ouro com tirantes de prata.

E nesse symbolo adivinharam o brilho da gloria, que para elles não era vaidade, mas necessidade de vencer.

XXI

O PRIMEIRO TIRO

Certa manhã, era em começo de setembro, um caboclo, alto, vestido de camisa de baeta encarnada e calças de algodão branco, approximou-se da trincheira em que Pedro se occupava e disse-lhe:

—O padre João mandou pedir gente ao nosso capitão para ir á igreja do Sacramento tirar o sacrario... Nem Deus Nosso Senhor está seguro!...

—Não viu a cruz no cisco?... Quem vae á igreja?

—Quem o capitão mandar. Como o risco é o mesmo, elle faz tenção de entrar na fortaleza e tirar mais uma peça...

—Serão duas. O peor é que nenhuma presta. Pergunte a Sergio, que alhi vem.

O ferreiro chegava, suando em bicas, o olhar bilioso, a cabeça descoberta ao sol que fulgurava no areal da praia. Trazia um martello, que arremessou ao chão, dizendo:

—Ou vou á Ponta buscar a minha ferramenta, ou nunca havemos de dar um tiro com aquella bombarda.

A peça encravadá jazia no meio do descampado, ao fundo do qual se via a casa da enfermaria e quartel, sobre a espalda de um outeiro.

—Vá esta noite, lembrou o caboclo, que era André Avelino.

—Se o capitão consentir... E diga-me, perguntou Sergio, mudando de assumpto—que fornecimento nos mandou a caixa militar?

—Farinha.

—E roupa?

—Nem uma peça.

—Estamos com a pelle; é pouco?

E Pedro, mostrando as suas calças aparadas até o meio da canella e a jaqueta rôta nos cotovellos, apontou ainda as praças que subiam carreando cestos de areia e lagedos, tendo por vestimenta uma tanga, e os negros que golpeavam coqueiros cahidos e rolavam os troços para a linha da praia, com os braços e os bustos envernisados de suor.

Seguiram até a beira de um fosso, onde um official, improvisado engenheiro, dirigia o trabalho, repetindo com satisfação:

—Vamos bem.

Os voluntarios sumiam-se na vala até o pescoço. Nos mangues, proximo ao rio de Amoreiras, rangiam os golpes de fouce, abrindo setteiras para o mar; da vasa chegavam os carreadores de pedras. Entre estes vinha um rapazinho ruivo que, depois de jogar a lage ao chão, se poz a arquejar, amarello, com os olhos fundos e os ossos do peito a empurrar a pelle pela abertura de uma camisa suja.

—Tambem foi a agua do brejo, Marôtinho? Não é nada, concluiu Avelino, animando-o.

O official ordenou:

—Sóbe para a enfermaria.

Marôtinho pediu:

—Deixe-me andar, *seu* tenente. O suor sahindo leva o mal.

Quando o carpinteiro volvia com o seu machado aos toros de coqueiro já encontrava Marôtinho cahido no sarçal da praia, a tremer da cabeça aos pés, num calafrio desarticulador. Transportou-o para a enfermaria. Mais tarde appareceu Graúna queixando-se de frio, e como elle o official que dirigia as excavações.

Cada dia chegavam soldados doentes dos outros pontos, apanhados ao longo da costa.

A quadra da enfermaria enchia-se de sezonaticos. Arranjavam-se leitos de taboas, de palmas, de esteiras; a lona das velas de canôa, as rêdes e baetas de pescadores, tudo era aproveitado para amaciar e aquecer os duros grabatos. A medicina caseira palliava as febres. E havia recahidas fataes por fálta de dieta. Como se preparava a corrida ao povoado, pensou-se em arrombar a botica do Massa e recolher-lhe as drogas.

A entrada na povoação se fez impunemente, alta noite. Foram visitadas a igreja do Santissimo, a botica e a fortaleza. Desta sahiu mais uma peça encravada. Mas as barcas não deixaram consumar-se o acto sem uma data de balas perdidas, que alvoroçaram as guarnições da costa.

Sergio voltou glorioso ás Amoreiras, com as ferramentas da forja, e entregou-se á faina com violencia.

Foi um dia de festa aquelle em que o ferreiro conseguiu que as bocas de fogo vomitassem para a enseada as cunhas de ferro soccadas a vae-vem pelos assaltantes.

—Não somos nenhuns tatambas! bradavam orgulhosos os pescadores.

No mesmo dia, era ainda cedo, Calixto e André Avelino, que acampavam nó espigão de terra do Isidoro, appareceram em Amoreiras, annunciando:

—Aponta um brigue na meia travessa... O capitão Lima chegou do sul e vem a cavallo. Onde está o nosso capitão?

Um official entendeu-se com Barros Galvão, que veiu até á praia assistir á montagem da peça. O trabalho se executou promptamente. Reinava certa anciedade em volta da artilharia montada. Era uma viva emoção de estréa que já se antecipava a empolgar os pescadores.

A' tarde, passando pela enseada, com direcção á Ponta das Baleias, duas barcas inimigas offereceram o desejado alvo aos artilheiros da praia. Elles acercaram-se da peça, confiados, mas commovidos; carregaram-na e esperaram. No momento preciso, o capitão deu uma ordem e as barcas foram saudadas por um tiro de terra, esse primeiro tiro, que devia levar em seus echos, até os ouvidos do general Madeira, a intimação dos soldados pescadores. O ensaio alegrou e enthusiasmou os voluntarios. E elles estavam longe de prever o resultado dessa primeira mostra de audacia. Horas depois, desfi-

lavam com bom vento, rumo da cidade, os mesmos brigues e mais as barcas que faziam guarda á fortaleza. Espanto e júbilo! A guarnição, surprehendida com essa retirada, não se conteve. Da peça partiu outro tiro de bala, repetindo a saudação ironica aos portuguezes. A boa nova, acompanhada daquelle som triumphante do canhão, levantou os proprios enfermos do hospital, os quaes batendo os queixos soltavam acclamações.

Lima e Galvão correram immediatamente á Ponta das Baleias e tomaram posse da fortaleza.

O successo exaltou as guarnições.

Nada mais desejado, porém nada mais imprevisto.

—Não ha mais lusitanos na Ponta!? exclamavam todos, a grandes brados, para se convencerem a si mesmos do extraordinario caso.

—Não ha! Tomaram medo! Viram a força!...

Para todos os pontos de defesa corriam, voavam voluntarios, apregoando a incrivel, a surprehendente verdade. O seu commum desejo era disparar atraz dos capitães a occupar o pontal.

O vento levava depressa a esquadrilha inimiga, que elles ao mesmo tempo ardiam por perseguir em suas canôas.

Quando os navios montaram a ponta de S. João, appareceu pelo baixio de noroeste, com duas canôas á sirga, um lanchão lusitano que fugia a toda a força para pedir reboque aos brigues. Os pescadores sentiram novo impulso. Houve entre elles uma lufa-lufa que exprimia ancia de ataque. Surgiram logo fuzis e croques. Pedro e André Avelino foram os primeiros a embarcar numa canôa, que em poucos minutos singrava como um espadarte pela concha da enseada fóra.

Os tripulantes do lanchão, vendo-se atalhados, fizeram fogo; os de Amoreiras responderam com os seus fuzis e remaram a todo o pulso. Emquanto os remadores manobravam, os outros se encolhiam ao fundo da embarcação com as armas apontadas.

Prestes a ganhar o reboque, frustrou-se-lhes o melhor do plano. Elles queriam apresar o proprio lanchão. Os inimigos, porém, soltaram as canôas e dando tiros fugiram arrancadamente.

Pelas praias gritavam os pescadores:

—E' mais cedo do que esperavamos!

Voltaram no outro dia as barcas e foram até a frente da fortaleza. Mas ahi já havia uma peça preparada que lhes mandou uma bala. As

barcas, sem responder, fizeram-se de véla para a capital, mas com difficuldade em navegar, tal era a chusma de canôas e saveiros que das costas da ilha avançavam atrevidamente a acommettel-as.

Poucos dias decorreram da retirada das barcas e da occupação da fortaleza pelos insulares.

Tinha chegado um mensageiro do Reconcavo.

Ainda no fervor do jubilo causado por aquelles commovedores successos, viram os voluntarios de Amoreiras o official montado estacar na praia e falar a uns homens em serviço. Era um moço trigueiro, bem fardado, de polainas e espada curva, com uma barretina que tinha, em lugar de armas, a divisa dos caçadores de milicia: uma corneta e uma corôa.

—Dizem que traz fornecimento, adeantou Calixto, a procurar o carpinteiro.

—Pedro está de maleitas, informou-lhe João de Deus. Vejamos, lá está o tenente com o nosso capitão... Se traz roupa seja bem vindo... Com os diabos! olhe a minha jaqueta... é um molambo.

Apenas o mensageiro entrou no quartel, sahiu de lá uma praça, montou a cavallo e gritou, passando pelos dous voluntarios:

—Vou á Ponta das Baleias chamar o capitão Lima. Ha novidade!

João de Deus e Calixto ainda correram atraz do cavalleiro, para saber melhor.

—Graúna! Esper'ahi!...

Graúna já andava longe.

Os cavadores puzeram as cabeças fóra dos fossos.

Em redor das peças montadas e das tulhas de areia e lage interrogavam-se em agitação as turmas de soldados. Commentavam todos a presença do caçador de milicia, dando-se tratos para adivinhar-lhe a missão.

Desassocegou-se a guarnição de toda a costa, até onde repercutiu a nova. E qual podia ser essa novidade? Em breve o saberiam. Mas quanto lhes custava a espectativa!

XXII

RESISTENCIA DOS PRAIEIROS

Antes das quatro horas os dous capitães e o tenente de caçadores estavam reunidos no quartel de Amoreiras.

Galvão recebeu Souza Lima, dizendo zombeteiramente:

—Ordena-se de Cachoeira, em nome do commandante das forças armadas, imagine o que... A evacuação immediata da ilha! Habitantes e guarnições deverão mudar-se incontinenti...

E passou-lhe o officio, que Lima se poz a ler, com o rosto fechado.

—Que quer o Conselho!? perguntou este, quando acabou a leitura. Foi para isso que marchamos a pé desde S. Roque até aqui, atolando-nos em lama, comendo fructas, bebendo agua de poças, curtindo sol e chuva?... Abandonar agora, no ponto em que estão as cousas, aquillo que nos custou os olhos da cara! Isto não é brinquedo.

—O Conselho de nada sabe, ajuntou Galvão, com energia; não se comprehende como elle possa conhecer melhor do que nós, que estamos aqui defronte da capital, os perigos e vantagens da nossa posição. Não sei..

—Mas, ponderou o emissario, o Sr. Montezuma disse: a occupação da ilha exige pelo menos cinco mil homens...

—Sei, sei...O Sr. Montezuma é o oraculo do

partido nacional; eu o respeito. Mas que disse elle da victoria do Funil?

—Eramos doze homens, acudiu Lima.

—Pois é lá possivel fazer a guerra sem temeridade? Cinco mil homens... melhor seriam dez mil. E depois nós temos razões que o Conselho governativo não póde apreciar da mesma maneira que nós... Estamos defendendo tambem a nossa fazenda, as nossas moradas, o fructo do nosso trabalho...

—Certamente.

—Neste caso o Conselho é menos competente para dirigir os nossos passos.

O official curvou-se, dizendo, por um gesto, que lavava as mãos do bem o do mal. Animado, todavia, pela pausa dos interlocutores, insinuou:

—De mais a mais fala-se em falta de munição de guerra e outras provisões... Não garanto... não posso grantir se a caixa de Nazareth continúa, depois desta ordem, a fornecer...

—A etapa?

—A farinha?

—Supponho...

Os dous capitães, que se haviam sentado, pularam dos bancos ao mesmo tempo, indignados, soltando exclamações.

—Obrigarem-nos pela fome!

—E' incrivel!

—Tratam-nos como inimigos?

Barros Galvão irritou-se e, perfilando-se, bateu com o pé.

—Daqui nem mais um passo para traz!

Seu rosto alvo cobrira-se de purpura; tinha flammas no olhar, a cabeça tremia e sacudia os cabellos pretos em movimentos de insubordinação.

—Renderem-nos pela fome? Nem mais um passo, fiquem sabendo.

—Ora ahi está como se quer vencer Madeira... E esta enfermaria cheia de homens que se sacrificaram á expedição... Os oraculos do Conselho sabem disto?

—Não sabem ao menos que estamos de posse da fortaleza?

—Souberam, disse o emissario, mas não acreditam que se possa manter a posição.

—Pois que a deixem por nossa conta. Para traz nem mais um passo, saiba o senhor.

O miliciano, vendo-se alvejado pelos olhares de Galvão, desculpava-se:

—Sou um simples portador.

Lima voltando á sua moderação habitual, entrou a ponderar:

—Não tem razão o Conselho. São zelos, temores, mas sem motivo. Metade do caminho está andado. Assumo a responsabilidade do que succeder. Se for preciso retirar, recuaremos, mas com honra.

—Nem nos pódem lançar a pecha de indisciplinados...

—Tambem não, não ha por emquanto um exercito regular...Dizem que já vem pelo centro o brigadeiro Labatut...Que venha; até chegar, paciencia, trabalhe cada um por sua conta e risco.

Galvão media passos na quadra, abotoando e desabotoando a farda de panno branco. Lima, de gestos curtos, passava a mão pelo cabello rente, mostrando nas linhas do rosto escanhoado e nos olhos pequenos uma decisão calma e inabalavel.

Depois de uma hora de debates, recriminações e protestos, o official pediu ordens.

—E' isto, respondeu promptamente Lima; a posição não póde ser abandonada nem a ilha evacuada. Veja as obras que lá estão se fazendo ..A fadiga, o suor, os sacrificios de nossa gente merecem consideração.

Procurou papel e sentou-se a escrever.

Emquanto os dous cabecilhas lavravam a resposta que ia ser enviada ao commandante das forças, o emissario afastou-se para uma porta, a olhar o sitio, a praia e ás obras. Ao fundo do quartel alteava-se o outeiro largo, todo ouriçado de arbustos rijos. Na base desse outeiro, contornando-o, amoreiras e mangueiras arredondavam areas espaçosas de sombra, por onde passeavam tristonhamente uns poucos de homens, todos magros, na espinha, sem gota de sangue, encolhidos em farrapos sujos, convalescendo das febres.

Voltando-se para o lado da praia não teve outra impressão o enviado do Conselho governativo. Estava alli a parcella valida dos presumidos guerrilheiros.

Causava-lhe dó esse exercito minusculo de pescadores, sem instrucção, sem noções de arte militar, sem armas, sem fardamento, a encher as praias com o seu farfalhar inconsciente, atraiçoados pelo instincto do aferro a um pedaço de terra indefensavel, sem as forças que calculara o Sr. Montezuma. Augurava mal de tudo aquillo.

Os voluntarios com uns trapos gastos, destroços de jaquetas e pantolonas, barretinas sem

mais pennacho, muitos de cabellos ao vento e meio corpo nú, outros tantos de chapéo de palha grosseira, camisas de algodão e tanga, todos de pés no chão, moviam-se na maior balburdia á beira dos fossos e das trincheiras começadas. Falando em grita, gargalhando, cantando, pareciam antes operarios de um *contracto* de baleias que praças de um batalhão em espectativa de combates. Que disciplina havia alli? monologava em silencio o official. Como se achariam aquelles corpos no dia em que os surprehendessem soldados bem nutridos e armados? Tinha visto em Cachoeira os *encourados*, praças vestidas de couro; em Nazareth vira os *ceroulas*; via alli em Amoreiras os nús, os *pés-no-chão*.— E confiava-se nisso!

Um grupo de pescadores, sob a direcção de um inferior da milicia, marchava e contra-marchava no meio do campo, marcando passo, dando meias voltas e errando sempre, sahindo da fórma, desacertando o rithmo. O inferior gesticulava e explodia em gritos. Recomeçava a lida.

Os outros, de folga, davam palmadas na culatra de uma peça pretenciosamente assestada para a bahia; um destes, fingindo de bota-fogo, tocava uma trança de estopa no ouvido da peça.

—Pum!...

Os companheiros, atirando punhadas ao ar, simulavam choques produzidos pelo fantastico projectil.

—Pobres victimas, murmurou o enviado. Pensam que se faz a guerra como se faz a pesca... Bem se vê que não conhecem o perigo. Caro lhes vae custar...

Os soldados maltrapilhos paravam ás vezes de divertir-se para sondar o que passava no quartel, e os sezonaticos na sala contigua gemiam e sussurravam, batendo os dentes.

—Prompto! disse Galvão de repente, encaminhando-se para a porta da quadra.

O official entrou e recebeu o officio das mãos do capitão Lima, falando por ultimo a si mesmo: « sua alma sua palma ».

Despediu-se e montou.

Galvão, já mais calmo, ainda o reteve, dizendo em voz alta, para se fazer ouvir de fóra:

—E' isto... a ilha está definitivamente occupada, como vê. Agora o que nos resta fazer é guardar bem a casa para que não venham mais intrusos... Não acha o senhor? Em vez de andar para traz, devemos caminhar para a frente, sempre para a frente.

Lima accrescentou:

—Brevemente irá um dos nossos em pessoa, irei eu mesmo para fazer ver ao Conselho a necessidade de uma flotilha na Ponta das Baleias. Trataremos disso.

A noticia cahiu no grosso da guarnição como uma bomba; o reboliço que provocou levava ás portas da enfermaria os proprios sezonaticos. Pedro que acabava de suar a cantaros sentiu-se forte e sahiu enrolado num cobertor de baêta vermelha.

—Ezequiel!.... Calixto!.... Lourenço! que foi?...

Ninguem lhe attendia, ninguem se entendia. Todos reclamavam ao mesmo tempo. Juras, pragas, phrases de escarneo se cruzavam. Alguns mostravam no mar as vélas dos brigues longinquos. Este accusava:

—Querem que os «pés-de-chumbo» voltem. Esta é bôa!

Aquelle protestava, zombando:

—Não se arreda pé. Somos alguns tatambas?

Bem poucos eram os indispostos, que a essa hora sonhavam com tribulações novas, pensando nos parentes e receando ter de evacuar a ilha.

Pedro Carpinteiro ainda vagava na praia,

quando veiu ao seu encontro o balieiro, que lhe disse:

—Vim da Penha hoje. Penso que nos mandam roupa e calçado, mandam-nos ordem de marchar para traz, como se fossemos caranguejos.

—Vae seguir?

—Vou já para a Ponta, a chamado do sargento-mór. Até que emfim...

—Então, observou Pedro, com ironia—havemos de voltar á véla para Cachoeira?

E desembrulhando-se da baêta côr de sangue, sem esperar resposta, sacudiu-a, accrescentando:

—Está aqui a minha bandeira!

O effeito da mensagem de Cachoeira foi inteiramente diverso do que esperava a junta. Um pacto de resistencia a todo o transe firmou-se entre os praianos de todos os postos e condições.

Ao ver essas massas de gente como loucos a bracejar pelo costeiro da ilha, a bater com os pés, a ameaçar, a protestar, a jurar pelo céo e pelas cinzas dos mortos que não se arredariam d'alli, pensava-se naturalmente, como Pedro Carpinteiro, no assanhado marulho que fazem as ondas em cima das *corôas*.

Até a tardinha durou a vibração communicada aos animos. E sómente ao sol posto os soldados começaram a procurar as barracas, entre as poucas mulheres que permaneciam no sitio affrontando o perigo dos balaços. As barracas zumbiam como casas de maribondos.

O carpinteiro, sentindo-se mal, voltou á enfermaria e estirou-se no seu estrado a maldizer da molestia, como fazia o pae André.

A noite escura envolveu as costas e o golfo; rajadas seccas faziam bulha infernal no arvoredo, lançavam maretas á praia e rugiam nas telhas da casa mal alumiada por uma candeia de azeite. A luz fumante e vermelha tremia sempre sobre os volumes de baêtas e lençóes de algodão, collocados em marquezas, em taboas e palmas sobrepostas.

Esses volumes eram os doentes de sezões, a quem uma senhora, irmã do capitão Galvão, passava revista e ministrava remedios.

Junto á cama de Pedro, o aprendiz Marôtinho acabara de tremer a sua maleita e gemia com uma voz fina de creança.

Graúna e outros, que soffreram recahida, ainda tiniam dos dentes, encolhendo os hombros, com o frio de todos os invernos na carne lazeirenta.

XXIII

AVENTURAS DE UM VAQUEIRO

Um creoulo, baixo e robusto, com um chapéo de vaqueiro preso á barba e uma foice ao hombro, acabava de atravessar a matta da Boa-Vista, pisando já em terras da freguezia de Vera-Cruz.

Na matta encontrara varios grupos de mulheres e meninos que lhe rogavam noticias da Ponta das Baleias e de pessoas para elle desconhecidas. A todos pedia, por sua vez, informações de um velho pescador de nome André.

O sexto grupo que encontrou em caminho, ao avistar o engenho da Boa-Vista, compunha-se de duas mulheres fulas, de pés descalços e saias rôtas, um molecote de tanga e uma rapariga branca e alta, com as maçãs do rosto afogueadas e vincos fundos na face. Esta vestia uma casaquinha vermelha e a saia esfarrapada guindada até aos joelhos por um cipó.

O vaqueiro Angelo disse-lhes o que dissera ás outras; mas havia falado em Pedro e André, e isso interessou á rapariga, que por sua vez lhe perguntou pelo pae, um senhor Basilio.

Como elle respondesse que não o conhecia, ouviu-a suspirar:

—Pobre de ti, Marcolina!

Apenas se separaram, echoou á beira da matta um estampido longinquo. As mulheres retrocederam, puzeram-se á escuta e reuniram-se ao creoulo que se tinha sentado pensativo sob a copa da um gigantesco landim. Ahi resolveram descansar, e Marcolina tornou a suspirar, dizendo:

—A gente tem soffrido!...

Angelo olhou-a com interesse maior.

—E' p'ra que minha senhora vae por esta matta, a estas horas? Daqui a um nada escurece e ha surucucú ahi de metter medo. Com esta foice já piquei não sei quantos...

—Eu vou... que hei de fazer? Já estive na Boa-Vista, cansei de procurar, não sei do pobre do homem... Valha-me Deus!

—O pae de vosmecê?

—Sim...E' Basilio que elle se chama, insistiu a rapariga, esperançada, olhando fixamente o vaqueiro. Já velho, coitado! accrescentou. Ah! quem me déra que vosmecê o achasse!

—Eu vou na certeza de topar com o pae de

seu Pedro. Prometti, e agora nem que leve esta ilha toda na sola dos pés.

—Se eu soubesse que elle estava acolá...

O vaqueiro curvou a cabeça com humildade, e disse:

—Querendo... Eu só posso é botar vosmecê no Engenho, e sigo na batida, á caça dos homens.

—D' elle tambem?

—Nhá sim.

—Eu não sei o que faça, respondeu ella, hesitando.

Consultou as companheiras. Ellas lhe fizeram signaes. Não as comprehendeu, tão presa estava á idéa de encontrar o pae. Uma d'ellas levantou-se inquieta e convidou-a:

—Senhora, vamo-nos embora antes que anoiteça.

Marcolina tornou a pensar.

—Quem sabe?...

—Vamo-nos embora, ou então até depois...

—O coração me diz que eu volte...

—Ah! quer? Pois vá; Deus a acompanhe.

As sombras adensavam-se na matta e ouvia-se lá dentro uivar o ventriloquo pavô no meio da vozeria rascante das cigarras

As mulheres seguiram com o molecote, mas ainda volveram atraz os olhos arregalados, gesticularam, attrahindo a filha de Basilio, sem se atreverem a dizer-lhe claramente o porque insistiam. Foi tudo de balde.

A' frente de Marcolina o terreno corria aladeirado, todo coberto de um capinzal maduro. O sol recolhia-se. No fim do declive, num vallezinho verde, colleava lustrando como a foice do vaqueiro a corrente salobra do Gago, marginada na embocadura por mangues rastejantes. Colleiras e curiós saltitavam pelas pontas das hervas e iam depois voando, uns para o monte fronteiro, onde alvejava a casa do Engenho, outros para o matto grosso, á cabeceira do rio, donde sahia de espaço em espaço um mugir cansado e melancolico de bois.

As companheiras de Marcolina tinham desapparecido entre as enrediças da matta.

Angelo, com todo o vagar, apanhou a sua foice, cuja lamina acariciou com os dedos de ferro, arregaçou mais as calças azues, concertou o chapéo de couro. Quando levantou os olhos para a rapariga—que differença!—tinha uns ares de sultão, ameaçador e lascivo.

Foi então que Marcolina, comprehendendo o

desassocego das fulas, teve medo de tudo e sentiu-se desamparada, á mercê do desconhecido, peor do que se estivesse sósinha na selva cheia de cascaveis. Os olhos do creoulo mudaram de expressão, afagando-a com familiaridade igualmente mysteriosa e atrevida.

—Agora vamos nós, minha sinhá... e não tenha susto que havemos de topar com o homem.

Ella havia desatado o cipó que lhe guindava a saia, e humilde e debilmente perguntou:

—O nome de vosmecê?

—Eu me chamo....Ludgero, disse o negro, e riu-se.

Marcolina ia descer o declive; elle apressou-se em apontar-lhe o trilho ao longo da brenha:

—Por aqui, minhá branca.

E deixou-a seguir na frente.

—Deus te guarde, Marcolina, disse ella baixinho, a tremer.

Tendo andado apenas uns cincoenta passos, o vaquei o olhou em redor de si, em seguida avançou, travou do braço de Marcolina e começou a arrastal-a em silencio para dentro da matta... Os gritos da rapariga foram logo acompanhados de mugidos de bois, tão longos e

plangentes que pareciam chorar as desgraças do povo errante.

. . . .

No outro dia, apenas rompia o sol, achava-se o creoulo no alto da Boa-Vista, atropelado por familias e lotes de gente acamaradada que tratava de ausentar-se do Engenho.

Tinha chegado na ante-vespera um destacamento da costa para guarnecer e fortificar esse ponto.

A casa do marechal senhor do Engenho regorgitava de emigrados. Os que se retiravam iam murmurando da guerra perseguidora, desse monstro que em todos os cantos lhes mostrava as garras e rugia.

O vaqueiro acompanhou os retirantes. Eram sempre mulheres, de todas as castas, com a unica saia velha com que haviam fugido, algumas pendurando aos quartos pares de creanças, como a femea do gambá; eram meninos, de camisolas esmolambadas, furiosos de appetite, a esbagulhar jaca e a roer dendês e ouricoris; homens velhos, hirsutos, de pés nus e inchados, e grandes chapéos de pescaria já em frangalhos; moças empapuçadas, de cabello revolto, parecendo transidas de sezões. Andavam todos com olhos compridos para os caminhos.

Pelos arredores da grande casa, nas baixas e ladeiras, dispersavam-se casinholas cheias de refugiados. A todas foi bater o vaqueiro, mas debalde.

Em uma encontrou um velho chamado Basilio, que chegara de outra parte com a quebradura cahida. Este gemia em cima de um espatho de coqueiro, com as mãos nas virilhas, e rogava por Deus que lhe procurassem a filha e o levassem para morrer na sua freguezia.

O vaqueiro Angelo não demorou ahi. Deixou os lotes que se retiravam, desceu, e subiu a outro cerro, onde moravam alguns casaes de rendeiros. As vargens se cobriam de mandiocal, com as folhas murchas ao calor do dia que annunciava a approximação das trovoadas.

Tendo alcançado a cabeça do cerro, o vaqueiro sentiu a frescura e o aroma adocicado de um bosque de jaqueiras. Tirou o chapéo de couro, depoz a foice, e cahiu adormecido á sombra.

Mal começara a dormir, acordou com um sussurro de gente a falar. Prestou attenção. Era muito proximo d'elle.

Uma voz de homem dizia:

—« Quer que eu vá me embora . . . Já posso ir... ah! tem razão . . . Zacharias, que mal lhe fizeste? Todo dia ella te enxota . . . porque não te

vaes logo de uma vez?... Ah! moça ingrata! Por causa de quem briguei com os meus camaradas?... Nunca mais elles me aturam na vista de seus olhos. Morri p'ra todos. Se toparem commigo me atiram pedras, arrenegam de mim, me esconjuram como o demonio, me matam que nem a um cachorro damnado. Por causa de, quem, Sambeiro?... »

Uma voz de mulher respondeu:

—« Eu nunca o chamei nem lhe disse palavra que o enganasse. Se veiu foi porque quiz, foi para meu tormento. Ingrata não! O que eu lhe devo é a vida, não é? Pois tome-a, mate-me, mate-me... Ou então vá-se embora e deixe-me, deixe-me por Nossa Senhora. »

—« Eu nunca matei ninguem, Sinhá; tomo a Deus, que está me ouvindo, por testemunha. Mas agora eu devia matar, bem sei a quem... »

—« Diga...

—« Era a um homem, um homem que me roubou... »

A voz de mulher, exaltando-se:

—« Vae-te d'aqui, desgraçado! Vou já dizer ao pae de Pedro... »

Resoaram passos fortes e apressados de alguem que corria. E a mulher ia gritando: « *Seu*

André! *seu* André!» De repente, sua voz alteou-se ainda mais, em gritos angustiados: «Malvado! Ai! Solta-me...Vae! Aqui d'el-rei»!...

O vaqueiro, que havia saltado do tronco da jaqueira, correu e viu um mulato em andrajos, allucinado, agarrando os braços brancos de uma rapariga que elle forcejava por derrubar.

—Larga! gritou o negro.

O mulato volveu-se, ainda com a presa segura, mas avistando o intruso armado largou-a e arrancou doudamente pela encosta abaixo, como um caititú ferido.

A moça fugia em sentido contrario, com a saia desfraldada e uns cabellos longos que lhe rolavam em ondas até a cintura.

—A gente vê cousas...considerou o vaqueiro, estacando. E riu-se, com ar escarninho, da desventura do tal Zacharias.

....

Na mesma tarde o vaqueiro Angelo despedia-se do pescador André, a quem afinal encontrara numa palhoça, perto do jaqueiral, em companhia da creoula Manoela. Não via, por mais que espionasse, a moça branca e bonita que elle livrara das garras do mulato. Foi discreto sobre o caso.

Sentado, com as pernas estendidas numa esteira de tabúa; as faces mólles e cahidas, as narinas e os ouvidos eriçados de pellos, os olhos com as bordas vermelhas voltados para o vaqueiro, o velho André nunca chegava ao fim das despedidas.

Repetia as perguntas, dava recados para o filho e consultava Manoela; tentava pôr-se em pé, queixava-se das pernas, praguejava, enternecia-se.

—Ah! Pedro, que não te vejo! Que trabalhos ...que soffrer!... Então, camarada, não se esqueça...diga-lhe que eu vou p'ra perto...vou, nem que seja de gatinhas. Vamos todos; não é melhor, tia Manoela?

—Nhôr sim. Ha de haver um filho de Deus que nos leve como nos trouxe.

—Lá no Tuntum ficamos mais perto... A bala do mar não vae lá: que acha, camarada? Olhe, diga tudo, p'ra elle saber. Que Santinha morreu...pobre mulher! e a filha... está ahi adoentada—anda na minha companhia. Bôa moça, é um anjo; mas que pae teve! Nem ella nunca pensou? Tambem andou aqui Zacharias Sambeiro, mau rapaz; não quero graças com elle... Amigo, por ora não diga nada do que Taneco fez...

—Eu não sei de nada.

—Ah! onde estou com a cabeça... Pois sim, vá com Deus em sua companhia, e ache a nossa gente dentro da Ponta, livre d'aquelles demonios...Nosso povo já não está nas Amoreiras? Os tiros eu tenho ouvido; se são no mar ou em terra é que não sei...Seriam na cidade?

—Eu andava no matto, disse o vaqueiro, apressando-se. Tambem ouvi, mas não sei dizer onde nem onde não.

—Nossa Padroeira está lá p'ra nos ajudar, acudiu Manoela.

Angelo apoiou, accrescentando:

—Vosmecê diz bem. Nossa Senhora já esteve na rua.

—Na rua?

—Foi a gente da Ponta que me disse, acolá na Bôa-Vista. Todo o mundo já sabe...O zelador fechou o nicho e correu para o matto com a chave no bolso. Nisto vem um escravo á caça do zelador e diz: « Vosmecê volte, que o nicho está aberto ». Voltou o homem e, assim mesmo, com medo da tropa, entrou na povoação e topou a porta do nicho aberta e Nossa Senhora na porta...Tornou a fechar e foi-se embora.

Grande foi o assombro dos velhos.

Manoela acabou por affirmar, batendo nos peitos com fervor:

—Eu tenho fé, digo sempre: a Senhora da Piedade é por nós.

—Se ella não fôr por nós, por quem ha de ser? .. Stá bom, camarada, concluiu André, a mesma Senhora vá em sua companhia. O' Mãe de Misericordia!... Pega-te com ella, Pedro, meu filho...

André encolheu as pernas e fez esforço para levantar-se; mas faltando-lhe apoio, cahiu sentado, a gemer.

—Ah! filho, que trabalhos...Esta guerra... esta guerra...E' a maldita dôr... Eu bem sabia que elle não andava socegado...Amigo, diga-lhe que estou bom, sem novidade, não é assim, tia Manoela?...E que a filha de Santinha está commigo...Graças ao céo, já sei de meu filho...Adeus, camarada!

O vaqueiro tornou a saudar e deixou a palhoça, ainda a pensar no caso da moça e do mulato, no bosque de jaqueiras.—Decididamente esse tempo de guerra era o melhor para a caçada. Que lindas pacas e cotias se topavam pelas estradas e roças! O desgraçado Zacharias é que fôra um grande tolo; espantou a caça e teve ainda em cima de fugir.

Os caminhos já estavam ermos, contra a espectativa de Angelo, que ia excitado por imagens de raparigas brancas desgarradas nas brenhas. —Se elle topasse a Sinhá da jaqueira! Parou e farejou; quiz voltar, mas reflectiu:

—Ha tempo: eu careço do dinheiro de *seu* Pedro.

Pelas seis horas descia elle a encosta da Bôa-Vista. Espelhava embaixo, entre as varzeas verdes e vôos de passarinhos, uma volta do rio Gago.

O vaqueiro seguia num trote largo, o pensamento regalado com as suas ultimas aventuras de viagem. Após elle desciam dous roceiros desconhecidos, um distante do outro, ambos para os mangues rasteiros da margem do rio.

Avistando defronte a matta, o vaqueiro apressou-se, contando atravessal-a antes do escurecer, para não parar senão em Amoreiras.—Salvo se alguma ovelhazinha perdida lhe pedisse uma obra de misericordia.

Cantarolava, acabando de descer a encosta, feliz e diligente.

Chegou á beira da corrente. Despiu a calça, fez uma trouxa que pendurou ao cabo da foice, e cahiu n'agua, ouvindo os bois mugir do lado da matta.

Em meio do rio, que estava avolumado pelo fluxo do mar, a agua subiu-lhe até a cintura. A algidez do banho fel-o suspirar por um gole de aguardente. Não trazia nem pinga... Paciencia, até o Engenho, onde com certeza beijaria a garrafa dos parceiros.

Avançava lentamente, apartando as aguas grossas, immerso até o peito.

De repente, quando já começava a alcançar a parte mais raza, sentiu uma forte dentada na coxa. Extorceu-se, uivando, e novo ataque recebeu, mas no ventre, por uma garra que o puxava para o fundo. Gritou, pedindo soccorro. Os passarinhos do capinzal espantaram-se e voaram rapidamente. A garra submersa atacou-o de novo, aprofundando-o, até lhe sumira cabeça.

O corpo desappareceu, tornou a surgir, e foi resvalando pela correnteza abaixo, aos mergulhos, até aos mangues da foz, onde mergulhou de vez.

O roceiro que vinha mais proximo abalara até á margem. O outro tambem se approximou, a correr, mas avisando em altos brados:

—Sentido, camarada, que é jacaré!

O rio estava manchado de sangue e turvo. Os dous roceiros pararam, discutindo.

Disse um:

—Não é bom passar.

O outro respondeu:

—Por' mór de que? Emquanto o bicho está lá entretido comendo, a gente passa sem novidade.

—Tem razão, concordou logo o primeiro.

E ambos atravessaram o Gago.

XXIV

A ACCLAMAÇÃO

Tendo-se conformado o Conselho de Cachoeira com a resistencia dos insulares e seus chefes, proseguiram as obras de defesa até o mez de outubro.

Os rumores e noticias que chegavam do Reconcavo traziam alento aos pescadores-soldados. Os inimigos, assustados com os progressos da campanha, continuavam arredios da Ponta das Baleias. Um cadete do exercito dirigia agora os trabalhos de fortificação, organisava a companhia de artilheiros e instruia as praças no manejo das peças. Pedro Carpinteiro fazia parte dessa companhia, dando provas de bom artilheiro.

Já os pontos do Manguinho e Porto dos Santos tinham peças montadas e a guarnição de Amoreiras ouvia todas as manhãs e pelo dia adeante o toque nitido e alegre de uma corneta que repercutia no horizonte azulado, pelas abas dos montes, como o relincho de um ginete ardego.

Nesse interim chegou dos pontos do sul o ferreiro Sergio com um pelotão que marchava sob as armas para fazer exercicio. Ainda fatigado, annunciou aos camaradas:

—Parece que daqui vamos num dia destes á Ponta. O que Taneco promettia fazer fazemos nós:—a acclamação.

—Por onde anda esse Judas? perguntou Lourenço.

—Taneco? Dizem que se enforcou num galho de mangueira.

Riram-se da pêta.

—Falemos de cousa seria, atalhou Pedro; a chegada desse Labatut... O homem entrou na Bahia com o pé direito. Foi elle chegando e o Principe Regente bradando de lá...

—Independencia ou Morte! completou Sergio.

—Independencia ou Morte...repetiram todos, pesando as regias palavras, saboreando-lhes com orgulho a intimação, a ameaça do sentido que fazia lembrar ao carpinteiro o seu: «Ou arreda ou morre».

—De maneira que a guerra está hoje alastrada no Brasil todo, de norte a sul.

—E a gente aqui bem no meio da fogueira...

—P'ra matar ou morrer!

—P'ra vencer! emendou o carpinteiro.

A certeza de que em todas as partes do continente a mesma repulsa se offerecia aos inimigos corroborava-lhes a fé no triumpho.

—Está direito, disse Ezequiel; cada um manda em sua casa...Pedro, nós vamos tambem á Ponta, acclamar?...

—Hoje mesmo conto estar lá, mas a negocio meu...Calixto já se occupa nas lanchas que estão na querena; ha muita labutação na Ponta e a gente vem descendo dos outeiros. Vou lá e sem demora.

Deixou os camaradas, foi ao quartel e pouco depois passou pelas trincheiras o os fossos, a caminho para o povoado.

Mil curiosidades o levavam; mil pensamentos lhe salteavam o espirito. Com a nova da acclamação do principe no povoado, com a chegada do general estrangeiro que vinha batalhar pela causa, com a noticia do brado do Ypiranga, tudo lhe parecia marchar para o desenlace, não só da guerra, mas do drama sentimental em que elle particularmente andava envolvido. Iá agora com esperanças vagas de fortuitos e felizes encontros.

Vencendo a legua de caminho pela costa, não se detinha nem para ver as obras dos pontos intermediarios.

Ao avistar os primeiros tectos da Ponta das Baleias encontrou duas raparigas conhecidas que lá foram buscar trouxas de roupa e voltavam para as roças. Uma d'ellas perguntou-lhe, antes que elle a interrogasse:

—Como está Mercês?

—E eu sei, menina?

Desacoroçoou-o logo a pergunta.

Desde a entrada pelas Quintas começou a ver as ruas cobertas de moitas de coirana, de carrapateiras e capim, as casas fechadas, o alambique parado. Mas ouviu o matraquear do calafeto na praia de oéste e reanimou-se.

Passou pela casa de João Portuguez: estava fechada. Foi a sua casa, e pasmou.

Tinham-lhe forçado a porta; faltavam roupas e ferramentas; no meio da sala, a mesa quebrada e um travesseiro immundo. Em seus logares só estavam os bôlos e pandulhos de rêde e o estrado que era a cama de André.

Pedro coçou a cabeça, pregou a porta e sahiu a falar sósinho, quando lhe appareceu na

praia uma mulher alta e sacudida. Chamou-a, indo ao seu encontro.

—Maria Felippa! Está aqui?

—E d'aqui não saio mais.

—Viu meu pae André?

—Não. Quem esteve aqui com as barcas foi seu amigo João Portuguez, aquelle malvado... Quiz ir á roça de um patricio na Baixa do Balaustre, mas correu no meio do caminho, com medo dos roceiros. O meu consolo é que a mulher e a filha andam atôa...

—Por onde?

—Quem sabe!... Viu o senhor o que os demonios fizeram na igreja? E ainda voltam cá, *seu* Pedro?... O culpado é o senhor que não deixou Calixto amassar aquelle pé-de-chumbo...

Essas allusões e inconveniencias de Maria Felippa vexaram-no.

—Então fica?

—Já não lhe disse? O que eu queria era pegal-o, o pé-de-chumbo...

Despediu-se Pedro para regressar ás Amoreiras; mas antes de o fazer, procurou a praia opposta, com debil esperança de alcançar informações da sua gente.

O céo e o golfo ennegreciam. Os macêtes

ainda tamborilavam na querena dos barcos, atroando a Ponta das Baleias.

Começou a trovejar por longe. Esses varios rumores e estrondos creavam na atmosphera alguma cousa tão sinistra como os proprios echos da guerra. Os calafates ao serviço da defesa mourejavam sem attender á tormenta que vinha, nem ás perguntas do carpinteiro. Elle dissuadiu-se de novas tentativas, certo de que todas seriam baldadas.

Poz-se em marcha. Quando seguia pela Banda da Praia para as Quintas já era noite. Achou-se quasi envolvido na espiral de uma tromba aerea que passou arrancando telhas de casas e folhas de arvores, varrendo pó e cisco das ruas desertas. Uma trovoada formidavel canhoneava já toda a costa; quebravam-se coriscos por cima do cabeço do Balaustre, o outeiro da lenda vulcanica do pae André; o arvoredo zoava, as marêtas longas, monstruosas, avançavam, bramando e ameaçando vallas e trincheiras.

Depois começou a chover. Agua em cordas, tufões e novas descargas.

Em compensação, na manhã seguinte o céo appareceu limpo e suave, e a terra, com um frescor delicioso, convidava a enxada dos sapadores.

Pouco trabalharam.

A' certa hora soou o toque de reunir. O capitão Galvão surgiu montado e vestido com a farda azul de miliciano.

Uma pequena cavallaria chegava com os contingentes de todos os pontos de defesa do sul.

—E' a acclamação, espalhou-se logo nas barracas de palha e na enfermaria.

As ordens transmittidas á guarnição de Amoreiras eram rapidamente cumpridas.

Toda a gente que podia apresentar-se fardada formou, de bayonetas caladas, no descampado, em frente ao quartel, prompta para desfilar.

Os voluntarios partiram afoitos e alacres, como se já fossem definitivamente gosar os seus triumphos. O sol abrazador, terçando lanças de ouro no mar, era uma gloria. Desciam mulheres das ribanceiras verdes e floridas, correndo adeante dos voluntarios. Algumas se enfeitavam de folhas de canna-brava e com as flores alvas das piteiras que bordavam a costa.

Hora e meia depois faziam elles na povoação uma entrada ruidosa, entre alas de povo que acudira dos outeiros e invadia a igreja do Sacramento. Esperava-os ahi o resto do batalhão Cachoeirense. Encorporaram-se.

A alta fachada branca da igreja nova, com uma só torre, abria todas as portas. O timbre dos sinos acordava alegrias infantis na alma dos emigrados.

Viu-se passar o capitão Lima, calmo e silencioso. O templo encheu-se. Findou o repique. Depois cessaram na praia as pancadas de macete e o tan-tan das forjas, e a voz do padre começou a cantar no altar-mór.

As mulheres lavavam em prantos as suas ardentes orações.

Acabada a missa, marchou a tropa e foi postar-se na explanada da fortaleza. A's janellas da casa de ordens appareceram alguns officiaes, e o capitão Lima, entre elles, poz-se a ler a acta em que se dizia que os habitantes da ilha acclamavam defensor perpetuo do Brasil a sua alteza real o principe D. Pedro.

Finda a leitura, retumbaram vivas ao Principe Regente, ás provincias colligadas e á santa religião. Uma peça montada no largo salvou, a tropa desfilou de novo para os seus pontos, e o povo, regosijando-se, tomou por sua vez o caminho das praias e das roças onde se refugiava. Algumas familias mais animosas ficavam na Ponta. Lotes de mulheres e meninos acompanhavam o desfilar, cantando:

«Na cidade não se usa
Santo com seu resplandor,
Esta tropa lusitana
Olho viu e mão andou»...

A multidão respondia:

«Pois sim, pois não...
Havemos de comer
Marôtos com pão,
Dar-lhes uma surra
De bem cansanção,
Fazer as marôtas
Morrer de paixão».

Os rostos dos soldados perdiam a severidade e distendiam-se em risotas. O proprio capitão Galvão sorria, enfreiando o cavallo, que não cessava de caracolar, sobresaltado pelos estranhos toques de corneta.

Voltaram a Amoreiras e aos demais entrincheiramentos da costa, satisfeitos com o successo da acclamação, mas esperando como resposta infallivel o desforço do general Madeira.

A' noite, arranchados na costa, os soldados viram no horizonte, para noroeste, uma linha

extensa de luminarias. As casas da Banda da Praia, provisoriamente habitadas, lançavam na enseada reflexos de candeias e lanternas que faziam lembrar as noites accesas de S. João e S. Pedro.

Então os voluntarios de Amoreiras e de todos os pontos até a Barra Grande ajuntaram lenha e palha e formaram cordões de fogueiras. Prolongou-se por todas as praias de léste e sul uma illuminação estupenda. E ao farfalhar dos coqueiraes, das amoreiras e das ondas, tripudiavam os independentes, repetindo em volta dos fogos:

«Havemos de comer
Marôtos com pão,
Dar-lhes uma surra
De bem cansanção,
Fazer as marôtas
Morrer de paixão»...

XXV

MAIS FORTE QUE BERIBA

Ao romper da aurora duas sentinellas, passando junto aos reductos, deram pela presença de embarcações de guerra a pouca distancia de Santo Antonio dos Vallasques. Bradaram alarma, a corneta gritou e as barracas se esvasiaram instantaneamente.

Os navios se approximavam. Eram quinze canhoneiras, uma barca e um brigue, o *Audaz*, já conhecido pelas suas temiveis caças no littoral do Reconcavo. Esta flotilha navegou, reconhecendo os pontos até a fortaleza; dahi se fez ao largo e bordejou durante o dia, fóra do alcance das peças.

Na mesma noite um alferes evadido da capital chegava ao quartel de Amoreiras communicando que o general Madeira se indignara com o acto da acclamação e as luminarias, que elle considerava um extraordinario insulto.

Esperava-se pois alguma represalia, e effecti-

vamente, ás 6 horas da manhã seguinte, as canhoneiras rompiam fogo contra o Porto dos Santos. Respondido pela bateria do Manguinho, durou o tiroteio até as onze horas. As canhoneiras retiraram-se para a cidade sem nenhuma vantagem. Mas os soldados tinham perdido a tramontana. Quizeram embarcar em canôas e balieiras para ir fazer presas. Foi difficil contel-os.

As barcas continuaram a cruzar á vista da fortaleza.

O brigue *Audaz* reappareceu, dando caça a um barco de viveres que navegava para a foz do Paraguassú.

A raiva dos voluntarios transbordou em clamores impotentes.

Para cumulo, chegou de noite um official do presidio da Penha, dizendo que o postigrapho, com que lhes faziam signaes da capital, annunciara a approximação de onze vasos de guerra vindos do Reino com tropa.

E com effeito, doze horas depois, apenas encetado o trabalho nos pontos de defesa, começou a ribombar o canhão ao longe, salvando á entrada da esquadra.

Os voluntarios acudiram para a vasa, para a

ponta de S. João e para as assomadas do Balaustre. De lá dos cumes do outeiro, sobre o fantastico vulcão, criam sentir aos pés o bramar das furias subterraneas prestes a explodir.

Ao longe, fortalezas, armas de terra, navios de guerra confundiam detonações que passavam como um trovão continuo por cima das aguas da bahia e dos montes da ilha. Os soldados ouviam, assombrados de tanto fogo. Alguns tomaràm canôas e fóra da enseada foram ver melhor a espessura do fumo, rasgado de instante a instante pelos relampagos fulvos da artilharia lusitana.

Entre jocoso e serio observou um delles:

—P'ra que fomos cantar:

«Havemos de comer
«Marôtos com pão?

—Comidos vamos ser nós com o nosso proprio pirão.

Em certo momento Pedro contorceu-se agoniado. Ao formidando rebôo da salva elle sentiu a sua fraqueza e a fraqueza do mesquinho exercito de que fazia parte.

Descia do outeiro, attonita, uma procissão de

condemnados, que haviam perdido até a coragem de falar.

O sol no zenith aureolava o cimo do Balaustre com um diadema, que lhes parecia de escarneo. Sobre o baixio, a noroeste, o mar plano e chumbado parecia um pantano, um cadaver, sem um gesto, sem uma onda, sem um floco de espuma, debaixo de uma chuva de fogo.

Pedro não dava uma palavra. Sua alma estava como aquelle mar, quasi morta de espanto e desalento.

Encontrou na varzea André Avelino, que viera da Ponta das Baleias.

—Está ouvindo?...

—Deixe lá, não é desta feita, respondeu o camarada.

—Porque? Em que você se fia?

—Chegou o capitão Lima e trouxe petrechos para os barcos. A balieira de Calixto já está no mar. Vamos, vamos...deixe vir o Madeira; se elle é Ferrabraz ha de topar aqui com Oliveiros...

Pedro não respondeu mais.

Os outros camaradas perguntavam, ainda atordoados e cheios de duvidas:

—Estamos perdidos?

—Madeira, respondeu um delles, não está pôdre; está agora mais forte do que beriba.

—Cala-te p'ra ahi! gritou Pedro, indignado, não podendo tolerar essa confissão publica da superioridade do inimigo.

Nisto uma voz de mulher começou a gritar:

—Pedro Carpinteiro! Pedro Carpinteiro!

Elle avistou a mulher esvaida na sombra das mangueiras, ao fundo da enfermaria. Correu a ella e reconheceu a fula Joanna Soalheira.

—Que é! Donde vem?

—Da Boa-Vista.

—Só?

—Com uma companheira.

—Viu meu pae André?

—Não: vi Marcolina. Vinha commigo: depois se arrependeu e seguiu com um creoulo que ia á procura de seu pae.

—Ah! Então elle foi... E Santinha mais a filha?...

—De João Portuguez? Não sei nem quero saber... Agora, accrescentou Joanna Soalheira, fui á Ponta, mas tornei a sahir. Dizem que o Portuguez esteve lá escondido. A patrulha deu com elle e cahiu-lhe em cima; fugiu. Ah! se eu pego aquelle diabo!... Daqui vou p'ra roça do padre João

que aquillo na Ponta ainda não está seguro... Ouviu esses tiros? Quando é que se acaba com isso, Pedro?

—Vá-se embora; tenho o que fazer.

Tinha cessado a salva. Pelas praias galopavam agora cavalleiros em direcção oppostas, com recados e avisos para os diversos pontos. Subiam da vasa, gesticulando desvairadamente, lotes de pescadores. Extraordinaria agitação succedia á attitude estupefacta das guarnições.

O carpinteiro metteu-se no borborinho, estampando confiança, reanimado, dizendo comsigo:

—Vamos esperar pelo vaqueiro...

XXVI

O HERÓE DE PIRAJÁ

Dous voluntarios conversavam no interior de uma barraca de palha, alumiados por uma candeia de azeite. Acabavam de comer mariscos, e na esteira em que descansavam ainda se viam os cascos dos caranguejos e uma garrafa tombada entre as cuités vasias de farinha.

No mesmo chão duro e negro da barraca, sentados á turca sobre palmas de coqueiro, dous outros de semblantes morenos, barbas e cabellos horrivelmente crescidos, se divertiam a jogar o alguergue, ora rindo, ora praguejando e batendo forte com os arriozes numa taboa.

Era alta noite.

A um canto amontoavam-se mochilas, trouxas e molhos de grandes espingardas, com chapéos alcatroados nas pontas das bayonetas.

A espaços vibrava um grito lá fóra, no silencio roçagante da praia:

—Alerta, sentinella!

Cada vez que esse brado irrompia as mãos dos jogadores paravam no ar, todas as cabeças pulsavam e o silencio era mais largo e profundo.

Lourenço, um dos que acabavam de comer, pegou na garrafa quasi esgotada e disse:

—Vá lá o ultimo gole... á saude de quem vem beber o nosso sangue.

O companheiro, muito joven e ruivo, poz a mão na cabeça oblonga de cabello raso, negou-se a beber, e respondeu:

—Está caçoando?... Elles vêm e atiram balas até nos defuntos da Eminencia.

—Baleado estés tu, Marôtinho, acudiu, rindo-se, um dos jogadores.

Lourenço volveu-se para o canto, onde um creoulo marasmado, com o rosto comprido e murcho entre as palmas das mãos, quedava quasi esquecido. Riu-se como um palhaço, nem triste nem alegre, e gracejou:

—Estás ahi caladinho, Graúna? Eu tenho pena de ti... Nós vamos entrar na Ponta um dia destes, e tu? vaes direitinho p'ra a cidade de *Pés-juntos*.

Graúna ouviu sem pestanejar. Seus olhos duros, frios e abysmados, fitavam-se como fascinados por outro abysmo.

—Não parece até que elle já morreu?

—Psiu! fizeram os jogadores.

Nesse momento a porta da barraca cedeu e entraram dous homens da patrulha armados de fuzis. Um delles, de camisa branca e calças de saragoça preta, com um cinturão de couro e chapéo de palha breado, que luzia ao clarão da candeia, era Pedro Carpinteiro. Bateu com a coronha da espingarda no chão, e disse para Lourenço:

—Não bote a perder o menino.

Marôtinho vexou-se com esse tratamento de menino. Mas Lourenço, ainda surpreso da apparição do camarada, cujos trajos e feições davam a idéa de um bandoleiro, tinha empunhado a garrafa e dizia:

—Palavra! Se eu não pensei que era o Trinta-Diabos... o diabo me leve. E já estava de tiro feito.

—Se o Trinta-Diabos foi a Pirajá, aposto que está mais molle do que aquelle pobre Graúna...

—Porque? perguntaram os outros, admirados.

—Porque os pés-de-chumbo... não é graça, apanharam de Labatut, em Pirajá!

Pedro contou o ataque e a victoria: a tropa de Madeira saltando na praia de Itacaranha, en-

trando pelo Cabrito para a estrada de Pirajá; surprehendidas ahi, as avançadas brasileiras rompem fogo e o sustentam durante cinco horas, até o momento em que, exhaustas, as forças de Labatut vacillam, quando subitamente sôa um clarim, mandando: « Avançar! Degollar! » E os de Madeira fogem, debandando, perdendo armas e munições; e ficam no campo, de parte a parte, mais de duzentos homens por mortos e feridos.

Ouvindo isto, Ezequiel e o parceiro deixaram o jogo. José Marôtinho, que bebia as palavras do mestre, sentiu-se tonto de alegria. Era o primeiro encontro importante da campanha. Perguntaram ao carpinteiro:

—Como se soube?

—O capitão que lhes diga. Veiu parte...

Conservaram-se mudos, por alguns momentos, prolongando a sensação rara desse feito, tentando recompor os passos do recontro e invejando os felizes soldados d'aquelle campo de fogo.

Com pouca demora Pedro levou a espingarda ao hombro para sahir. Sahiram todos, excepto Lourenço que, depois de ouvil-os, cahiu na esteira a resonar.

As casas e barracas sussurravam na escuridão

do matto. O Cruzeiro rebrilhava no apice do seu caminho nevado. Ao murmurio da aguagem e dos coqueiros, cujas palmas soavam como castanholas, os voluntarios dirigiram-se lentamente para o rancho de João de Deus, a levar-lhe a noticia. Ezequiel, que scismava como os camaradas, murmurou então:

—Labatut... Labatut...

Era a palavra que todos ruminavam em silencio.

Depois um delles entrou a perguntar ingenuamente pelos traços, a côr, o porte, a estatura do general. Nenhum sabia de tudo isso senão vagamente: mas nesse vago suas imaginações trabalhavam, riscando os contornos de uma figura magica, assombrosa de força e valentia, semelhante a um d'aquelles heróes da lenda que elles conheciam pelo romance de Carlos Magno.

—Labatut!...

Que homem podia ser? Comparavam-no a tudo quanto sabiam grande, tumultuoso, irresistivel: ao mar e á tempestade, ao rochedo que esmigalha as ondas, ao tufão que rasga aceiros na matta, á trovoada e ao raio que decepa as torres e as longas palmeiras. Emprestavam-lhe fór-

mas tão gigantescas que mal puderam acreditar em João de Deus, quando este, que sabia um pouco de Labatut, lhes falou, igualmente encantado:

—Dizem que é como o nosso capitão, mais alto do que baixo, muito mais alto... e tem o cabello da côr de um bronze... O rosto, todo limpo, parece que verte sangue e fogo...

—Sangue e fogo!...

—Veiu do Rio?

—Veiu; mas é de França.

—Ah! de França...

Era exactamente da patria dos Doze Pares que lhes offereciam os modelos de heroismo.

Então lembrou ao carpinteiro o quarteto de uma canção em voga:

«Labatut jurou a Pedro,
«Quando lhe beijou a mão...

—O que elle jurou cumpre, disseram todos, interrompendo-o.

—Sim, já lá começou... Agora esperemos nós o repiquete.

No rancho de João de Deus ficaram o resto da noite a falar e a sonhar. Sonhavam mesmo

acordados, emquanto a bahia ondeava á sombra do céo picado de estrellas. A seus ouvidos repercutia sempre aquelle toque de clarim mandando: «Avançar! Degollar!»

E viam o general extranhamente envolto em relampagos e fumo, como certa visão divina de que algumas vezes falara na igreja do Sacramento o velho padre João da Costa.

XXVII

CANÔAS DE PRESA

Pela madrugada, voltando á sua barraca, Pedro e Marôtinho acharam Graúna morto, junto de Lourenço, que ainda dormia, soltando roncos de giboia. Enrolaram o defunto numa esteira e ao amanhecer partiram para o cemiterio, na praia de Santo Antonio dos Vallasques, onde já dormiam outros que do mesmo modo deram baixa do serviço.

Ao regressar, trilhando a areia, o cascalho e as pedras, sob um sol de brasa que fazia crepitar o golfo coberto de escamas de ouro, perceberam ao norte a véla de um navio.

No Porto dos Santos souberam que havia falta de viveres. Era de recear um jejum, porque a guarnição da ilha orçava já por uns tres mil homens, que consumiam trezentos alqueires de farinha por semana. Entretanto, sentiam-se fortes e audazes com o estimulo da victoria de Pirajá.

A certa altura, Pedro parou e disse, com os olhos no mar:

—Vejam... é um brigue.

A viração impellia depressa o navio lusitano.

—E' o *Audaz!* gritou; e vem caçando um saveiro.

Apressaram-se, indignados, para o ponto de Amoreiras, observando sempre o rumo do brigue.—E aquelle pirata não ia a pique!... Chegavam a extranhar a tolerancia das aguas amigas que não tinham coleras para o barco inimigo.

Em Amoreiras Pedro ainda reflectiu:

—Será alguma mensagem que o saveiro traz do Reconcavo?

E de subito lhe acudiu uma idéa:

—Vamos tomal-o!

—E o capitão? ponderou Lourenço.

—Está na Ponta: vi-o partir a cavallo.

—Então, está decidido.

A' revelia do capitão resolveu-se o apresamento.

Não havia tempo a perder. Correram aos fuzis e aos facões, depois ás canôas. Sahiram á vela, vento feito. A praia ficava como um formigueiro.

O brigue navegava para léste, com o saveiro a reboque.

Quando os tripulantes deram pelas canôas,

tinham-nas já nas suas aguas. Houve a bordo um como movimento para aprisional-as. Não eram presa facil. A canôa de Pedro, rapida e fugaz como a enguia, executou a primeira volta; na segunda passou pela pôpa do saveiro, a que atracou. Foi então que os do brigue lhe conheceram a intenção. Moveram-se lá em cima homens armados de croques e espingardas, e os tiros estalaram de parte a parte.

Emquanto atiravam, dous voluntarios, ganhando a prôa do saveiro, cortaram a sirga. O reboliço augmentou. Novos tiros se trocaram. Cahiram feridos na canôa e no brigue. Mas o vento levava o *Audaz*. Poz-se distancia entre ambos.

A canôa já voltava, rebocando o saveiro.

Quando retomaram a praia de Amoreiras houve um clamor de alegria e saudações a punhadas.

Lourenço golfava sangue, com uma bala no peito. Pedro reconheceu-se ferido na espadua; Marôtinho num braço. Transportaram Lourenço para a enfermaria e ahi ficaram todos os feridos em tratamento.

Mais tarde, chegando da fortaleza e sabendo

do occorrido, o capitão Galvão entrou na enfermaria e perguntou:

—Quem foi?...

—Fui eu, capitão.

Barros Galvão estudou a cabeça redonda, a face de bronze pallido, os olhos ardentes do carpinteiro, cujo hombro suspenso e atado por ligaduras mostrava a rigidez dos musculos. Depois de o contemplar, disse com emphase:

—Devias ter apresado o brigue, sargento Pedro!

Sargento, elle!... Nunca lhe passara pela mente ser mais do que um soldado; nem comprehendia a necessidade de graduações na tropa. Queria ser simples soldado de um chefe que lhe não tolhesse a liberdade de acção. Isso bastava-lhe.

Na mesma tarde Lourenço expirou e foi, enrolado numa esteira, habitar com Graúna a cidade de *Pés-juntos*.

Começaram a tratar o carpinteiro por Sargento Pedro. Elle, porém, respondia:

—Se nem farda tenho para pregar as divisas...

Não havia funcções para elle no quartel, e quando as houvesse, preferiria sempre o seu logar na bateria, a umas dez braças da praia.

XXVIII

TIROTEIOS NO MAR

Ahi numa barraca de pannos de canôa foi achal-o, com a ferida já cicatrizada, o balieiro Calixto, que tripudiava de contentamento.

—Os barquinhos não tardam a sahir, disse Calixto; agora é que é a dansa. O do Lima está prompto, com uma peça na prôa, e baptisado. Sabe que nome recebeu?—*Pedro I* ...

—Quem é o mestre?

—Eu. Espera-se de Cachoeira o tenente Bottas, que é outro como o nosso capitão. Se vier amanhã, ha barcos de mantimentos fundeados na Ponta... Havemos de seguir para Cotegipe. Só tenho medo deste tempo.

Anoiteceu, e o trovão roncava a noroeste. Pedro ficou na barraca junto á bateria, donde avistava a bahia arfando cada vez mais. Ouvindo e respondendo a Calixto, pensava ao mesmo tempo no vaqueiro Angelo, que nunca voltava do centro da ilha. Suppunha-se mystificado.

Desfez-se a trovoada, mas um furacão de no-

roeste começou a varrer o golfo. Ao clarão da lua, de uma pallidez outonal, púlavam, bramindo no baixio, as marêtas semelhantes a urcos marinhos, emquanto ao sul o mar se enrolava e desenrolava como um manto escuro, cujas fimbrias se iam rasgar nas arestas do penedo de S. João.

As previsões de Calixto realizaram-se. O tenente Bottas chegou, guarneceu o *Pedro I* e partiu de manhã, comboiando dezoito barcos de mantimentos. As guarnições de Amoreiras até Manguinho deram logo vista dos brigues a léste da bahia. Acompanharam o rumo da flotilha e em breve se convenceram de que ia dar-se um encontro.

Toda a praia se cobriu de espectadores.

Eram onze horas.

O mar plano sorria a uma viração mareira. Os transportes adeantavam-se para o Reconcavo. O *Pedro I* seguia-os.

No meio do canal marchou com toda a força de véla e barlaventeou-se, tomando posição de defesa.

O vento variou; tornou-se alto.

Algum tempo depois, a esquadrilha inimiga

approximava-se e os soldados de terra, arquejantes, gritavam:

—O *Audaz!*

Vinham com este mais tres barcas, uma escuna, oito canhoneiras e varios lanchões. A inquietação dos voluntarios subiu ao extremo.

—Perdidos? interrogavam.

Seus pés batiam na praia como pilões.

Galvão passou a cavallo, como uma flecha, para a Ponta das Baleias.

O *Audaz* tomou a frente, alcançado a breve trecho por outro vaso, que os voluntarios reconheceram ser o *Promptidão.* Deram mais força á véla, e em seguida um tiro.

Então do *Pedro I* rompeu o fogo, que destruiu logo o mastaréo de um dos navios.

Prorompeu clamor na praia.

Preseguido d'ahi em deante pelos tiros das canhoneiras, o barco de Bottas arribou e lançou da sua peça alguns disparos. Immediatamente deu a véla ao vento e navegou. Tornando a arribar, enviou dous tiros certeiros ao *Promptidão,* que navegava nas suas aguas. O resto da esquadrilha desfazia-se em balas.

Os voluntarios surprehendiam nas manchas de

fumo as manobras de Bottas e as evoluções do inimigo. Perplexos, magnetizados pelo tremendo espectaculo, provavam todas as commoções, da grande alegria ao terror profundo que faz emmudecer.

A caça proseguiu ao som dos canhões, e durou até que os barcos de mantimentos se aterraram.

—Salvos! gritou a gente de Amoreiras.

Os brigues caçaram então com redobrado furor o *Pedro I*, que de vez em quando dava fogo. Alcançaram por sua vez a embocadura do rio. Mas ahi sahiu do seu silencio a artilharia dos pontos fortificados do Reconcavo.

—Salvos! repetiram os praianos, da costa da ilha.

A esquadrilha lusitana virava de bordo. O fumo desdobrava-se, empanando o esmalte azul e ouro das ondas.

Toda a praia urrou de enthusiasmo. Os pescadores corriam, delirando; suas bocas uivavam como os buzios por onde encana o sopro da tempestade.

A façanha de Bottas e a fortuna de Calixto eram agora invejadas pelos de terra. Todos queriam tripular o barco. João de Deus dizia:

—Lá é que eu devia estar; eu sou homem do mar.

Mais de cem bocas repetiram essas palavras.

Havia embarcações, mas faltava artilharia. O capitão Lima viajava para o sul em busca de petrechos. E a esquadrilha de Madeira não deixava as angras e os canaes.

—Elles têm fome, diziam com satisfação os voluntarios.

Isso foi confirmado por communicações secretas da capital. A cidade carecia de viveres; o reforço de tropas vindas do Reino aggravara a crise dos alimentos. Os brigues eram forçados a cruzar. E continuaram a fazel-o.

Bottas olhava os bordos da esquadrilha de Madeira, com impetos de atacal-a. Era, porém, contido pelo capitão Lima, que ponderava não haver necessidade de aventurar. Mas os brigues teimosos vinham sempre excitar os brios ao tenente.

Este affrontou-se tanto que, uma manhã, fazia apenas quinze dias que déra combate, vendo em plena bahia as canhoneiras inimigas, fez içar a véla do barco e partiu.

—Loucura! disseram os capitães.

Mas a guerra se fazia a conta de cada qual.

O *Pedro I* proejou á esquadrilha lusitana e os soldados da costa correram ás praias, vendo-o approximar-se do *Audaz* e de uma canhoneira, que d'alli a pouco lhe offerecia o costado a despejar as baterias.

O barco respondeu com a sua unica peça de rodizio; as outras canhoneiras fizeram-lhe fogo.

Perdiam-se os tiros. Mas o barco foi cercado. O povo em terra socava a areia e soltava uivos de agonia. O *Pedro I* já não dava tiros; virava, arribava, tentando fugir.

De repente echoaram novos estampidos. Viram-no executar uma volta e aproar á terra. Parecia impossivel! Entre bulcões de fumaça, acossado de balas, o barco triumphante vinha abrigar-se á costa guarnecida e fortificada da ilha.

Os soldados de Amoreiras e Manguinho correram ás baterias para protegel-o. O *Pedro I* arreou os pannos, e os brigues afastaram-se da costa.

—Levem a Madeira esta resposta dos *caibras,* disse o sargento.

Momentos depois saltava o mestre Calixto, numa canôa, e dirigia-se ao sargento Pedro e aos camaradas com extrema exaltação, a argolinha a luzir-lhe na orelha:

—Perdemos um homem, mas aqui estamos!

—Um homem! Quem foi?!

—Sambeiro.

—Zacharias Sambeiro?...Estava a bordo?!

—Era o nosso bota-fogo. Os tiros de lá e de cá pocavam, a fumaça encobriu tudo, uma canhoneira vinha nos agarrar e abordava-nos se não é Sambeiro, que pegou num fuzil e fez fogo nos marujos... Mas Sambeiro, mal disparou o fuzil, recebeu um tiro e cahiu no mar. Nisto o leme trabalhou e ganhamos distancia, virando de bordo...Viva o tenente João Bottas!...

—Viva! respondeu a soldadesca, e dispersou-se deixando o sargento Pedro attonito, espantado pelo extranho destino e mais extranho caracter d'aquelle Zacharias, seu rival, a quem tantas vezes lançara o labéo de covarde.

XXIX

VIGILIA DE GUERRA

Vendo a flotilha de barcos e balieiras derramar-se pela bahia a perseguir os brigues lusitanos, a guarnição das praias activava o trabalho nas trincheiras e estradas falsas que o capitão Galvão mandara abrir. Mais de setecentos homens guarneciam essas embarcações, convertidas algumas em bombardeiras e lanchas de abordagem.

Realizavam-se todos os sonhos de Calixto e André Avelino.

Que de vezes, a bordo dos barcos artilhados, contemplando a ilha e seu espinhaço de esmeralda, ou o cabeço do Balaustre que o sol tornava mais ruivo, não lastimavam a situação dos camaradas retidos na costa, emquanto elles, sob o commando de João Bottas, faziam evoluções, exercicios de marcha, de caça, de fuga e combate, formando angulos e parallelos, furtando o vento uns aos outros, pondo-se de travez, virando de bordo com as amuras chegadas...

E Pedro, insoffrido, assistindo aos tiroteios que rompiam frequentemente no mar, lembrava-se das noites de verão em casa do pae, quando Calixto fazia tremer as boas mulheres com as suas idéas bellicosas de arrancar as peças dos velhos reductos hollandezes para collocal-as á prôa das balieiras.

E agora as mulheres chegavam aos bandos do interior da ilha e, misturando-se nos ranchos com os soldados, confiavam no futuro.

—Não vêm mais cá, os pés-de-chumbo.

Pedro repetia-lhes sempre:

—Vêm, nem que esta praia estivesse coberta de fortalezas...

Mas tambem confiava.

Os barcos já subiam a nove. Já o *Presa*, em que se embarcara André Avelino, com o *Pedro I*, o *Vinte e Cinco de Junho* e o *Villa de S. Francisco* tinham apresado uma canhoneira inimiga tomando-lhe saccos de polvora, lanternetas e fuzis.

Lima conseguia mais armas e polvora.

As aguas, sulcadas até então pela quilha dos brigues e escunas, eram percorridas pela flotilha improvisada que não lhes dava quartel.

Os comboios seguiam para o Reconcavo sem

mais obstaculo; o conselho governativo regosijava-se.

Nas campinas de Cabrito e Pirajá o general Labatut disciplinava e aguerria o Exercito Pacificador.

E nas horas de folga os pescadores armados, contentes na sua penuria extrema de roupas, comendo o fructo dos coqueiros, das jaqueiras e mangueiras que o bom tempo sazonava, entregavam-se com as mulheres á doce evocação das suas folias e *cheganças* da Ponta das Baleias.

Era exactamente em principio de janeiro; era o dia de Reis. A praia esplendia de luz e cheirava a flores de cajueiro e mangueira. Aos fundos da casa da enfermaria, á larga sombra do arvoredo, sobre as ervas e os fetos macios, um rancho de homens e mulheres, pardos, fulos, brancos, trigueiros e creoulos, cantava e applaudia o velho cabo de esquadra Bartholomeu, que fazia de pilôto na *chegança*.

Bartholomeu, preto, de carapinha enfarinhada, gingou sobre as longas pernas, com uma bayoneta enferrujada na mão, e dirigiu-se a um mestiço possante e barbado, convidando-o a receber o baptismo.

«Entrega-te, rei mouro,
«A' nossa religião...

João de Deus, rei mouro, de barbas encaracoladas, coroado por um flammante carapuço de baeta, resistia, entoando:

«Entregar-me não pretendo
No meio de tanta gente;
Eu sou filho da Turquia,
Tenho fama de valente».

Os marujos intervinham, movendo-se aos bordos, cantando e brandindo velhas bayonetas, galhos de arvore e pedaços de pau que fingiam ser espadas.

Esta parodia causava prazer e creava illusões de paz que refaziam, naquelles fugitivos momentos, um longo e tranquillo passado.

A cantoria dos foliões tinha chamado mais voluntarios ao fundo do quartel. Estes juntaram-se á marujada da farça, atacando o mouro obstinado, contra o qual investia de frente o piloto esbaforido, numa raiva sublime de conversão.

«Entrega-te, rei mouro...

O rei mouro resistia sempre.

Quando ia a lucta neste passo, appareceu o sargento Pedro que, avistando no grupo Joanna Soalheira, correu e perguntou-lhe:

—Ainda está na roça do padre João?

—Estou, mas vou chegando para a Ponta...

—Soube de pae André?

Ella deteve-o com a mão espalmada.

—Espere... espere...

O rei mouro tinha cahido a um golpe de espada do christianissimo piloto. Prostrado, supplicava humildemente que lhe trouxessem um padre. Chega o capellão de bordo.

«Senhor padre, me confesse,
«Que eu sou filho do peccado...

E' confessado e baptisado solennemente o «filho da Turquia».

Alcançado o brilhante successo, a maruja victoriosa já se retirava em busca de novas conquistas, e Joanna Soalheira juntava a sua voz de gaita ao côro da *chegança*:

«Nau-fragata, nau-fragata,
«Marcha para a guerra.

Este canto foi subitamente cortado por um toque de corneta...

Fez-se silencio.

A corneta, vibrante, insistente, repetiu o grito de rebate.

Pasmo geral, consultas sem palavras, gestos preságos.

Os voluntarios balançaram ainda, como grossa onda banzeira, e deitaram a correr para as praias.

Ahi já estava o sargento Pedro, a quem José Marôtinho acabava de annunciar, com emoção:

—Vêm brigues, mestre...E elles são muitos!

Muitos, sim: como nunca se aventuraram para, áquem da barra e da meia travessa.

Havia um tremor na propria fala dos que annunciavam com mais audacia:

—E' chegado o dia!

Toda a guarnição, sobresaltada, se estendia no areal prateado, olhando para a banda de léste para as aguas do golfo que o vento fresco e sibilante escamava e onde a tarde reflectia o seu azul finamente dourado.

O tumulto de vozes cresceu; a ameaça excedia todas as situações passadas.

As mulheres mais intrepidas, que até então

haviam resistido aos perigos das balas, mal divisavam a longinqua procissão de terror, com as suas velas claras desfraldadas, enfiavam pelo matto com o credo na boca.

Procurava-se Galvão. Viam-se vultos que desciam do Manguinho e outros que galgavam as alturas do Balaustre para melhor observar a marcha da frota inimiga.

Pedro retrocedia para o quartel, quando o capitão, sahindo, ordenou:

—Monte e siga-me.

Partiram ambos a galope furioso para a Ponta das Baleias, deixando as baterias guardadas pelo cadete instructor e os artilheiros, e a praia enxameada de cabeças tontas que mal attendiam ás ordens dos superiores.

Nos pontos intermediarios a mesma effervescencia, os mesmos gritos:

—São trinta!...

—São quarenta!...

Fossem mil. Galvão sem interromper a corrida, ia lançando ordens aos officiaes.

Vencido o primeiro chanfro da enseada, Pedro olhou para traz e tornou a ver...Não era uma esquadrilha, era uma esquadra formidavel. Mas a vertigem do galope levava-lhe tambem a alma

por ares e ventos; parecia-lhe que já ia ao encontro do inimigo para o fim desejado e inevitavel: o triumpho ou a morte.

E seu cavallo voava, emparelhado com o do chefe.

Na povoação reinava o mesmo delirio de curiosidade. Soldados e mulheres corriam para o pontal, d'ahi contando as velas da armada que, favorecida pelo vento, singrava com velocidade.

O povo fantasiava e temia as surpresas de uma aggressão nocturna. Ah! esse combate em plenas trevas, que lhe inspirava o terror da madrugada de julho...

O capitão Lima, já governador militar da ilha, estava na plataforma de S. Lourenço, com o commandante da fortaleza, revistando as baterias. Quando Galvão approximou-se, elle calculava o poder da sua flotilha abrigada sob os muros.

Conferenciaram. Galvão deu conta das forças em operações.

—São cerca de dous mil e quatrocentos homens da ilha e novecentos de fóra. Ao todo tres mil duzentos e sessenta combatentes, divididos pela flotilha e pelos vinte e um pontos de defesa da costa e contra-costa...

—Inclusive as praças do batalhão Cachoeirense, que se acham aqui?

—Sim, e mais as praças dos regimentos de Valença, da Lage e de Nazareth.

—Bem, respondeu Lima. Agora vejamos o estado dos reductos.

Volveram-se muitas vezes para a esquadra inimiga em marcha e para as reintrancias da costa. Seus gestos animaram-se mais. Acabavam de chegar á fortaleza os patriotas de Valença, de Nazareth e Cachoeira.

De repente os dous capitães, lançando as vistas para a contra-costa, onde espigava o outeiro do Mocambo com uma peça montada, fizeram signaes de urgencia. Precipitadamente vieram para o sargento e, dando ordens, sahiram com os patriotas.

Entre a fortaleza e o Mocambo todo o littoral estava desguarnecido.

Começou uma vertiginosa faina ao longo da praia dos estaleiros e forjas: peças tiradas a braço e corda por falta de carretas, pedras e pazadas de areia que se amontoavam, fossos cavados á pressa, taboas e couçoeiras arrastadas para o varadouro. Os soldados, semi-nús, corriam, mourejavam a perder o folego.

Fechou-se a noite. Noite serena e calma, em que repercutiam os estrondos das obras de defesa.

O trabalho proseguia á luz de archotes e fogos de alcatrão, no meio de um rumor assombrado e afflictivo de voluntarios que temiam não vencer a tarefa, de mulheres que vagavam desalentadas aos bandos, de piquetes que iam e vinham, de patrulhas que se apressavam para os portos. Algumas dessas mulheres ajudavam os soldados a fazer tranças de estopa e a encher cartuchos. Outras, apavoradas pelo sinistro dessa vigilia sob as armas, fugiam para o matto.

A bordo dos barcos o mesmo afan.

Na praia opposta labutavam homens a cavar, a abrir fendas nas portas das casas, a ensaiar pontarias detraz dos ossos de baleia dos cercados.

Ahi viu Pedro varios pescadores armados de enxada e Maria Felippa a sacudir um facho acceso. Como um d'elles gracejasse, num tom mais funesto que cynico:

—Estou cavando a minha cova...

—Cava, mas não p'ra ti... respondeu a mulheraça, atiçando o facho.

Nisto passaram espavoridas mais mulheres e creanças. Chegaram-se ao clarão do archote. Anciavam, mostrando pharoletes no mar, e diziam que a esquadra, na altura de Amoreiras, ia fazer fogo.

Mas a vigilia tornou-se verdadeiramente tragica, quando sobre os echos das machadadas e golpes de enxada, dos baques das pedras e madeiras arrastadas para a praia, começou a estrugir na atmosphera do pontal um alto clamor de kyries que partia de ao pé da cruz e do nicho da Piedade.

O povo, nas agonias da coragem e da esperança, havia accendido a lampada do nicho e lá deprecava novamente:

—« Senhor Deus, misericordia! »

—« Senhor Deus, misericordia! »

Pedro procurava Sergio e não o achava. Tornou á fortaleza, onde já encontrou o seu capitão com o pé no estribo.

Montou e seguiu-o.

Pela costa acima era igual borborinho de voluntarios que, ao lume das estrellas, cobriam os fojos com extensas rêdes, folhas e sargaços, emquanto as sentinellas e patrulhas, descendo até á vasa, espreitavam os capuzes das ondas e as trevas que sua imaginação corporisava, soprando-lhes vida e emprestando-lhes traças de inimigos.

Assim passava essa noite de febre e pesadellos, de impaciencias e agonias, de terrores e preces na estreita lingua de terra que nunca as tempestades envolveram de tanto assombro.

XXX

O COMBATE

Ao amanhecer, a esquadra do general Madeira, superior a quarenta vasos, appareceu disposta em duas linhas: uma se estendia de Amoreiras até o *Convento*; a outra, na contra-costa, partia do *Contrato* e prolongava-se até o Mocambo. Formavam assim um angulo, cujo vertice era a fortaleza de S. Lourenço.

Os barcos da flotilha, conchegados com a terra, sumiam-se como exiguas tartarugas num circulo de cachalotes e baleias.

Extranho e mysterioso silencio reinava nas praias quasi desertas, apenas transitadas por algum raro official que passava a cavallo, fugazmente, á ourela do mar, ou pelas sombras dos galeirões e andorinhas que, papeando, cahiam como balas da atmosphera cheia de luz, estremecida pela brisa fresca do norte.

Junto ás baterias do littoral, pequenas turmas de voluntarios se conservavam retrahidas, como em tocaia.

Rumores abafados sahiam detraz do matto marginal, das estacadas de coqueiros, dos mangues, das trincheiras e dos fundos dos vallos.

Mas a praia continuava silenciosa.

Ouvia-se o murmurio discreto das pequenas ondas no cascalho e o flabellar dos coqueiros, cujas palmas verdes, de um frescor insidioso, chamavam os inimigos como mãos de gigantes. Fóra desses acenos nenhuma vida se accusava.

Dir-se-ia a costa de um rochedo só habitado por aves do oceano.

A custo quem a observasse de largo descobriria sobre as terras cégas de algumas quebradas, entre as moitas e os barrancos dos outeiros, um ou outro vulto incerto que depressa desapparecia.

O golfo brilhava em todo o seu vasto ambito, com reflexos moveis de espelhos.

Com o sol pouco acima do horizonte, Barros Galvão sahiu do quartel de Amoreiras, montou em seu cavallo russo crinalvo e desceu á bateria. Ao contacto do ar ainda fresco, tinha as mãos e o rosto coloridos de purpura; a farda de miliciano azul-ferrete, agaloada de prata, apertava-lhe o peito amplo. Deu um lance d'olhos

á barraca onde se escondia o paiol, repetiu algumas ordens, olhou para a linha dos vasos inimigos e passava ás trincheiras, quando uma barca e um lanchão, destacando-se da esquadra, se approximaram a reconhecer os pontos.

A barca passou a defrontar os muros da fortaleza. Dahi partiu o primeiro tiro. Um novelão de fumaça bailou no ar, espargiu-se, apagou-se. A esquadra não respondeu.

As lanchas recolheram-se á linha, e a espectativa durou uma eternidade.

Só uma hora depois decidiu-se o inimigo a atacar.

De varredouras entumecidas, a esquadra poz-se em marcha, evitando a *corôa* de noroeste que o refluxo começava a descobrir, como a offerecer uma ponte aos atacantes.

Pedro, perfilado na bateria, viu o capitão descer ao friso d'agua e repentinamente subir, a articular palavras curtas e rapidas.

Depois nada mais ouviu, nada mais viu senão rochedos que andavam, fortalezas embandeiradas, que se moviam para a Ponta fragil, azas brancas de enormes rapineiros a voar pesadamente sobre as ondas.—Seria elle uma presa que tambem voaria, mas nas suas garras, para

a morte?... E o pontal resistiria acaso ao choque d'aquelles penedos de ferro que não tardariam chover? Iria reproduzir-se o velho cataclysmo de que tanto falava o pae André?...

Brigues, escunas, barcas, fragatas e corvetas, corriam em bordos lentos por entre o fulgor azul do espaço.—Romaria tremenda!...

E pelo espirito do sargento Pedro atravessaram as imagens dolorosas do velho pescador, de Mercês, de Manoela, de tantos mais que talvez nem chegariam a ver o seu cadaver mutilado entre os restos sangrentos da hecatombe...

Cahiu num sonho horrivel, de que só despertou ao ribombar estupendo dos tiros.

A artilharia de bordo começava a entoar o mais terrivel canto de guerra que jamais ouviram as praias e collinas da ilha e jamais repetiram os echos dos seus boqueirões. Do Balaustre á Eminencia, do pontal ao Mocambo, o angulo de fogo soava com fremitos, lampejos e silvos de ferro. Uma mortalha negra de fumo se estendia pelo céo; rasgava-se aqui, emendava-se acolá.

Barros Galvão proclamou rapidamente:

—Soldados da Independencia! Meus patricios! O inimigo quer expulsar-nos desta terra onde

nascemos, e apoderar-se d'ella para trucidar com as nossas proprias armas a Bahia e o Brasil independente! Juremos perante o céo que elle só pisará n'estas praias quando não restar mais de pé nem um de nós... Juremos, camaradas, pela nossa honra, que havemos de ser fieis á divisa do batalhão expedicionario: vencer ou morrer!... Viva o Principe Regente!

Uma procella de acclamações trovoou ao longo da costa.

Então, ao grito da corneta que se fez ouvir na praia, Pedro mandou tocar a trança abrazada no ouvido da sua peça. Toda a costa reboou numa escala de estampidos, que a bateria da fortaleza de S. Lourenço dominava com as suas dezeseis bôcas. Os echos se fundiam sobre os montes, as balas do mar batiam na areia, o fumo nascia em jorros negros, dilatando-se.

Na bateria de Pedro já os serventes, por algum tempo mudos de commoção, atinavam com as vozes do officio. «O soquete!... A trança!... Vá!...» A peça juntava o estrondo aos longinquos trovões da esquadra e da flotilha. E pouco a pouco o ronco dos outeiros, que pareciam ter alma e gemer, deixou de abalar o coração do sargento. Não o affligiam mais reminiscencias de

amor nem cuidados da vida. Tornava a possuir a força calma do seu ser, indifferente ás balas que lhe cahiam em torno: as mãos negras, o rosto negro de polvora, o braço em movimentos certos, jogando o soquete como girava o trado no madeiro dos barcos.

Já durava horas o combate e se não havia mortos em terra, não havia esperança de victoria tão cedo.

No meio dessa lucta sem praso, foi a guarnição de Amoreiras surprehendida pelo salto de um cavallo que esbarrou na praia, junto ao capitão Galvão. Era o ajudante do governador da ilha, que chegava annunciando o que passava nas praias e aguas de oeste.

—A *Vovó* destroçada!... Um brigue encalhado no baixio do Mocambo... Bottas ataca-o...

A espada estremecia no punho de Galvão. A *Vovó* era uma das maiores barcas de guerra dos lusitanos.

No mar, na fortaleza, ao longo da costa e da contra-costa, as boccas de fogo continuavam a troar...

XXXI

AS MULHERES GUERREIRAS

Na rocinha do padre João, perto do Areal, havia-se arranchado poucos dias antes um grupo de refugiados, que descera da matta da Boa-Vista num carro de bois do Engenho.

Era André com a sua caseira Manoela e a moça Mercês, a quem o velho dispensava carinhos de avô.

O pescador, arrimado a um cacête, chegou á porta da palhoça e demorou-se ahi com a cabeça a espreita, os olhos escrutadores, um ar desconfiado, a farejar os mattos e as sombras das arvores. Viu á distancia, com os braços erguidos para a folhagem miuda de uma mangabeira, a moça branca, vestida no seu unico jaleco e sua pobre saia transparente e alva, a poder de lavagens; viu do outro lado a caseira que vinha da fonte com um pote d'agua ao hombro. A esta perguntou, resabiado:

—Que soube, tia Manoela?

—Padre João foi p' ra igreja com o povo e ainda não voltou, respondeu a creoula.

André arriscou alguns passos mais para o terreiro e estirou-se, como um lagarto, á luz do sol, que já accendia estrellinhas na areia branca do Areal.

Os passarinhos chilravam e as poçassús gemiam na capoeira.

Elle atirou para longe, sem appetite, uma folha de tayoba cheia de mangabas maduras, que tanto saboreava. O cheiro das mangas da estação causou-lhe igual enjôo.

Momentos depois, ouviu tanger muito longe e suave o sino do Sacramento. Poz os olhos no céo, a suspirar; mas desviou-os logo, em sobresalto. Agitou-se, tentou levantar-se, sacudindo os braços e a cabeça, como se fôra assaltado por um enxame de maribondos...

Eram descargas de artilharia que retumbavam, umas sobre outras, pelas varzeas e encostas dos montes, explodindo ao norte, ao nascente, ao poente, em toda a parte, e desdobrando-se em tombos e echos de trovoada secca.

Tropego, aloucado, o velho entrou no rancho, tapando os ouvidos. Tia Manoela tremelicava,

deixando entornar a agua do pote. Tinha perdido a fala.

André voltou-se para o terreiro. Ouviu gritos, clamor, tumulto de gente a correr. Poz-se tambem a gritar:

—A moça!...a moça!...Onde está a moça?...

Ninguem respondia. Elle debateu-se atordoado, lançou fóra o pau e deixou-se cahir, bufando de raiva e dor...

Atraz das mulheres, que se atiravam debandadamente pelos mattos, corria Mercês, ignorando a que sitio a arrastavam aquellas loucas.

Que não fugiam, que antes pareciam correr ao encontro do perigo, isto percebera desde as primeiras detonações, porque nenhuma penetrava as capoeiras e os cipoaes, como na manhã do assalto. Não iam pela varzea, para o lado da lagôa; voavam ás estradas, pisando espinhos, trilhando a areia ardente, em busca das ribanceiras da costa.—Corriam para o fogo? Que iam lá fazer? Lançavam-se, talvez, como a cobra que salta ao facho do roceiro, para apagal-o.

Nas suas pegadas voou tambem Mercês, quasi demente.

Deixára atraz de si a campina do pasto, o relvado, o arvoredo, as moitas de ayrús.

Cahia nos fundos areaes, onde as folhas lixentas do cajueiro bravo lhe roçavam as faces e o lençol do pó crystalino e faiscante lhe escurecia os olhos.

Alcançou as mulheres; enlouquecida como ellas, juntou-se ao bando.

Era no meio do campo: um agudo estrepe lhe picou a planta do pé descalço. Ajoelhou-se, arquejando, a cabeça núa, queimada por uma corôa de fogo. E a turba se afastou depressa.

Levantou-se, recomeçou a corrida, sósinha, desorientada. Não se lembrava nem de André nem de Manoela. De nada se lembrava. Um sopro de fornalha rugia na sua velha saia alvacenta.

Parecia uma ave perdida do bando, a pomba parary que abala do sertão sem agua, pelo céo de aço, até morrer com o bico cravado na casca de uma arvore sem folhas.

O fragor dos tiros redobrava proximo ás collinas e nuvens baixas rolavam, desgrenhando-se nas palmas dos coqueiros e nas copas das mangueiras, que pareciam fumegar.

Mercês topou-se ao pé de um monte, sem vista e sem tino, com a visão confusa das mulheres, para cujas vozes já não tinha ouvidos. Que-

ria pensar e desatinava, suando, offegando. Fugir? Porque não fugir? Que curiosidade fatal a arrebatava?... Quem a chamava áquelles sitios perigosos? Era o pae?...Era Pedro?

Vislumbrou no alto do outeiro as roupas das outras mulheres e poz-se a subir, aos galões, como uma ovelha tangida, deixando sangue dos pés nos cardos rasteiros, tropeçando e cahindo nos barrancos.

Uma voz lhe dizia: «Corre, corre mais»...

No cimo do monte uma ilhôa exclamava:

—Meu Deus!... Que é isto?...

Ella repetiu, quasi sem ar no peito, volvendo para a outra os olhos cheios de febre e agonia:

—Meu Deus!...

E eis que lhe respondem, num jacto de dor misturada de colera:

—Queixa-te de teu pae!...

Mercês cahiu de joelhos, juntando as mãos para o céo e sentindo a punhalada daquella apostrophe.— Seu pae?... Nunca! Impossivel! Estaria louca?... Viu de um lado e d'outro o mar coberto de espessa bruma e nessa bruma negrejante, que o sol não dissipava, ardiam relampagos avermelhados: o trovão das peças

ralhava sem demora. Tornou a achar-se só, abandonada, no cimo do outeiro que lhe mostrava todo o horror da verdade.

Depois, que fôra feito de si? Tinha vagueado, sem consciencia; tinha descido ladeiras, trilhado mais relvas e cardos, seguindo outras chusmas attonitas de mulheres e meninos; tinha cahido e tinha-se levantado muitas vezes.

Correndo sempre, sentiu zoada e refregas. Ia já pelas sombras de um pomar; entrevia mangues, areia, ondas. Era a praia. — Aonde vaes, Mercês?... Não sabia. Ia para o desconhecido, para o fim de tudo, dos seus soffrimentos, da sua desgraça, da sua vida...

Agora avistava homens por toda a parte: atraz dos mangues e das cercas, de paredões de pedra e areia, de troncos e moitas, em buracos e regos. Os estrondos partiam de terra e do mar, vinham rolando enormemente da praia e de mais longe.

Então como as outras corressem para essa praia fulgurante, ella não recuou. Achou-se perto de um grupo de homens tetricos, requeimados, com os rostos manchados de preto; elles fervilhavam, sempre em redor de uma peça, que

ás vezes bufava um clarão vermelho e expellia fumaça.

As loucas se arremessavam para deante, sobre a areia escaldada. Buscavam seus maridos? seus filhos? seus paes?...ou a morte? Queriam morrer com elles talvez...E elles surgiam, trefegos, demudados, com armas como caçadores, espiando para a frente e para os flancos, no meio de estalos e ribombos.

Seu atordoamento cresceu. Pensou ir cahir, quando viu que, dentre as companheiras, muitas se debruçavam na areia, a cavar, a cavar com as mãos, avidamente, e retiravam pesadas massas negras e redondas, que largavam, correndo, junto aos guardas da peça, tornando sempre ás carreiras, em tresvario.

Comprehendeu e imitou-as, mas com furor.

Tinha achado o seu destino. Era então para isso que os seus pés a trouxeram até alli?...

Uma bala girou no areal, a poucos passos della. Deu um bote, suspendeu-a, correu á bateria.

Desde então foi a mais temeraria, a mais destemida e rapida.

Habituou-se aos estampidos, ao fumo e ao fogo. Começava a distinguir e a reconhecer al-

guns dos homens...Mas não via Pedro. Empolgava as balas, que lhe escapuliam dos pulsos; tornava a apanhal-as. Os artilheiros recebiam-na com gritos que a excitavam.

Percebeu que um delles jogava a massa de ferro na alma da peça e que outro socava... O estampido ensurdeceu-a. Fugiu.

Seu rosto abrasava, o cabello solto e esparso debatia-se com a saia tumida, ao sopro irritante do golfo.

Subito, ouviu sons de corneta, e emquanto suas mãos hirtas e enfumaçadas disputavam a bala a outras mãos, rebentaram os tiros mais fortes e repetidos.

Homens, meninos e mulheres rolaram a seu lado; outros correram, fazendo alarido.

Uma linha de atiradores sahiu detraz da estacada e avançou para a orla da praia, onde as ondas impavam, reluzindo como peitos de aço.

Mercês internou-se com os fugitivos, roçagando os mattos que lhe arrancavam fios de cabellos e pedaços das vestes. As outras sumiram-se.

Ella suffocava, mas corria sempre, sem rumo, os olhos turvos, um calafrio nos hombros e o coração a jogar como as ondas.

Tinha chegado á sombra das mangueiras. Um véo mais escuro lhe cobriu os olhos, sua cabeça girou, as arvores e as sombras giraram, as explosões echoaram longinquas.

Faltou-lhe o folego e o passo; vacillou e cahiu.

....

A' mesma hora, distante meia milha ao sul, a barraca de Galvão, ao fundo da bateria de Pedro, desapparecia nas chammas de um incendio.

Ao longo da costa os voluntarios entrincheirados disparavam as armas, descargas sobre descargas. Lanchões e escaleres da esquadra lusitana vogavam para a terra.

Era o desembarque.

Um cavalleiro surgiu em Amoreiras, com avisos. «Tentava-se o mesmo assalto na praia de oéste. Os barcos se batiam». O trom da artilharia lusitana recrudesceu. Canhoneiras approximavam-se da vasa a lançar balas, protegendo o desembarque. E as lanchas apinhadas de marujos e soldados avançavam sempre.

Ao toque da corneta respondia a fuzilaria, das estacadas, dos fossos e trincheiras. Dos pontos extremos da costa convergiam projecteis para o mar.

Depois, como os lanchões vogassem mais perto de terra, a desfazer-se em fogo, as linhas de atiradores corriam até a vasa e atiravam.

Pedro abandonou a sua peça e com a espingarda juntou-se a elles. Moviam-se então num vae-vem accelerado, que se repetia pela extensa curva da enseada... Era a propria visão do carpinteiro, em certa manhã longinqua de inverno: as maretas vivas troando e espumando pela boca dos fuzis. Iam e vinham, num balanço e escarcéo de ondas encapelladas, e á beira d'agua explodiam.

Os lanchões ainda vogavam. Mas de repente, como espantados da audacia e resistencia d'essas vagas humanas, pararam, vacillando, no fluxo do mar que as rajadas de nordeste faziam estremecer com certo rancor.

Receberam novas descargas. Cahiram homens a bordo. Viram-se outros bracejando n'agua. Era tudo confusão e panico. Perdiam-se remos, espadas, croques, espingardas. A maruja afogava-se.

E outro cavalleiro vinha chegando da Ponta das Baleias, a annunciar:

—Os barcos de Bottas destruiram dez embar-

cações. Fazem-se abordagens e presas. Grande mortandade...

Então, num impeto de enthusiasmo, o capitão Galvão arremessou-se, de espada em punho, até lançar as patas do cavallo na franja de espumas da praia.

Passava uma barca vomitando metralhas e tentando salvar os lanchões e os tripolantes que morriam nas ondas. Galvão mostrou-lhe o punho e gritou:

—«Bala de marôto não mata brasileiro!»

A metralha passou num vôo fatal, e os voluntarios viram no mesmo instante cahir o braço do seu commandante. Elle ainda meneou a espada, mandando as fileiras fazer fogo contra a barca.

Tinha a mão esquerda decepada!

Envolveu o pulso num lenço; perdia sangue, mas resistia ao tenente miliciano e ao sargento, que queriam conduzil-o a sua casa de Amoreiras. Obstinou-se e ficou a dirigir ainda por algum tempo a acção.

Eram quatro horas da tarde.

A acção proseguiu. A grossa artilharia conti-

nuava a bradar e o vento cada vez mais aspero, rugindo em toda a costa, empinava as maretas que já vinham alagando a *corôa* dos Cavallos.

XXXII

« CAIBRAS » E « PÉS-DE-CHUMBO »

Fazia cinco dias que se dera o combate e que a esquadra de Madeira, batida, destroçada em varios navios, deixando prisioneiros, com perda de oitocentos homens, entre feridos e mortos, se retirara para o ancoradouro da cidade do Salvador.

Como algumas canhoneiras ainda voltassem á ilha nas noites de 8 e 9 a travar tiroteios com os independentes, a esquadrilha de Bottas viera guarnecer a costa de léste: o que foi bastante para afugental-as.

D'ahi os barcos suspenderam ferro e partiram a cruzar a bahia.

Das guarnições das praias começavam a sahir os contingentes de patriotas das villas da Lage e Valença. Quanto aos insulares, permaneciam vigilantes e em armas, rendendo-se os piquetes no serviço dos varios pontos de defesa.

No quinto dia depois da victoria, pela manhã,

chegaram da Ponta das Baleias á posição de Amoreiras, num desses piquetes, o ferreiro Sergio e o pescador Gaudencio, que foram se arranchar na barraca do sargento Pedro.

Este, com as costas ainda queimadas pelo incendio do paiol, no dia sete, ouvia os camaradas, emquanto vestia a sua jaqueta branca sem divisas, resto de um escasso fardamento que haviam fornecido aos voluntarios.

Estava de folga e preparava-se para seguir até a Ponta. Seus grossos sapatos apresentavam o couro esfolado e tinham fendas cheia de grãos de areia as pantalonas de zuarte empastadas de polvora, no fio, traçavam sobre o calçado uma franja de farripas; a um canto, na ponta de uma bayoneta calada, pendia o chapéo de palha coberto de breu, que lhe servira de barretina durante os combates. Assim vestia o soldado da Independencia.

Apenas o ferreiro pronunciou o nome de João Portuguez, o sargento sustou o gesto que fazia para apertar o cinturão e perguntou, com um fremito no rosto bronzeado:

—Onde o viste?

Sergio respondeu, entreabrindo um riso maligno:

—Na praia de S. Pedro...

—Em que dia?

—No dia oito...Não o viste, Gaudencio?

O camarada confirmou, accrescentando: « O bom do homem...»

—Que estava fazendo?!... insistiu Pedro, já impaciente.

—Estava dormindo na beira do mangue, muito socegadinho, com um siry caxangá grudado no beiço.

Só então o sargento comprehendeu; mas não pôde rir como o bilioso camarada. Ao contrario, deixou ver a sua inquietação e o seu desgosto, allegando:

—Vocês sabem... Porque havemos de rir? Isto é serio, o homem tinha familia, patricias nossas...

—Sei, retrucou Sergio, desdenhando. A mãe de José Marôtinho tambem ficou sem filho; Voador, Graúna, Lourenço, Pedro Calafate, o velho Bartholomeu...que é delles e de tantos outros da nossa gente? E agora pergunto: foi ou não o alambiqueiro quem denunciou?

—Talvez que não...Mas se foi...antes o que elle fez do que a acção de Taneco. Miseravel!

—Na verdade...concordou Gaudencio, era um homem de opinião. E accrescentou, dirigindo-se ao ferreiro: —Diga o que se deu.

—Conte depressa, pediu tambem o sargento.

—Não sou tão mau... Veja só. Naquelle dia sahimos de manhã á gandaia, apanhando os defuntos. Já os urubús tinham comido as tripas de meia duzia de marôtos; a *corôa* tresandava a podridão e cada vez appareciam mais urubùs... Que trabalho porco p'ra enxotar as passarolas e enterrar a carniça! Ora, acabado o serviço no baixio, vinha eu, o *caibra*, para terra, quando topei numa poça, á beira do mangue, um corpo inteiro, inchado, e os papa-carniças já farejando...Era o homem. Eu podia dizer: fica-te ahi; urubús que te enterrem no papo. Mas que fiz? Enxotei os bichos e ferrei-o no croque; fui com elle a rasto até junto de um fosso. Lá o joguei e cobri com areia...O *pé-de-chumbo*! Nunca me enganei com elle.

Pedro passava a mão pelo cabello salitrado, e ia falar, quando a corneta soou do lado da enfermaria.

—Vamos, disse o pescador, embraçando o fuzil.

Dispersaram-se, tomando cada qual o seu rumo.

A' tarde, quando as sombras já avelludavam a fralda oriental do Balaustre, o sargento Pedro, marchando sósinho, chegava á praia da Ponta das Baleias. Desde ahi percebeu o reboliço de alegria a que o povo se entregava. Casas abertas e cheias como formigueiros, lotes de meninos a correr para a vasa ás cambalhotas, pescadores armados e mulheres que vinham sahindo dos mattos para as Quintas e a Banda da Praia, horriveis de magreira, pallidez e immundicia.

Perguntou a algumas pelo pae. Não o tinham visto. Folgavam, atarantadas, cercando os seus homens e rapazes de festa e carinho.

Depressa as moitas de mamoneira e coirana haviam desapparecido das ruas e dos largos.

Molhos de capim extirpado das testadas das casas eram lançados na vasa. Cães na espinha atiravam-se ás mãos da gente, lambendo-as com ternura.

Acreditava-se definitiva a derrota de Madeira e da sua maruja. « Não voltam mais», diziam todos, cheios de orgulho e fé.

Da quinta do major Lima uma voz chamou pelo carpinteiro:

—Pedro!

Elle seguiu; mas perto do alambique viu a passagem obstruida por uma grande multidão que ondúlava e fazia extraordinaria algazarra.

Uns pescadores gritavam:

—Larga o homem... Larga o homem!

Pedro adeantou-se, e os homens a gritar: «Solta! Larga!» Sobre todos, pairava com volteios colubrinos a cabeça de uma mulata possante, que insistia, esganiçada:

—Canta! Canta, pé-de-chumbo!

No meio da vozeria estalavam gargalhadas. Os meninos perneavam, barafustando por entre as pernas dos pescadores. Passava-se alguma cousa, ao mesmo tempo grave e grotesca, que fazia rir a uns e a outros reclamar e lastimar.

—Quem é? pôde emfim indagar o carpinteiro.

—E' demais, disse-lhe um velhote. E' Maria Felippa com o d'Olivaes.

O escandalo attrahia cada vez mais curiosos. E a mulher agigantada, com a camisa descahida, as costas lavadas de suor, os cabellos revoltos, agitava-se á frente da turba, com o homem preso pela gola da vestia, e sempre a gritar:

—Canta! senão te mato... Canta...

«Havemos de comer...
Marôtos com pão...»

A isso estrugiam de novo risadas, assuadas e protestos.

O portuguez não tugia, mas a mulata, com uma pertinacia nervosa, repetia, aos berros:

—Canta! Canta!... E' esta *caibra* quem te manda.

Apontava-lhe a lettra:

«Havemos de comer...»

De repente José d'Olivaes, o antigo mercieiro da povoação, escorregou das unhas da virago e deitou a fugir, todo agachado, em direcção á Banda da Praia. A massa deslocou-se, acompanhando o perseguido e a perseguidora.

Maria Felippa, suspendendo uma velha bayoneta que empunhava, disparara com effeito atraz do portuguez. Em breve tornou a agarral-o pelo cós das calças, deu-lhe safanões e tornou a gritar com frenezi:

—Não nos chamavas *caibras*? A caibra te ensina agora. Has de cantar! canta, pé-de-chumbo:

«Pois sim, pois não...
«Dar-lhes uma surra
«De bem cansanção...»

E com uns meneios colleados de cobra assanhada, envolvia o mercieiro, que tentava soltar-se-lhe das garras.

O sargento abriu caminho a cotovelladas e acudiu ao lusitano. Este abatido, espavorido curvava a cabeça forte e grisalha, tremendo.

—Larga, Maria Felippa! intimou Pedro.

—Quem és tu! não largo que não quero...— Ha de cantar... Canta, marôto!

Levantou a bayoneta. Ia espancar José d'Olivaes. Mas o sargento segurou-lhe o pulso e bradou com indignação:

—Basta!

O mercieiro, livre das mãos da megéra, varou uma viela e alcançou a porta de uma casa; mas ainda foi capturado na soleira da porta, onde a furia, já sem folego, lhe ia dictando:

—«Fazer...as marôtas ..»Canta, pé-de-chumbo...«Morrer...de paixão...»

E ia ferrar-lhe os dentes na orelha, quando de novo Pedro se interpoz, empurrando o desgraçado para a casa visinha por onde elle varou cegamente.

A mulata acompanhou-o, mas esbarrando com a porta fechada, retrocedeu e, desengonçando-se

em gestos sanhudos, vomitou contra o carpinteiro toda a sua peçonha de jararaca exasperada...

Elle não lhe deu mais ouvidos.

Depois disso caminhava o sargento para sua casa, a scismar, ligando pedaços de reminiscencias que lhe pareciam muito mais longinquas através daquelles sete mezes de campanha.— A guerra!... o inesperado e brutal desmoronamento de todos os propositos, de todos os sonhos... a quantos não teria desgraçado para sempre e sem remedio!... Extranhas mudanças!... elle que tantas vezes affrontara o perigo e a morte, agora, que já não via no horizonte as nuvens de tempestade nem ouvia na lingua de terra senão o murmurio carinhoso de suas ondas e o farfalhar alegre dos pescadores, dos meninos e das mulheres — elle tremia, sentia-se pequeno e frouxo de animo, avistando ao longe o cercado de sua casa, defronte do porto das canôas.

Ahi estava a casa de João Portuguez, ainda fechada. — Que era feito de Mercês?... Onde acharia seu pae André? E Manoela? Iria por acaso encontral-os? Mas em que estado?... Lá se esboçava um vulto, á soleira da casa de Calixto, que andava no mar com os barcos da esquadrilha.— «Será a mãe delle?» Lá estava o

tecto do *Convento*, quasi a desabar. E acolá um barco encalhado, desarvorado...No combate?...

Pedro foi de novo distrahido por uma onda de gente que despejava o becco, fazendo estrepitoso babaréo. Correndo ao povo, viu um homem alto, amarellado, hirsuto, com as vestes laceradas, entre um moço de pescaria e uma rapariga parda, magra, a retinir de paixão. Era mais um portuguez fisgado, apanhado na Cordoaria, de que fôra trabalhador, pelo bando reaccionario, sedento de vinganças.

—Que vão fazer com elle? perguntou o sargento.

—Mettel-o na cadeia, respondeu a mulherzinha rancorosa.—E elle que dê graças a Deus, accrescentou, porque devia engulir um ovo quente por essa boca de marôto.

—Marôto! Pé-de-chumbo! gritou em côro a populaça do sequito.

—Essa boca, proseguiu a parda, retesando-se e com a palma da mão para a face inerte do preso,—essa boca atrevida que só tratava a gente por *caibra* e que andou cantando com os marujos de *Trinta-Diabos*...Sabe o que elles cantavam? Canta, marôto, canta agora, se tens coragem:

«Arrené-g-o-go
Da mulá t-a-ta;
Calabró-t-e-te
Mulatinha, has de levar».

Apupos, gargalhadas, ameaças e convicios assoberbaram a voz da rapariga. O portuguez, descarnado, mas ainda moço e possante, soffreu novos empurrões dos fedelhos e foi seguindo pelo cós das calças, sem um gesto de revolta, em direcção ao *Convento*, no meio da inferneira a que sobresahiam as interminaveis apostrophes: —«Marôto! Pé-de-chumbo!...»

XXXIII

O ENCONTRO

O sargento deixou afastar-se a multidão e do ponto onde havia parado viu uma mulher descendo os degráos de pedra de sua casa, com um balaio de cisco que ia atirar fóra da cerca. Apressou-se, chamou e reconheceu, com surpresa, tia Manoela, a companheira de seu pae.

—Pedro, meu filho!. .

Ella correu logo a abraçal-o.

Tão maltrapilha, a velha creoula... tão magra, com a lã da cabeça tão branca e alta, não parecia a mesma senão na diligencia com que ainda se movia para os seus deveres de caseira.

Mas o sargento apenas fez esse reparo, recuou como assombrado e perguntou-lhe, anciosamente:

—Meu pae André, tia Manoela!?...

—Elle não tarda...ha de vir pela baixa da Eminencia...Vem de vagarinho...Ah! Piedade

de Maria... Seu pae está muito acabado, Pedro...

—Vem sósinho?...

—Com a filha de Santinha... Elles dous.

—Mercês com elle!... E Santinha?

—Deus a levou, coitada.

—Oh! tambem? Pobre Mercês, já não tem mãe nem pae...Fique ahi, tia Manoela, eu vou busca-los...

Não teve mais repouso.

Depois das commoções do combate, quando na praia de Amoreiras esperava a morte sublime, de pé, junto á sua bateria, ou no vae-vem das alas de atiradores, só agora sentia no coração alguma cousa igual á anciedade daquellas horas. Seria que a sua felicidade vinha emparelhada com a morte? Seu pae muito acabado, assim dissera tia Manoela...E em companhia de Mercês... Que extranhos acasos! Ella, sem pae nem mãe, ao lado de seu pae, que a reconduzia ao amor do filho!...

No Campo, onde passara, havia sete mezes (e diria que sete annos) expulso do lar a tiros, viu num grupo de invalidos um ancião que lhe pareceu Basilio.

Responderam-lhe:

—Basilio?...Deus lhe fale n'alma.

—Tambem, coitado!

Proximo ao bambual da Eminencia, no caminho dos mortos, encontrou a mãe de José Marôtinho, que o interrogou afadigada, quasi sem folego:

—Acharei meu José?... Elle veiu com os outros?

Era morto, o pobre José; mas elle fez que não ouvia e deitou a correr pela rampa, onde esbarrou deante de duas velhas guiadas por um moço de pescaria. Este conheceu-o e annunciou-lhe:

—*Seu* Pedro, o pae de vosmecê vem acolá.

Não tinha acabado de descer a ladeira, quando avistou á sombra rala das mangueiras, na baixa, um velho enrolado num surrão preto, a bater os joelhos, seguro pela mão de uma rapariga que o ajudava a suster-se nas pernas.

André tornou a cahir sentado, e murmurou sem surpresa nem commoção visivel:

—E's tu, Pedro!...Nossa Senhora te abençôe. Louvado Deus, que tornei a ver meu filho! Não ha mal que não se acabe...

Pedro ajoelhara-se a abraçal-o, como nunca

mais o fizera desde que foi homem. O velho, porém, não o deixou nem o reteve muito tempo nessas expansões; apontando-lhe a moça disse:

—Abraça-a tambem...foi um anjo, foi uma filha que achei.

Mercês quedava, emmudecida, branca da côr do panno do seu esgarçado jaleco, e recebendo os abraços do carpinteiro respondia, com a doçura de um olhar em que transpareciam longos soffrimentos, ás palavras que elle lhe dizia. O velho voltou a cabeça para os deixar falar; depois perguntou:

—Soffreste muito?...

—Soffri e não soffri... Era o meu dever...

—Foste ferido?

—Aqui...disse o carpinteiro, abrindo a jaqueta e a camisa para lhe mostrar o hombro.

Emquanto as mãos tremulas do pescador alisavam a cicatriz, sua voz se quebrava e tremia:

—Deixa-me olhar bem teu rosto, meu filho. Como estás magro!... Muito trabalhos, muita doença, hein?... Ou são meus olhos?... Póde ser; até a vista me falta...

Mas eram fios de lagrimas que afinal corriam, molhando-lhe as rugas da face, a boca murcha e as pellangas da barba.

A custo elle se poz em pé e começou a andar, sustido pelos braços, entre o filho e Mercês.

Subiam a ladeira semeada de malmequeres de ouro e boas-noites alvas, pela claridade amarella do sol que adormecia nas pitangueiras do cemiterio e na lombada dos montes. O canto do pavô enchia, como som de um buzio, o matto carrasquenho, para o lado da costa, donde o vento espargia o aroma dos fructos e flores das mangueiras.

—Descanso aqui, pediu André ao ganhar o tope do acclive.

E como visse o filho lançar os olhos á varzea da Eminencia, toda plantada de cruzes, sorriu e accrescentou:

—E' alli mesmo que eu queria dormir... Agora só preciso dos meus sete palmos...

D'ahi em deante não quiz mais descançar: seguiu vagaroso, a offegar e a falar da guerra, dos brigues, dos tiros. E fazia pausas para saborear as respostas de Pedro sobre o fim dos combates, a bravura do Lima e de Galvão e a derrota da maruja de Madeira daquelle orgulhoso Madeira.

—E cá não voltam mais, não hão de voltar... que ha quem possa mais... Deus e os homens... Como tu, meu filho...

Escutava os passarinhos nas ramagens, sorvia o cheiro dos mattos e recomeçava.

Mas quando entrou na povoação e descobriu o alvor da praia e o lençol d'agua do golfo acima do qual feneciam os ultimos tons violaceos do crepusculo, calou-se longamente.

As narinas dilatavam-se-lhe; ergueu a cabeça e abriu a boca a beber, com a gula propria dos velhos, o ar fino e sonante da sua Banda da Praia. O vento lhe bolia no chapéo, e elle achava-lhe graça; os meninos grazinavam á beira do mar, e elle ria-se.

Poz-se de novo a tagarelar.

—Meninos... meninos... tambem já fui menino. Ah! ah! Vêem? Nem parece que a guerra andou aqui!... Ah! lá está a casinha.. Cuidavam que não voltava? aqui estou com vida e com meu filho e minha senhorazinha... bem bôa que ella foi...

—Olhe, Sr. André... disse Mercês, triste.

—Sua casa? Console-se, anjo... Pedro, tu has de ir saber do pae d'ella. Acabou-se... o que foi já foi...

E os meninos a rir!... Olha como elles brincam, hein?... Mas não sei o que estou sentindo... E' alegria... Eu parece que morro de

alegria...Morro contente, na minha terra livre e despicada...

Entraram em casa.

Era noite e fazia luar.

André, já estendido em seu estrado, olhava para tudo e espantava-se de tudo ver em seus logares: a candeia pendurada no portal, os bolos de rêdes ao canto, a estampa de Nossa Senhora acima da mesa quebrada, que tia Manoela escorara com um espeque. Fazia perguntas e mastigava algum tempo em silencio.

Sorria e entristecia. Passavam-lhe nuvens pelos olhos. Depois chamou pela creoula, —que lhe trouxesse um «côco d'agua». Rusgou com ella porque não achava seu fuso nem sua roca. E dizia ter somno, mas não dormia; respirava com ruido.

Mais tarde appareceu a mãe de Sergio e a irmã de Manoela com os filhos. Pareceu-lhe que iam recomeçar os serões, e tornou a consolar Mercês.

Entrou Venancio, o zelador do nicho da Piedade.

Novo jubilo para o pescador. As casas da Banda da Praia punham luminarias, e elle applaudiu Mescês e o filho, porque accendiam tambem a sua tigelinha no parapeito da janella.

O zelador tomara assento á beira do estrado, e ahi, curvando a fronte, alva como leite, poz-se a murmurar com fervor.

—Milagre, meu velho... milagre!...

—Hein?

—A nossa Padroeira... já soube? foi sempre a nosso favor. Os marujos que estão presos na fortaleza contam a todo o mundo que vae lá... Que no dia do combate viram na praia do norte uma mulher branca, com um manto azul, os cabellos soltos, e linda, linda como uma princeza... Quando elles queriam desembarcar, quem diz que puderam! Nem demorar com a vista, porque ficavam cegos, de luz e raios que ella mandava!... Que nenhum homem da tropa fez tanto medo a'elles. Onde a senhora estava os lanchões não iam p'ra deante, os braços não podiam remar, as espingardas não davam fogo...E cada onda, cada escarcéo que parecia um outeiro! Não viam senão o resplandor da luz que ella trazia na cabeça... Quem foi ella, meu velho? Quem foi? Pergunte a mim que achei o nicho aberto e o manto de Nossa Senhora, da Senhora da Piedade, todo salpicado de areia... Ah! meu velho, a Deus nada é impossivel, nada, nada, nada...

André escutava em silencio, na delicia de um sonho bemaventurado.

Depois falou:

—Milagre, sim... Ella não podia ser senão por nós... a nossa Padroeira. E tudo é milagre. Onde estive eu e agora onde estou? na minha casa, na povoação de S. Lourenço, na Ponta das Baleias... Olhe quem está alli... é Pedro, meu filho Pedro. Está vendo? As barcas não voltaram, nem nunca mais, nunca mais. Agora sim...

Fez pausa, olhando para o luar que entrava pelas janellas e lhe banhava o rosto.

—A piedade de nossa Mãe salvou-nos... Bemdicta seja ella...

Depois de nova pausa:

—Mas não sei o que estou sentindo... Meu filho, vem cá; és tu mesmo, hein? Tudo está em paz... e este barulho? é o povo, não é? Não sei o que tenho. Minha senhorazinha, console-se... Pedro, vem cá... O velho André, teu pae, não póde mais...

Tomou as mãos do filho e as mãos de Mercês; juntou-as e disse, anciando:

—Ficam vocês... acabou-se o velho André... Tia Manoela, dê cá minha Nossa Senhora, quero

estar com Ella... aqui no peito. Esta luz... a lua... o resplandor... No céo...

Calou-se.

No outro dia ao pôr do sol, o velho André foi descançar no fundo dos seus sete palmos de terra, não atraz da «igreja velha», mas á baixa da Eminencia rodeado de tufos de pitangueiras floridas, onde piavam passarinhos e purpureavam bagas odorantes.

XXXIV

A ENTRADA TRIUMPHAL

A entrada das forças independentes na Ponta das Baleias, por um meio dia abrasador desse mez de janeiro de 1823, foi um desfilar solenne e triumphante.

Pela primeira vez rolava nas praias da ilha o som dos tambores, acompanhando o canto de um clarim.

Os voluntarios provados no fogo dos combates, marchavam sem uniforme, com as vestes grosseiras da campanha, alçadas na testa as abas dos seus chapéos de pindoba e aricory; traziam nos rostos morenos a altivez de homens que se fazem livres pela virtude unica dos seus braços e da propria vontade.

Dizia-se no meio do alvoroço popular:

—Labatut mandou uma proclamação e uma bandeira.

Era a bençam dessa bandeira que se ia celebrar na igreja do Santissimo Sacramento para

onde se apressavam massas de povo excitadas pelo rufar interminavel dos tambores e pelo rasgo do clarim, ao sol e á poeira.

Reappareciam os antigos homens bons e personagens da terra, que vinham dar louvores aos santos padroeiros: o amavel cirurgião, baixo e risonho, com uma palma no peitilho do sobrecasaco de mursa, ao lado do velho padre João da Costa, que, tirando das dobras da batina a sua mão de cêra, lançou a bençam aos pescadores armados.

Entraram estes e logo a tropa fez tinir as armas, em continencia ao governador Antonio Lima, já em uniforme de tenente-coronel da 1.ª linha, a que fôra promovido por Labatut. Com o governador chegaram os cirurgiões-móres do regimento e os irmãos Baptista Massa, trigueiros e altos, vestidos de ganga amarella, ostentando enormes topes de folhagem de mangueira nuns largos chápéos de palha.

Chegaram ao adro do templo algumas das matronas e recatadas filhas dos homens bons. A escumilha e a bretanha dos seus trajos reluziam de aljofares, de lentejoulas e recamos de prata.

Não faltou o anachronico Leonardo, thesou-

reiro do Santissimo, vestido á côrte, de casaca e calções de setim branco, a pisar mansinho com os seus sapatos de fivela dourada e meia de sêda, uns farelos de cans á borda do chapéo armado e o punho de rendas no copo do espadim.

O sino do Santissimo repicava sem tregoas e os meninos soltavam guinchos de prazer, vendo scintillar as bayonetas da milicia.

Quando, finda a ceremonia, a tropa marchou para a explanada de S. Lourenço, havia no pontal, em frente dos muros da fortaleza, tamanha agglomeração de mulheres, meninos e paisanos, que os voluntarios foram obrigados a marcar passo algum tempo, até ser evacuada a praça. A milicia estendeu-se e o povo refluiu, marulhando.

Surgiram então a uma janella da casa de ordens o governador militar e o commandante da fortaleza. Lima, com um papel na mão, levantou a face glabra e vermelha, relanceou a vista ás fileiras e disse, em voz firme, alta e pausada:

—O Sr. brigadeiro Labatut, commandante chefe do exercito, envia do seu quartel-general do Engenho Novo esta proclamação, para ser lida em frente da tropa, e uma bandeira; que é

o pavilhão do Imperio do Brasil, que a villa de Cachoeira, como sabeis, foi a primeira a proclamar...

Reinava silencio.

Alguns homens se moviam de vagar para o angulo da muralha onde tambem se achava, ainda de folga, o sargento Pedro. O papel passou do governador ás mãos do major commandante, que se poz a lel-o, declamando:

— « Soldados brasileiros, que denodamente defendeis Itaparica! — Eu vos agradeço em nome da nação e do nosso augusto imperador a bravura e a bizarria com que repellistes dessas praias... »

Eram de Labatut essas palavras, d'aquelle que os fazia sonhar acordados, evocando a lenda enorme, portentosa, dos seus doze familiares heróes de França!

Emquanto o major declamava, resplandecia a face dos moços, desenrugava-se a testa dos velhos, eriçavam-se os seus cabellos grandes e rispidos, crescidos ao abandono da vida de campanha.

— « O dia 7, 8 e 9 do corrente, vos collocou com justiça na serie dos Camarões, Negreiros e outros heróes brasileiros... Quanto é bom e honroso deixar á posteridade riqueza deste cunho

que o tempo não gasta e a traça não consome!... »

Ouvia-se o respirar dos peitos mal cobertos pela camisa dos pescadores. E o silencio tornou-se mais frements de emoção quando o general, cujas palavras eram reproduzidas, exaltando os pescadores-guerreiros, prognosticava o que d'elles diriam de altos louvores, no futuro, os filhos e netos de um Lima, de um Galvão, de cada um dos seus bravos camaradas.

—« Recebei, valentes defensores de Itaparica essa bandeira nacional do independente Brasil; certo fico de que até aqui os vossos feitos têm sido espantosos... Ah! como o não serão, encarando vós esta insignia que lembra a liberdade civil e a independencia de uma nação que ha de vir a ser a primeira do globo!... »

O carpinteiro perdia-se num vago e deslumbrado scismar, com a intuição d'essa patria vasta, livre e *primeira*, a desdobrar-se, como o prolongamento das praias da ilha, para além das suas aguas de esmeralda que murmuravam perto, ás abas do fortaleza de S. Lourenço.

—«Eia! Itaparicanos! continuae a mostrar aos nossos inimigos que tendes por divisa e é o vosso timbre—Independencia ou Morte... »

Ahi acabava a proclamação de Labatut.

Os vivas rebentaram de todos os peitos. Mulheres e anciãos soluçavam alto.

Filas de soldados avançavam e o povo corria, invadindo o portão, para a plataforma da fortaleza.

D'ahi descortinaram a crista pardacenta do Balaustre, cingindo um como halo de ouro; e os pelotões, associando-lhe a imagem de Barros Galvão, montado no cavallo crinalvo, com o pulso cortado a escorrer sangue, na praia de Amoreiras, faziam acenos para o monte longinquo.

O pavilhão verde e amarello, desfraldou-se mastro acima, e a bateria começou a salvar.

Depois disso evacuou-se a praça d'armas, e immediatamente proromperam vozes na explanada:

—A's Amoreiras!

—A's Amoreiras!

E a tropa começou a marchar, sob as bayonetas, com todo o estrondo de acclamações e cortejo immenso de povo. Deixavam erma a Ponta das Baleias para ir saudar o capitão da milicia, a aguia insular que pousava agora ferida, mas invicta, na encosta do monte, ainda a olhar e a vigiar os seus reductos não violados.

XXXV

A PALMA DO AMOR

Já ia distante o prestito, já o clarim tangia longe, e Pedro parado na praia calma de oeste, ao fundo da igreja do Sacramento, contemplava as ruinas do seu estaleiro sem paus nem taboado. As forjas ainda permaneciam fechadas; havia lanchas nos portos, sem calafeto. Nem um só carpinteiro, ferreiro ou calafate na obra; nem um pescador no mar.

—Acabou-se a guerra?...

Pedro queria crel-o e a bandeira, sorrindo no ar, dizia-lhe: — acabou-se.

Mas o canto do clarim echoava, e esse echo infundia-lhe n'alma não sabia que vagas inquietações, que receio de novas surpresas, de lutas indefinidas, se acaso ainda voltassem os lusitanos. Todavia a Ponta se repovoava, os emigrados vinham chegando com as familias, todos crendo no effeito das victorias ganhas pela milicia da ilha, confiando em Labatut, na proxima ca-

pitulação do general Madeira, no principe e em seu grande ministro lá na côrte, na pacificação completa da provincia e do paiz.

O sargento Pedro pensava em transferir-se para a guarnição de S. Lourenço onde já estava João de Deus, e para onde viria provavelmente o camarada Sergio.

Olhando para a Outra-Banda, viu surgir, nas aguas do Funil, véla de uma embarcação costeira. Seria mais alguma familia que volvia ao lar?

—Não, elles não voltam mais, os lusitanos!—concluiu, tranquillizando-se.

A maré estremecia ao sol, um cheiro acre de algas mortas se evaporava ao longo da praia ponteada a piscas de fogo; as andorinhas papeavam, adejando no beiral musgoso da igreja.

De subito os passos do carpinteiro se acceleraram, conduzindo-o, pelo beco, para a Banda da Praia. Sua boca sequiosa murmurou:

—Mercês te chama. Vae vel-a...

E só por ella alli estava, deixando de ir acclamar com os camaradas seu glorioso capitão.

A face clara de Mercês, com aquella flor de mocidade poupada pela agrura dos máus dias, e aquelle olhar adormecido nas recordações do

soffrimento, á sombra dos longos cilios e do mesmo frondoso cabello ondeante e castanho, essa imagem lançou-o numa flamma tão crepitante de sensações, que lhe pareceu o accordar de um profundo somno, mas para outra vida, bem differente da do filho e do soldado.

Seu andar pressuroso, como que trépido, era o de um refém que atravessa o campo inimigo, e corre para a liberdade que o fascina.

Elle corria para o seu amor.

Mas, apenas chegou á praia opposta, e divisou em cima do comoro de areia e pedras, nas sombras transparentes, o perfil da moça, voltada para as distancias do Balaustre, sentiu-se ermo de todo o pensamento e de todo o instincto brutal. Uma voz lhe dizia: « Poupa-a; seu coração ainda está ferido ».

Elle parou a observal-a, querendo adivinhar as scismas que da fronte adorada batiam azas para além.

Mercês vestia nessa tarde o vestido anilado com que elle a vira um dia na capella do padroeiro S. Lourenço. Mas vestia sem prazer, sem intenção, com a graça inconsciente das collinas que maio reverdece, ou das ondas que a hora azul de Vesper amacia. Tinha aberto sua casa,

revistado e escutado os aposentos vasios. Esperava ahi continuar a viver como a Deus aprouvesse—de costura, em companhia de alguma boa moça da sua camaradagem. Assim viveria, até...

Foi o que Pedro lhe ouvira dizer na vespera, deante de tia Manoela e outras mulheres, emquanto se forçava a porta da pequena casa.

E agora, vendo-a lá em cima do monticulo de areia, que lhe dava a lembrar as visagens do moço de pescaria, recordando-se da noite em que a torturara com suspeitas e remorsos, e de tudo quanto ella havia padecido em sete mezes de atribulações pela brenha, só um desejo o tentava: o de pôr-se a rastos e ir cobrir-lhe de beijos os delicados pés, que se feriram em tantos espinhos.

Quando o sargento a surprehendeu na duna, os fios da coma a esvoaçar, a vista afogada no espaço, ainda se percebia o rumor dos tambores meio velado pela bulha das ondas. A bandeira fluctuava e tremia muito alta, a noroeste, por cima do pontal, e as velas da flotilha insular corriam para o sul, dominando a bahia de todos os Santos.

—Foi bem lembrado.. disse elle, olhando tam-

bem a cinta branca da costa, por onde se afastavam os milicianos em marcha. Quem viu o nosso capitão aquelle dia, naquella praia, acceso como o ferro na fornalha, nunca mais poderá se esquecer de tanta coragem. Nem á vista do seu proprio sangue e da sua mão cortada esmoreceu! E' bem que lhe façam festas. Sem elle o que seria de nós? onde estariamos? Aqui?... Ninguem sabe. Haviamos de voltar, mas quando?

Interrompeu-se para não avivar tristezas.

—Veja agora este socego... e aquella gente que parece doida de alegria...Cuido estar ouvindo o escarcéo dos vivas acolá... Não ouve, Mercês?

—Ouço rufar... Não sei o que sinto quando o vento me traz esse barulho.

—E é por isso que estava aqui sósinha e parada...imaginando?... Venha commigo, vamos aonde está a bôa Manoela. A terra está em paz, afinal. Já é tão differente!

—Tudo está differente, com effeito.

—Tudo?

—Sim. Até eu, que não sei de mim, nem onde estou, nem o que hei de fazer de hoje em deante. Que solidão! Que mudança em tudo...

Pedro deixou-a soltar o seu gemido, e falou:

—Não. Ha cousas em que não se vê mudança... A dor é que engana, Mercês. O que a gente padeceu volta ao coração como as noites de escuro depois do luar. E' a dor... Tambem este logar ficou tão ermo que parece triste. Mas isto é hoje; amanhã...

Mercês volveu-se afflicta para a curva opalina da enseada.

—Não sei o que pense. Foi alli... oh! meu Deus! disse, apertando as fontes e repuxando os cabellos com angustia.—Quem sabe...se não fui eu mesma, com as minhas mãos, que levei a bala para o matar!...

—Que está dizendo?... Levar a bala... Que bala?!...

—A minha loucura, Pedro! Eu tinha até medo de abrir a bocca para dizer... Foi no dia do combate...Corri, corri com as outras por aquella praia, apanhando as balas... Não sei o que fiz. Se fui eu...meu Deus!

—Mercês, que loucura! Por aquella praia, no dia do combate!... Loucura! Loucura, sim. E porque deixaram?...Naquella praia!...Mas não, não pense mais nada, não tenha remorsos. Elle foi encontrado alli na *corôa*, ao pé d'aquelle mangue...

—Meu pae?

—Seu pae, sim; elle estava aqui, cahiu aqui, de um lanchão que vinha p'ra terra... Creia no que estou lhe dizendo. Ora que idéa...

Ainda tremia, possuido do horror desse perigo passado a que ella se expuzera; mas admirava-a ao mesmo tempo e, pegando-lhe com força os pulsos, repetia:

—Que loucura... Que loucura! E eu não saber! Porque se atirou assim, se eu lá estava? Se eu lhe disser, Mercês... Parecia-me que em toda essa guerra eu brigava por sua causa, para que você, meu pae, Manoela, todos pudessem voltar... Que me importava o sol, a chuva, a lama, os pés no chão, o corpo sem camisa, coberto de farrapos, a febre e o frio das maleitas...

—Soffreu assim, tanto...

—Que importa!...Desde que escapei das ondas, de uma tempestade naquelle meio de mar, onde passei a noite bebendo agua...

—Oh! Pedro...

—...desde esse dia acreditei que havia um anjo da guarda a meu lado, e que não morreria sem ver meu pae André, sem ver você... E nesta esperança, acredite, nem senti as dores do meu ferimento...

A estas palavras sentiu a moça ferver-lhe n'alma uma fonte de ternura. Tão leve quanto a pluma de uma ave, a mão d'ella pousou na espadua de Pedro, onde lhe vira a cicatriz.

—Foi aqui?...perguntou, e chegou os labios ao hombro do carpinteiro, cobrindo-o com os cabellos.

—Que vale isto?... Por minha vida, as suas mãos fizeram muito mais! disse elle, com arroubo. Mas a guerra se acaba, ha de acabar... E' aquella bandeira quem me diz... Olhe, Mercês, como ella estremece. Não parece até que ella está se rindo? que tambem sente a alegria d'aquelle povo, d'aquellas mulheres que lá vão correndo em alvoroço pela costa? E estas mãos que carregaram balas... Mercês, deixe-me beijal-as, já que pertencem a Pedro Carpinteiro!

—Seu pae assim o quiz.

—Só elle?...

Por unica resposta ella envolveu-o num olhar de infinita caricia e gratidão. Vencido da sua graça, elle calou-se. E ambos, silenciosos, tudo olvidaram, num sentimento de paz, de felicidade tão grande que parecia reinar em todo o universo.

Mercês despertou, repentinamente, desse ex-

tase, vendo o carpinteiro estremecer e voltar-se, com as faces contrahidas, o braço esticado e a mão aberta no ar, como que a aparar um golpe imminente...

O vento acalmara.

No silencio da costa passava um sopro estridulo de clarim, soando ao longe, nas praias de Amoreiras.

Essa voz de metal, concitadora e lancinante, acabava de lembrar-lhe que ainda não estava tudo findo, que ainda respirava o monstro da guerra, em alguma parte da ilha, da Bahia, do Brasil e dos seus mares.

XXXVI

AS DUAS VICTORIAS

Mezes depois. Era em começo de julho, na gemma do inverno.

O povo da ilha conservava-se em armas. Vigilante e alerta, nas costas cada dia mais fortificadas, sob a activa direcção do governador Antonio Lima, haviam augmentado a sua colheita de victorias e testemunhado novos acontecimentos e peripecias de campanha.

A' Ponta das Baleias viram os seus habitantes aportar, para ser recolhido á fortaleza de S. Lourenço, o coronel Felisberto Caldeira, commandante de uma brigada do Exercito Pacificador. Esse militar fôra accusado de tramar, com os seus soldados, a destituição do general chefe.

Com escarcéos de regozijo receberam de Pirajá noticia do bem succedido combate que, a 3 de junho, as forças independentes haviam offerecido ao exercito de Madeira, embaixo da propria linha das trincheiras lusitanas.

E que singular, que inexprimivel emoção ao saberem que fôra deposto o grande general! Labatut, preso e desacatado, no seu quartel de Cangurungú, a pedir garantias!... Contra elle tinha o chefe da rebellião proferido a surprehendente ameaça: «Os generaes não se prendem; matam-se!»

Depois disso, a soltura de Felisberto, que o governador da ilha teve ordem de remetter para o acampamento de Pirajá. Acompanham-no tres barcos da flotilha, commandados por João Bottas; mas, em meio da bahia, são os barcos accommettidos por sete canhoneiras inimigas. Trava-se o combate, que dura tres horas. Bottas apresa uma das canhoneiras, põe em fuga as outras, e torna a S. Lourenço, com alguns dos seus homens feridos, varios prisioneiros, peças, espingardas e munições.

E os habitantes da ilha conhecem ainda uma vez, com as emoções do triumpho, a gloria dos sacrificios voluntarios. É mais um heróe vindo de plagas extranhas — o almirante Cochrane — quem, reconhecendo o seu valor, eleva de posto o bravo Bottas e envia mil pesos duros para serem distribuidos pela tripulação dos barcos insulares...

Recuperada a terra, ajuntam-se as familias, reatam-se os labores pacificos, e nos serões e soalheiros repete cada qual o que ouve dizer ao governador, ao parocho, ao boticario, ao mestre-escola e ao cirurgião, dos negocios da côrte, dos famosos Andradas, da grande assembléa formada de brasileiros para dar lei ao Brasil, ao Brasil emancipado e soberano!

Era em começo de julho.

Dias depois de restaurada a cidade do Salvador, fundeavam nas aguas do pontal as improvisadas canhoneiras e bombardeiras da flotilha.

A victoria definitiva do Exercito Pacificador, deante de cujas armas se embarcara, ás occultas, pela madrugada de 2, o general Madeira com todas as suas tropas, repercutira nas praias da ilha, enchendo-a de um rebôo de acclamações delirantes.

O céo de inverno estancara as suas fontes, os sinos do Sacramento repicavam, e o pavilhão de S. Lourenço offerecia-se, palpitante, como a rama de uma arvore celeste, á luz macia da tarde.

A celeuma do triumpho cessara, havia poucas horas, quando um voluntario fardado, radi-

ante, com uma barretina nova e as divisas de sargento na manga da jaqueta, chegou ao porto das canôas, em frente ao cercado de sua casa, feito de ossos de baleia.

Do barco *Vinte e Cinco de Junho* saltava, na mesma occasião, outro voluntario conhecido.

Fazia mezes que se não viam. Abraçaram-se.

Calixto, com o semblante curtido pelos calores salinos, o bigode já branco, a argolinha da orelha azinhavrada, um carapuço vistoso como a camisa de baeta carmezim, estendeu a mão callosa ao sargento Pedro, dizendo:

—E foi-se o Madeira...

—Para sempre. Agora sim.

—Mas ainda tive um gosto... Quando a esquadra dos pés-de-chumbo ia sahindo, desferramos das Mercês, e batemos-lhe fogo até á barra. D'alli aproámos ao forte de São Marcello, atracámos, saltámos lá dentro com o capitão Bottas. Os brasileiros, presos no forte, tinham feito uma bandeira como aquella... O capitão mandou içar a bandeira. Foi a primeira...e fui eu, Pedro, fui eu, com estas mãos, que a levei ao tope do mastro. Oh! não te conto...Não tinha mais corda nem mastro e eu continuava a içar, a içar... Não sabia mesmo onde queria pôl-a...

—Nas nuvens?

—Não; mais alto ainda, d'onde o mundo inteiro, á roda de nós, pudesse vel-a...

—Pois eu tambem tive um gosto: icei aquella que alli está, e ainda dei fogo á bateria... Viva a nossa gente!

—Viva!

Expandiam em voz alta o seu ingenuo orgulho, quando Pedro, mudando de tom e inclinando a cabeça, disse:

—Faltou meu pae André para ver tudo isso. Que festa não havia de ser...

—Espere... Ha um anno, elle me perguntava, aqui mesmo, neste porto: « Calixto, quantas baleieiras sahiram esta madrugada? »

—Recordo-me.

—O velho André... Não pôde tornar a ver as baleiras no mar.

—« Não voltam mais », palavras d'elle. E não voltaram, os inimigos.

—Tambem morreu João Portuguez, hein?

—Morreu.

—Homem de opinião!... E a filha? e a mulher?

—Santinha descançou de vez. A filha... é minha mulher.

—Ah! casaste...

E depois de um silencio em que não havia mysterio para o carpinteiro, Calixto accrescentou:

—E que culpa ella tinha? Fizeste muito bem. Vale mais do que um posto... Sejam felizes e tenham muitos filhos para gosar o que o avô não pôde...

—Queres chegar? Lá está ella á porta com tia Manoela.

—Não. Vou ver minha mãe que deixei no Mocambo ha mais de dois mezes. Coitada! quanto não terá pensado no filho!... De lá volto para desarmar a balieira. Ainda espero matar peixe nesta safra.

—E eu botar um barco fóra dos picadeiros. E' preciso recobrar o perdido. Toca a trabalhar.

—Trabalhar, vamos, sim... Até depois.

Despediram-se.

Já na praia de oeste matraqueavam macetes nas querenas. As macetadas pareciam repetir: —trabalhar. Dois pescadores sahiram de uma estacada com as rêdes ao hombro. Os seus passos fortes nas pedras diziam:—trabalhar. Golpes de marreta começaram a vibrar ao longe. Os ferros soavam:—trabalhar.

Os sinos da «igreja nova» e de S. Lourenço recomeçaram o toque festivo.

Tudo annunciava o alvorecer da paz: as velas dos barcos artilhados que demandavam a costa, com flammulas brancas nos topes dos mastros; as canôas oscillantes, de pannos claros, prestes a sahir para os pesqueiros; as raparigas e meninos, grupados e garrulos á beira d'agua, reconhecendo as balieiras da flotilha que vinham finas, empinadas, da mais heroica e inesperada pesca...

De todas as coisas se remontava um hymno e uma bençam. As ondas eram mais livres e graciosas na sua marcha; as arvores mais verdes, mais farfalhantes e altivas; a bahia de Todos os Santos, vasta e inconquistavel, como os espaços por onde vogavam os galeirões e as alvas garças.

Pedro Carpinteiro poz-se a andar para casa, sorrindo mais uma vez á bandeira da Liberdade, á bandeira de ouro e de esmeralda, que symbolisava tambem a victoria do seu Amor.

FIM

NOTAS E ESCLARECIMENTOS

Lê-se na secção «Livros e Letras» do *Jornal de Noticias*, Bahia, n. de 16 de Maio de 1910:

«**O Sargento Pedro** (TRADIÇÕES DA INDEPENDENCIA)—*Um romance historico sobre a campanha de 1823.*

. . . .

«*O sargento Pedro* é o romance de um dos muitos herões anonymos que, na campanha pela nossa emancipação politica, desempenharam na ilha de Itaparica prodigiosos feitos, synthetisados na data de 7 de janeiro, que é alli annualmente celebrada. Em volta do romance propriamente dito do carpinteiro Pedro e de Mercês, a filha de uma ilhôa com um portuguez que seguiu o partido do general Madeira, desenrolam-se todos os successos e factos historicos que tiveram por theatro a ilha de Itaparica, seu littoral e suas aguas, prendendo-se aos acontecimentos da capital, do Reconcavo e do Rio de Janeiro, a começar pelas tristes occurrencias de fevereiro de 1822 nesta cidade e a sua

repercussão na ilha, terminando com a entrada do exercito pacificador e o desarmamento dos barcos artilhados, com que os intrepidos pescadores de Itaparica improvisaram a flotilha que luctou vantajosamente com a esquadra de que dispunha o general Madeira.

O talentoso auctor põe em relevo, sem nenhum exagero nem façanhas, adréde inventadas, todas as acções abnegadas e edificantes, praticadas em defesa do torrão natal pelos obscuros voluntarios da Independencia, acções que, descriptas com escrupuloso respeito da verdade historica, imparcialidade e fidelidade á tradição oral e escripta, constituem um dos mais bellos ensinamentos civicos para todos os tempos. Informa-nos Xavier Marques (o que era excusado advertir) que o seu pensamento, ao escrever esse livro, não é avivar sentimentos indignos desta epoca contra a nobre nação portugueza, a quem, tambem no seu pensar, estamos necessariamente ligados pelo coração e pelo espirito. O seu intuito foi prestar culto a tradições que merecem estar presentes ao espirito da geração moderna, porque honram os nossos antepassados e edificam os seus descendentes.

Da materia do livro, que será brevemente distribuido, darão uma idéa os titulos dos seus 36 capitulos, que são os seguintes:

....

O Sargento Pedro foi primeiramente publicado como folhetim no *Correio da Manhã*, do Rio; mas, sahindo alli truncado, o auctor trabalhou-o de novo ultimamente, fazendo-lhe alterações, correcções e accrescimos que o completaram ».

* * *

Se a historia do Brasil não fosse tão desconhecida de nós mesmos que, deante de livros deste genero, ficamos muitas vezes sem saber onde acaba a verdade e onde começa a ficção, escusada seria esta nota, que vem aqui a titulo de esclarecimento.

Convém, pois, e é prudente, tratando-se de novella desenvolvida em um meio historico, e que por isso talvez se chame romance historico, declarar que a inventiva do auctor, no concernente á guerra, interveiu apenas quando foi preciso encadear os acontecimentos por meio de algum desses pormenores a que não descem os chronistas. Mas isto mesmo se fez dentro da logica dos factos e dos costumes da epoca, podendo o auctor dizer, a proposito com os Goncourts: o que não é historico é historia *qui aurait pu étre*.

Authenticos e verificaveis, quer na tradição oral, quer nas chronicas (*Memorias Historicas e Politicas da Bahia*, por Accioli; *Memoria Historica so-*

bre as victorias alcançadas pelos Itaparicanos, por Bernardino Ferreira Nobrega, capitão cirurgião-mor do Regimento da 2.ª linha.—Bahia, Typ. Imperial e Nacional, 1827) são, entre outros episodios, incidentes e scenas os seguintes: o assalto á igreja de S. Lourenço, e a scena de profanação que se lhe segue; a traição, por fraqueza, do brasileiro Taneco; a pretendida evacuação da ilha por ordem vinda de Cachoeira; a entrada na fortaleza e a retirada de polvora e armas; a phrase de Galvão—«bala de marôto não mata brasileiro»—; as coplas cantadas por brasileiros e portuguezes; o caso que deu origem á lenda da Senhora da Piedade, já escripto pelo erudito sr. conego Francisco Bernardino de Souza, e a scena de Maria Felippa com um portuguez estabelecido na ilha.

***

Fala-se repetidas vezes, nestas paginas, na flóra de Itaparica, especialmente em mangueira. E como me fosse proposta a duvida sobre se em 1822 já havia mangueiraes naquella ilha, adduzo, além do testemunho dos seus mais antigos habitantes, um documento escripto irrecusavel, apesar de litterario. E' a *Descripção da Ilha de Itaparica* por frei Manoel de Santa Maria Itaparica, o *Anonymo* de quem se occupou Varnhagem no *Florilegio da Poesia Brasileira*.

Este padre, diz elle, ainda vivia em 1751: o seu poema *Eustachidos* não traz indicação de logar nem data de impressão, mas pertence por todos os indicios typographicos ao principio do seculo passado (1700). Juntamente com o poema sahiu á luz a *Descripção*, onde se lê a seguinte estancia, n. 55:

Tambem entre as mais fructas as jaqueiras
Dão pelo tronco a jaca adocicada,
Que vindo lá de partes estrangeiras
Nesta provincia é fructa desejada:

Não fiquem esquecidas as mangueiras
Que dão a manga muito celebrada,
Pomo não só ao gosto delicioso,
Mas para o cheiro almiscar oloroso.

INDICE